

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE MEDICINA**

**EDUARDA BARBOSA DE SOUZA**

**Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em  
situação de ruptura de redes sociais de suporte**

**São Paulo**

**2025**

**EDUARDA BARBOSA DE SOUZA**

**Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em  
situação de ruptura de redes sociais de suporte**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Medicina da Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Mestre em Ciências.

Programa de Mestrado Profissional Terapia  
Ocupacional e Processos de Inclusão Social.  
Área de concentração: Terapia Ocupacional,  
Contextos Comunitários e Inclusão Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sandra Maria  
Galheigo

**São Paulo**

**2025**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Preparada pela Biblioteca da  
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Souza, Eduarda Barbosa de

Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de  
jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte /  
Eduarda Barbosa de Souza; Sandra Maria Galheigo,  
orientador. -- São Paulo, 2025.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Programa de Terapia  
Ocupacional e Processos de Inclusão Social. Área de  
Concentração: Terapia Ocupacional, Contextos Comunitários e  
Inclusão Social. Faculdade de Medicina da Universidade de  
São Paulo, 2025.

1.Abrigo 2.Centros de atenção psicossocial 3.Experiência  
de vida 4.Juventude 5.Participação social 6.Terapia  
ocupacional 7.Território sociocultural 8.Vulnerabilidade social  
I.Galheigo, Sandra Maria, orient. II.Título

USP/FM/DBD-124/25

Responsável: Daniela Amaral Barbosa, CRB-8 7533

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Souza, EB. Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte. Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof(a)

Dr(a).: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a)

Dr(a).: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a)

Dr(a).: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos jovens que me ensinaram e inspiraram a ser uma adulta melhor!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a professora e orientadora Prof. Sandra Maria Galheigo que não desistiu de me acompanhar neste surpreendente mundo das pesquisas, tornando o caminho menos solitário e mais alegre, me guiando e proporcionando o florir da pesquisa em mim.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação de Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social da USP pela incansável luta em ajudar todos os alunos e manter o curso de mestrado.

Agradeço aos profissionais e usuários do CAPS IJ Carretel por permitirem que eu pudesse me tornar pesquisadora através das histórias vividas naquele espaço.

Agradeço aos inúmeros amigos que acompanharam a escrita desta pesquisa e, em tantos momentos, me ajudarem a seguir em frente.

Agradeço aos meus pais, Benedito e Antonia, que me deram o dom da vida, sempre me incentivaram a estudar e me emprestaram suas habilidades artísticas para que eu pudesse conhecer a Terapia Ocupacional.

Agradeço ao meu marido, Gustavo, que esteve ao meu lado desde o início desta caminhada, afirmando que sou capaz mesmo quando eu não acreditava mais.

## ***Senhor do Tempo***

*Eu não sou senhor do tempo, mas eu sei que vai chover  
Me sinto muito bem quando fico com você  
Eu tenho habilidade de fazer histórias tristes virarem melodia  
E vou vivendo o dia a dia  
Na paz, na moral, na humilde, busco só sabedoria  
Aprendendo todo dia, me espelho em você  
Corro junto com você, vivo junto com você, faço tudo por você*

*Seguindo em frente com fé e atenção  
Continuo na missão, continuo por você e por mim  
Porque quando a casa cai, não dá pra fraquejar  
Quem é guerreiro tá ligado que guerreiro é assim*

*O tempo passa e um dia a gente aprende  
Hoje eu sei realmente o que faz a minha mente  
Eu vi o tempo passar e pouca coisa mudar  
Então tomei um caminho diferente  
Tanta gente equivocada faz mau uso da palavra  
Falamos, falamos o tempo todo, mas não têm nada a dizer  
Mas eu tenho um santo forte, é incrível a minha sorte  
Agradeço todo tempo ter encontrado você*

*O tempo é rei e a vida é uma lição  
E um dia a gente cresce  
E conhece nossa essência e ganha experiência  
E aprende o que é raiz, então cria consciência  
Tem gente que reclama da vida o tempo todo  
Mas a lei da vida é quem dita o fim do jogo  
Eu vi de perto o que neguinho é capaz por dinheiro  
Eu conheci o próprio lobo na pele de um cordeiro  
Infelizmente a gente tem que tá ligado o tempo inteiro  
Ligado nos pilantras e também nos bagunceiros  
E a gente se pergunta por que a vida é assim  
É difícil pra você e é difícil pra mim*

*Vivendo nesse mundo louco hoje só na brisa  
Viver pra ser melhor, também é um jeito de levar a vida  
(Charlie Brown Jr)*

## RESUMO

Souza EB. Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2025.

O atual e preocupante cenário de vulnerabilidade social e seu impacto na saúde mental dos jovens em acompanhamento em CAPS IJ tem sido tema de debates e estudos de formuladores/gestores de políticas, profissionais de saúde e pesquisadores. O exercício da profissionalidade no acompanhamento de jovens em sofrimento psicossocial em um CAPS IJ é um mobilizador para o estudo de suas trajetórias sociais, escolares, culturais, e de seu acesso a políticas sociais, a partir do ponto de vista dos mesmos, afirmando a máxima “nada sobre eles, sem eles”. O objetivo da pesquisa foi estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso a direitos de jovens em acolhimento institucional que fazem acompanhamento em um CAPS IJ do município de Campinas-SP. Esta investigação se inseriu no campo da pesquisa qualitativa de caráter participativo, através do método do fotovoz, associado ao dispositivo da entrevista em movimento com os participantes por seus territórios de vida. A pesquisa contou com a participação de quatro jovens entre 14 e 18 anos que faziam acompanhamento no CAPS IJ e que estavam ou estiveram em acolhimento institucional no município de Campinas-SP. A pesquisa foi dividida em 3 fases: identificação dos participantes, convite e obtenção dos consentimentos e assentimentos; entrevistas em movimento com tiragem das fotos, seleção e narração; e análise temática reflexiva do material imagético e os registros do diário de campo da pesquisadora. A análise do material resultou na construção das seguintes categorias temáticas: (1) Vivências familiares, moradia e acolhimento institucional: impactos transversais na vida dos jovens, (2) Ser jovem: fazeres com sentido, circulação social e a construção da existência e (3) Construindo o amanhã. O estudo possibilitou conhecer os jovens a partir de suas potências e perspectivas de vida e de como enxergam-se enquanto sujeitos. A autonomia e a circulação social apareceram como componentes importantes de seu cotidiano. A pesquisa mostrou que o uso do método fotovoz e as entrevistas em movimento nos territórios de existência são ferramentas participativas e emancipatórias que podem ser utilizadas em contextos de pesquisa e de intervenção psicossocial. Ao combinar a fotografia, a caminhada no território e a narrativa pessoal, permitiu-se que os jovens pudessem expressar suas experiências, percepções e realidades através de imagens e histórias contadas por eles. Portanto, esta combinação foi um recurso eficaz para compreender as dinâmicas dos territórios de vida dos jovens, suas redes de apoio, os desafios enfrentados e fomentou o empoderamento individual, na medida em que puderam se reconhecer como agentes ativos de mudança. Por ser um mestrado profissional, foi realizado, como produto técnico-tecnológico, um catálogo das produções imagéticas e narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa, articulada com reflexões da pesquisadora, intitulado de “Trajetórias em movimento: imagens e narrativas de jovens nos territórios de vida”. É destinado a estudantes, profissionais da saúde, assistência social, educação, arte e cultura, e a jovens e adultos interessados, oferecendo uma visão poliocular sobre as possibilidades de existir no mundo.

**Palavras-chave:** Abrigo. Centros de Atenção Psicossocial. Experiência de vida. Juventude. Participação social. Terapia ocupacional. Território sociocultural. Vulnerabilidade social.

## ABSTRACT

Souza, EB. Life territories and challenges for the social inclusion of young people in situations of disruption of social support networks [dissertation]. São Paulo: “Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2025.

The current and worrying scenario of social vulnerability and its impact on the mental health of young people being followed up at a CAPS IJ has been the subject of debates and studies by policy makers/managers, health professionals and researchers. Professional practice in monitoring youth with psychosocial suffering in a CAPS IJ is a mobilizer for the study of their social, educational and cultural trajectories, and their access to social policies, from their point of view, affirming the maxim “nothing about them, without them”. The objective of the research was to study everyday life, the territories of life and access to rights of young people in institutional care who follow up in CAPS IJ. This investigation is qualitative participatory research, using the photovoice method, associated with moving interviews with the participants through their living territories. The research included the participation of four youth between 14 and 18 years old who follow up at CAPS IJ and who were or have been receiving institutional care in shelters in the city of Campinas-SP. The research was divided into three phases: identification of participants, invitation, and obtaining their consent and assent; moving interviews and taking photos, selecting and narrating; and reflective thematic analysis of the image material and the records of the researcher's field diary. The analysis of the material resulted in the construction of the following thematic categories: (1) Family experiences, housing and institutional care: cross-cutting impacts on the lives of young people, (2) Being young: meaningful actions, social circulation and the construction of existence and (3) Building tomorrow. The study made it possible to get to know the participants based on their strengths and perspectives of life and how they see themselves as subjects. Autonomy and social circulation emerged as important components of their daily lives. The research showed that the use of the photovoice method and moving interviews in the territories of existence are participatory and emancipatory tools that can be used in research and psychosocial intervention contexts. By combining photography, walking in the territory and personal narratives, the participants were able to express their experiences, perceptions and realities through images and stories told by them. Therefore, this combination was an effective resource for understanding the dynamics of the territories where young people live, their support networks, the challenges they face and fostered individual empowerment, as they were able to recognize themselves as active agents of change. The study showed that actions to strengthen social support networks can promote spaces for resignification, enabling young people to establish relationships of reciprocity and trust. As this is a professional master's degree, a catalog of the imagery and narrative productions produced by the research participants was created as a technical-technological product, articulated with reflections by the researcher, entitled “Trajectories in movement: images and narratives of young people in the territories of life”. It is aimed at students, professionals in health, social assistance, education, art and culture and, interested youth and adults, offering a polyocular vision of the possibilities of existing in the world.

**Keywords:** Shelter. Mental Health Services. Life Change Events. Youth. Social participation. Sociocultural Territory. Occupational therapy. Social vulnerability

## LISTA DE FOTOS

Foto 1:	Cheiro de Afeto.....	45
Foto 2:	Primeira carteirinha universitária.....	46
Foto 3:	Correr para não explodir.....	47
Foto 4:	Firmeza nas escolhas.....	49
Foto 5:	Caminhada de Lorraine na Lagoa do Taquaral.....	50
Foto 6:	Banco da reflexão.....	51
Foto 7:	A vida através do gol.....	52
Foto 8:	Uma vista bonita (foto representativa).....	53
Foto 9:	“A minha vista bonita”.....	54
Foto 10:	Caminhada de Rodrigo na Lagoa do Taquaral.....	55
Foto 11:	O cotidiano do abrigo.....	56
Foto 12:	Regra que mais gosta.....	56
Foto 13:	Regra que menos gosta.....	57
Foto 14:	Encantadora de gatos.....	59
Foto 15:	Pluralidade e diferença.....	60
Foto 16:	O que não se vê.....	61
Foto 17:	Rock, funk e <i>bullying</i> .....	62
Foto 18:	Mesmo caindo continue subindo.....	63
Foto 19:	Caminhada de Candy Bee na Lagoa do Taquaral.....	64
Foto 20:	Os parças, os motô.....	66
Foto 21:	Lipe, o desenhista.....	67
Foto 22:	Os “pipoca” de shopping.....	68
Foto 23:	Tudo que tenho na vida.....	69
Foto 24:	Brincando de dirigir.....	70
Foto 25:	Caminhada de Lipe na Lagoa do Taquaral.....	71
Foto 26:	Lagoa do Taquaral.....	95
Foto 27:	Mapa legendado da Lagoa do Taquaral.....	96

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Códigos Iniciais.....	38
Tabela 2	Temas.....	39

## LISTA DE SIGLAS

AI	Acolhimento Institucional
AT	Análise Temática
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS IJ	Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil
CNSM	Conferências Nacionais de Saúde Mental
CRAS	Centros de Referência em Assistência Social
CREAS	Centros de Referência Especializado em Assistência Social
DAS	Distritos de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NAPS	Núcleos de Atenção Psicossocial
NTIC	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
ONG's	Organizações não governamentais
OSC	Organização da Sociedade Civil
PAEFI	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família
PTS	Projetos Terapêuticos Singulares
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SAI	Serviço de Acolhimento Institucional
SUS	Sistema Único de Saúde
TAI	Termo de Assentimento Informado
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Terapeuta Ocupacional
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	15
1	INTRODUÇÃO.....	18
1.1	Juventude, Família e Vulnerabilidade Social.....	18
1.2	Territórios de vida, Participação Social e Circulação Social.....	22
1.3	Política Nacional de Saúde Mental Infanto-juvenil e os Centros de Atenção Infantojuvenil – CAPS IJ.....	25
1.4	O Contexto da pesquisa – Rede campineira: CAPS IJ Carretel e os serviços de Assistência Social no município.....	29
1.5	Pesquisa com jovens.....	31
2	OBJETIVOS.....	33
2.1	Objetivo Geral.....	33
2.2	Objetivos Específicos.....	33
3	METODOLOGIA.....	33
3.1	Metodologias Participativas e o Método fotovoz.....	33
3.2	População e local do estudo.....	35
3.3	Fases da pesquisa.....	35
3.4	Procedimentos de Caráter Ético.....	40
4	Resultados.....	41
4.1	Apresentando os participantes.....	41
4.1.1	Lorraine.....	42
4.1.2	Rodrigo.....	42
4.1.3	Candy Bee.....	42
4.1.4	Lipe.....	43
4.2	Caminhadas.....	43
4.2.1	Lorraine.....	44

4.2.2	Rodrigo.....	50
4.2.3	Candy Bee.....	55
4.2.4	Lipe.....	65
4.3	Refletindo sobre as caminhadas.....	71
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	72
5.1	Vivências familiares, moradia e acolhimento institucional: impactos transversais na vida dos jovens.....	72
5.2	Ser jovem: fazeres com sentido, circulação social e a construção da existência.....	76
5.3	Construindo o amanhã.....	81
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
	ANEXO I – Lagoa do Taquaral (Parque Portugal) .....	95
	ANEXO II – Termo de Assentimento Informado.....	98
	ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	101
	ANEXO IV – Parecer do Comitê de Ética.....	105
	ANEXO V – Autorização para Coleta de Dados.....	108
	APÊNDICE I – Descritivo do Produto.....	109

## APRESENTAÇÃO

Sou terapeuta ocupacional e atuei por quatorze anos em Centros de Atenção Psicossociais. Por seis anos estive como coordenadora do CAPS Infantojuvenil (CAPS IJ) Carretel que está localizado no município de Campinas-SP e por este motivo conheço parte da realidade local.

Durante este período, testemunhei inúmeras histórias de jovens<sup>1</sup> que estavam em programa de acolhimento institucional<sup>2</sup> e que realizavam acompanhamento também no CAPS IJ. Os maiores desafios que enfrentavam eram de sentirem-se ouvidos e considerados em suas demandas. Desejavam sentirem-se queridos pelos adultos e outros jovens que os cercavam e, também afirmavam seus desejos sobre terem suas próprias famílias, casas e trabalhos.

Contudo, grande parte destes jovens, ao completarem a maioridade civil, viam-se sozinhos, sem expectativas e com medo do futuro. Presenciava estes acontecimentos, justamente, por estes jovens não receberem alta ou transferência do cuidado do CAPS IJ imediatamente ao fazerem dezoito anos, embora, recebessem desligamento do programa de acolhimento institucional para crianças e adolescentes no dia seguinte a ficarem maiores de idade.

Como resultado destes acontecimentos, constatei que estes jovens quando transferidos para serviços de acolhimento institucional para adultos e famílias<sup>3</sup> não conseguiam adequar-se as novas regras e faziam enfrentamentos até serem expulsos destes locais e irem morar nas ruas de Campinas. Frequentemente, após um período, a equipe do CAPS IJ recebia a notícia que eles haviam sido presos e voltavam a viver de modo institucionalizado, mas agora no sistema prisional.

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação optei por utilizar a terminologia jovem e jovens, considerando que o grupo populacional a que me refiro e que estudo tem 15 anos ou mais e tem seus direitos regulamentados tanto pelo Estatuto da Criança e o Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) como pelo Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

<sup>2</sup> O acolhimento institucional para crianças e adolescentes é uma das medidas de proteção à criança e ao adolescente definida pelos artigos 98 e 101 do ECA (BRASIL, 1990), alterados pela Lei nº 12.010, de 2009 (Brasil 2009), que veio a substituir a redação anterior de “abrigo em entidade” por “acolhimento institucional”. Trata-se de uma medida aplicável sempre que os direitos de crianças e adolescentes, reconhecidos pelo ECA, forem ameaçados ou violados por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável ou; em razão de sua conduta (BRASIL, 1990). A Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais classifica os programas de acolhimento institucional como Serviços de Proteção Social Especial de Alta Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (Brasil, 2009).

<sup>3</sup> O Serviço de Acolhimento para Adultos e Famílias consiste em “programa de acolhimento provisório com estrutura para acolher com privacidade pessoas do mesmo sexo ou grupo familiar. É previsto para pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento” (Brasil 2013, p. 45)

Vale ressaltar que a grande maioria destes jovens, agora adultos pelo Código Civil, já haviam cumprido, em algum momento da vida, alguma medida socioeducativa. Sempre questionei a mim mesma, a equipe de trabalho e a rede intersetorial; quais eram nossas fragilidades, desafios e pontos-cegos, pois esse ciclo continuava e só “mudava de nome e endereço”. Assim, nasceu em mim o desejo de fazer esta pesquisa.

Trabalhei no CAPS IJ Carretel desde a elaboração do projeto de pesquisa até janeiro de 2024. Cabe ressaltar que no ato do exame de qualificação desta dissertação ainda atuava enquanto coordenadora. Portanto, posso descrever que houve dois momentos distintos em que ocupei posições diferentes durante a elaboração da presente dissertação. Desta forma, a minha posicionalidade teve que ser problematizada durante todo o percurso desta dissertação.

No primeiro momento foi necessário um constante diálogo entre a pesquisadora e a gestora que habitavam em mim, já que ocupar estes diferentes espaços trouxeram críticas referentes ao processo de trabalho, assim como, a preocupação de que as informações que detinha enquanto coordenadora do CAPS IJ sobre a história de vida dos entrevistados pudessem interferir nas caminhadas que com eles iria realizar.

Se por um lado a terapeuta ocupacional teve quatro anos de graduação, dois anos de pós-graduação lato senso e alguns outros anos de experiência para desenvolver a escuta clínica e a gestora já está habituada com processos de gerir e gerar uma equipe de trabalho, a pesquisadora ainda estava nascendo.

À medida que me desenvolvia como pesquisadora percebi que escolher caminhar, entrevistar e testemunhar imagens capturadas com o objetivo de conhecer histórias pessoais e que representam os sentimentos dos jovens é, de fato, ainda mais desafiador e inquietador. Afinal, não é a inquietação que move as pesquisadoras? Assim, me preenchi de uma postura mais reflexiva com a intenção de sair de um lugar enquadrado que estava anteriormente. Cheguei em meu segundo desafio e, também, uma grande aprendizagem, que foi do jovem não falar o que eu gostaria de ouvir e aprender a conduzir a entrevista no sentido que fosse de encontro com a pesquisa.

Fazendo a entrevista durante as caminhadas associada à tiragem e narração das fotos, em vários momentos fui me descobrindo pesquisadora e foi escrevendo meu diário de campo que transferei as cenas vividas para o papel. Entrelaçando na escrita o que o entrevistado me dizia e a minha própria reflexão, constatei que estava fazendo conversas com finalidade de que fala Minayo (2014) e, assim, fui aprendendo a guiar a entrevista com o objetivo de estudar, de fato e em cena, os territórios de existência de cada um dos entrevistados.

Embebecida com todas estas vivências, o segundo momento foi marcado por um sentimento de liberdade, tanto das amarras institucionais quanto na mudança de responsabilidade. Se antes havia um compromisso ético-político com a instituição que me contratava, após minha saída me senti uma pesquisadora mais independente e com a escuta enquanto pesquisadora, de fato mais ativa. A minha nova responsabilidade esteve intimamente ligada aos jovens e em como problematizar a prática, sem medos. Deste modo, o percurso como pesquisadora se tornou ainda mais importante para mim.

Como disse anteriormente, cotidianamente acompanhei as histórias de vida e a trajetória dos jovens em acolhimento institucional que fizeram e/ou fazem acompanhamento em saúde mental no CAPS IJ Carretel, bem como os desdobramentos que impactam diretamente a vida desses jovens, como a judicialização, os desafios para a garantia de acesso aos direitos e o impacto das próprias instituições, já que ao proporcionar cuidado em liberdade a estes jovens com longas histórias de institucionalização as contradições ao próprio sistema ficam evidenciadas.

Durante estes anos de trabalho e a minha constante inquietação, a prática profissional mostrou que os serviços que deveriam realizar a garantia de direitos aos jovens em situações de vulnerabilidades, muitas vezes os enquadram e realizam uma leitura disciplinar sobre os mesmos. Mantendo um olhar formatador que pouco possibilita situações de rupturas com aquilo que é socialmente esperado sobre estes jovens, ou seja, foi evidenciando-se um cenário social que, progressivamente, naturaliza a exclusão dos jovens e os culpabiliza.

Sendo assim, me alio aos que propõem um pensamento abrangente sobre as dimensões do cuidado, que pressupõe uma abordagem integral do sofrimento psicossocial e que exige saberes e tecnologias de diversos campos de conhecimento. Ainda, me alio aos que defendem que o jovem usuário dos serviços seja compreendido como sujeito social e sujeito de seu próprio projeto terapêutico, que deve valorizar, apoiar e reconhecer, dentre outras, a importância da convivência e da participação social.

Com isso, almejo contribuir para a visibilidade aos problemas vivenciados pelos jovens com histórico de acolhimento institucional que são acompanhados em CAPS IJ e refletir sobre os processos de participação social, inclusão e exclusão. Sobretudo, refletir sobre as ações que possam ser propulsoras de transformações emancipadoras ao propiciar aos jovens, de forma crítica e libertadora, a compreensão de suas próprias vidas e do contexto em que estão inseridos.

## 1. INTRODUÇÃO

As circunstâncias que motivaram a realização desta dissertação levam em conta o atual e preocupante cenário de vulnerabilidade social e do conseqüente impacto na saúde mental dos jovens em acompanhamento nos CAPS IJ, bem como da necessidade de escutar ativamente a esta população que mora em instituições de acolhimento institucional e que vive, em sua maioria, em um ciclo de repetição, onde o cotidiano das relações sociais é marcado pelo estigma e violação dos direitos.

A concepção de que estes são jovens-problema aparece com frequência sempre que eles se contrapõem às normas sociais ou normas pré-estabelecidas pela instituição de acolhimento ou quando cometem algum ato infracional, levando-os ao cumprimento de medidas socioeducativas. Outra parte considerável destes jovens ainda fazem circularidade na rua por dificuldades familiares, sociais e por encontrarem dificuldade na relação com os locais onde moram e, em alguns casos, podem fazer uso recreativo ou problemático de substâncias psicoativas.

Esta dissertação de mestrado sustenta-se na afirmação do valor do cuidado em saúde em liberdade de jovens em sofrimento psicossocial nos CAPS IJ e na compreensão da complexidade dos desafios para a articulação da necessária e complexa rede intersetorial de cuidados.

Teve como proposição estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso aos direitos de jovens que estão no sistema de proteção da infância e juventude, mais especificamente, em acolhimento institucional e que estão em acompanhamento de saúde mental em um CAPS IJ no município de Campinas-SP.

Busquei estudar a temática, através do olhar destes jovens e dos recursos imagéticos produzidos pelos mesmos, os territórios de vida e desafios que encontram no cotidiano. Espero, portanto, que a presente dissertação contribua para uma visão coletiva e poliocular sobre a juventude, enriquecendo, assim, as percepções sobre os jovens e suas necessidades através da experiência e compreensão deles próprios sobre suas atividades de interesse, seus desejos e a forma como enxergam e se veem no mundo.

### *1.1 Juventude, Família e Vulnerabilidade Social*

Esse trabalho buscou se aproximar da discussão de juventude a partir da experiência que os adolescentes e jovens têm de si e se afastar da ideia frequente sobre o jovem enquanto um sujeito em preparação para a vida adulta, sem capacidade para discussões sociais e políticas e, que, por estarem se desenvolvendo, não apresentam sofrimento psicossocial.

Desta maneira, é relevante lembrar que ao longo dos anos houve um crescente interesse sobre o tema da juventude pelos movimentos acadêmicos, midiáticos e políticos, direcionando

o olhar sobre o jovem e sobre a juventude, para seus direitos negados, para a ausência da participação social e para uma vida marcada por privações, denúncias, desenraizamento e rupturas sociais.

Assim, ao tornar a juventude sinônimo de problemas (para si próprios ou para sociedade) impele-se aos jovens, dilemas e dificuldades que deveriam ser entendidos como da sociedade como um todo. Estes fatos podem se dar pela incapacidade de reconhecer os jovens enquanto sujeitos capazes de se articularem entre si e com as demais pessoas, de formularem questões pertinentes às situações sociais em que estão inseridos e de, inclusive, proporem ações de mudança (Abramo, 1997).

Sendo assim, o trabalho se apoiou na perspectiva de que é fundamental reconhecer a juventude como um conjunto social diversificado de pessoas que pertencem a diferentes classes sociais, que possuem inúmeros interesses, necessidades, opiniões, que possuem distintos posicionamentos políticos e que tem oportunidades desiguais (Pais, 1990).

Abordar a juventude como grupo diversificado composto por diversas experiências, requer levar em consideração a coexistência de realidades e diversos contextos de vida que mesmo contendo consonâncias e similaridades, necessitam de formas singulares de cuidado (Oliveira, 2018).

É relevante apontar a relação da juventude com outros marcadores sociais da diferença, que por comporem o campo de estudo das ciências sociais, debatem as constituições sociais de desigualdade e hierarquização entre os sujeitos, sobretudo, nos impactos que podem ser gerados na vida social. Os grandes eixos da diferenciação social estão categorizados entre: sexo, gênero, classe, raça, etnia, idade, deficiência e orientação sexual. Cabe ressaltar que são nas interseccionalidades dessas categorias que podem ser constituídos coletivamente os marcadores que produzem, reforçam e/ou dinamizam as diferenças (Melo et al, 2020a).

Torna-se fundamental compreender como os marcadores sociais da diferença se interconectam com as experiências individuais dos jovens que as experienciam e como desembocam em sua vida social no que tange aos contextos políticos, institucionais e culturais, gerando maior ou menor grau de autonomia, emancipação e participação social. É relevante considerar-se também as vivências de opressão, discriminação e violência a que estão expostos (Melo et al, 2020b).

É neste cenário social que as vulnerabilidades atravessam o cotidiano dos sujeitos, das comunidades e de seus contextos, podendo tornar determinados grupos sociais mais susceptíveis para adoecimentos e/ou incapacidades e/ou com menos oportunidades e acesso a direitos (Silva, et al. 2013).

Ao analisar as vulnerabilidades, através da proposta de Ayres (2012), é possível estudá-las em três dimensões que interagem entre si: individual, social e programática. Para o autor, na dimensão individual é necessário analisar os aspectos próprios do modo de vida dos sujeitos. Na dimensão social, a análise é feita em torno dos aspectos materiais, culturais, políticos, religiosos, raciais, geracionais e éticos da vida em sociedade. Na dimensão programática é necessário analisar e avaliar a mediação das instituições sociais na vida dos sujeitos nas sociedades (Ayres, et al. 2003a).

Portanto, é o conjunto destas análises que propiciam uma compreensão dinâmica e complexa sobre a realidade vivida, sobretudo na identificação das vulnerabilidades e na elaboração de intervenções. Assim, um dos pontos primordiais no enfoque sobre as vulnerabilidades é o estímulo à participação e autonomia dos diversos sujeitos sociais (Ayres, et al. 2003b).

Não é novidade que grande parte da juventude brasileira vive em situações de pobreza, em suas múltiplas dimensões, com questões significativas relativas à renda familiar, educação, trabalho infantil, moradia, acesso à água potável, saneamento e informação (UNICEF, 2022). Desta forma, ampliar as lentes para a interface entre a juventude e as dimensões da vulnerabilidade é essencial para esta pesquisa, já que, diante da convergência das múltiplas vulnerabilidades, tanto os jovens quanto suas famílias, podem conseqüentemente dispor de um repertório desabastecido de recursos para enfrentar as adversidades ou mesmo desconhecimento dos direitos a que fazem jus.

Estes fatores podem desembocar na experimentação de sofrimento psicossocial, que pode resultar na necessidade de encaminhamento de alguns destes jovens a serviços especializados para proteção, cuidado e garantia de direitos. Alguns dos dispositivos institucionais destinados a estes jovens são os CAPS IJ e o sistema de acolhimento institucional, que serão abordados a seguir.

Entretanto, ao se estudar jovens em situação de vulnerabilidade social, incluindo os em acolhimento institucional foco deste estudo, há que se afirmar que sua condição não está dissociada de um contexto maior das famílias em situação de desproteção social.

Retomando a definição de família, segundo a Constituição Brasileira (Brasil, 1988, Art. 226, parágrafo 4), chega-se à compreensão inicial de “entidade familiar a comunidade formada por qualquer um dos pais e seus descendentes”. Já o ECA (Brasil, 1990, art. 25) define família natural como “a comunidade formada pelos pais ou quaisquer deles e seus descendentes”. Embora estas definições coloquem destaque na existência de vínculos de filiação legal onde há relação de parentalidade com pelo menos um dos pais e que esta condição

seja norteadora para defesa dos direitos das crianças e adolescentes, é preciso reconhecer a diversidade das organizações familiares no contexto sócio, histórico e cultural. (Brasil, 2006).

A concepção de família no contexto sociocultural atual a considera como núcleo básico de acolhida, convívio, autonomia, sustentabilidade e protagonismo social. Para a Política Nacional de Assistência Social (Brasil, 2004 pg 90), a “família é um núcleo afetivo, cujos membros se vinculam por laços consanguíneos, de aliança ou de afinidade, onde os vínculos circunscrevem obrigações recíprocas e mútuas, organizadas em torno de relações de geração e gênero”.

Sendo assim, entende-se família enquanto um grupo social que representa valores da sociedade e agrega-se a esta noção de família, o conceito de

Além disso, essa política agrega ao conceito a função de "agente socializador", o que supõe que ela seja capaz, ou torne-se capaz, de introduzir a criança no mundo social; possibilitar a aquisição de condutas, valores e conhecimentos básicos da sociedade em que vive; e somar sua ação "socializadora" à da instituição (escola ou centro infantil) e à comunidade. (Myer, Klein, Fernandes, 2012, pg 438)

Para Carvalho (2003) a família precisa ser reconhecida e entendida em seu movimento singular, onde há uma constante mobilidade entre sua organização e reorganização que torna visível múltiplas formas de arranjos familiares dentro da mesma entidade familiar que sofre ação direta de interferências naturais como a morte de pessoas da família ou situações abruptas de mudanças na renda, por exemplo. “Esta conjunção reforça a necessidade de se acabar com qualquer estigma sobre as formas familiares diferenciadas” (Afonso e Figueiras, 1995 apud Carvalho, 2005, p. 15).

Dadas as acentuadas desigualdades sociais na sociedade brasileira, um amplo conjunto de composições familiares vivem graves situações de vulnerabilidade social, de processos de exclusão social e cultural e de precariedade no acesso a bens e serviços públicos, o que vem precarizar a vida cotidiana e fragilizar os vínculos afetivos e relacionais dos seus membros. São nestes contextos que Estado e a sociedade precisam atuar para a criação e sustentação de políticas públicas e de redes sociais de suporte que apoiem estas famílias e possibilitem uma efetiva redistribuição de renda.

É neste sentido que o Sistema Único de Assistência Social, por meio de sua Norma Operacional Básica (Brasil, 2005), propõe que estas famílias “devem ser apoiadas e ter acesso a condições para responder ao seu papel no sustento, na guarda e na educação de suas crianças e adolescentes (...)” e reforça que “o fortalecimento de possibilidades de convívio, educação e

proteção social, na própria família, não restringe as responsabilidades públicas de proteção social para com os indivíduos e sociedade”. (Brasil, 2005). Quando estes esforços não são suficientes e as situações de fragilização dos vínculos familiares e comunitários são extremos, o encaminhamento de crianças e adolescentes para serviço de acolhimento em família acolhedora ou para serviço de acolhimento institucional são medidas para sua proteção. Em relação ao acolhimento institucional, recomenda-se que se garanta sua provisoriedade e excepcionalidade:

Acolhimento provisório e excepcional para crianças e adolescentes de ambos os sexos, inclusive crianças e adolescentes com deficiência, sob medida de proteção (Art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente) e em situação de risco pessoal e social, cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção. As unidades não devem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista geográfico e socioeconômico, da comunidade de origem das crianças e adolescentes atendidos (Brasil, 2013, p. 44).

Avanços têm sido identificados no processo de substituição do modelo de acolhimento institucional de crianças e adolescentes pelo modelo de acolhimento familiar (Silva, 2023), avanços estes compreendidos como resultantes de mudanças legislativas e normativas como a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS no 109/2009), a Lei no 12.010/2009, que alterou o Estatuto da Criança e do Adolescente, e as orientações técnicas para os serviços de acolhimento de crianças e adolescentes (Resolução Conjunta CNAS/Conanda no 1), e a portaria do reordenamento dos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes (Resolução CNAS no 23/2013). Entretanto, apesar destes inegáveis avanços, apenas políticas públicas para a redistribuição da renda e para a retirada de milhões de brasileiros da extrema pobreza é que possibilitará a diminuição do número de famílias desprotegidas socialmente e de crianças e jovens que ainda são encaminhados regularmente a programas de acolhimento institucional, tais como os jovens deste estudo.

### *1.2 Territórios de vida, Participação Social e Circulação Social*

Ao discutir jovens que estão enfrentando situações de rupturas sociais é necessário refletir sobre os processos de inclusão e exclusão sociais e como estes fenômenos incidem em suas vidas no que se referem à participação social, circulação social e acesso a direitos.

Cabe ressaltar que, por sua relevância, existem inúmeros estudos acadêmicos sobre estes grupos populacionais e suas realidades sociais que são provenientes das ciências sociais e humanas a partir de diversas vertentes teóricas.

A crítica em torno dos fenômenos de inclusão e exclusão social são semelhantes já que ambos são termos amplos que autonomizam situações enquanto estados e seus sinônimos podem ser utilizados erroneamente. Desta forma, para a inclusão social sugere-se uma noção de integração social, coesão e acessibilidade e para a exclusão social sugere-se desigualdade social.

A discussão sobre os processos de exclusão, deve se distanciar daquela realizada pelo senso-comum acerca dos grupos populacionais marginalizados e sobre a marginalidade, enquanto pessoas que estão à margem das regras sociais, pois esta perspectiva banaliza a complexidade sobre a questão social atual e dificulta a análise sobre a constituição das ausências (Castel, 2006).

Para Sposati (2006) o uso da palavra marginalidade enquanto substitutiva aos conceitos de opressão, dominação, exploração e subordinação também banaliza a questão social atual. Assim, a autora sugere uma distinção entre a pobreza e a exclusão social e afirma que a exclusão social se refere à discriminação e estigmatização, a valores culturais e a contornos próprios dos sujeitos para as situações experienciadas. Desta forma, jovens em situações de rupturas sociais enfrentam, experimentam e estão submetidos a diferentes qualidades e dimensões no que tange à exclusão e inclusão social, sejam elas a dimensão objetiva da desigualdade social, a dimensão ética da injustiça ou a dimensão subjetiva do sofrimento (Sawaia, 2002).

Se os fenômenos de inclusão e exclusão social estão presentes e em constante movimento na vida comunitária e social, como os jovens que estão em situações de rupturas das redes sociais de suporte, podem vir a ter experiências emancipatórias dentro de seus territórios de vida? Para iniciar a problematização a esta indagação é necessário retomar a discussão sobre território enquanto dimensão histórica, construído a partir das dinâmicas das relações de quem ocupa esse espaço-tempo.

Sendo assim, ao se pensar em território é necessário abandonar a definição limitada de lócus ou lugar e partir para a caracterização de local “de” e “em” movimento onde possa ocorrer vivências, relações e significados que desemboquem e que construam sentidos individuais e coletivos (Sposati, 2013).

Cabe destacar que foi no Brasil das décadas de 1970, 1980 e 1990, isto é, a partir da ampliação da luta dos movimentos sociais, que a concepção de território passou a ser aplicada às políticas públicas pela primeira vez, na busca de que sua implementação pudesse apresentar impactos na vida em sociedade, a partir de objetivos como os de diminuir os impactos que fossem excludentes e ampliar a garantia de ações incluídas (Santos, 1996).

Quando a questão se dirige à circulação social dos jovens, é importante destacar que os espaços públicos e a mobilidade urbana estão relacionados ao conceito de direito à cidade e estão diretamente ligados aos direitos de apropriações de locais de encontros onde possa haver trocas e uso pleno destes locais (Gonçalves e Malfitano, 2021a).

No cenário atual, a mobilidade urbana revela a exclusão social destes jovens, considerando que alguns deles podem fazer certos circuitos e outros não, o que demonstra que parte da juventude tem autonomia limitada em seu cotidiano, e liberdade restrita de circulação social. Para Gonçalves e Malfitano, 2021b “a mobilidade urbana é indispensável para a efetivação do direito à cidade, sendo uma dimensão fundamental para a compreensão do cotidiano dos sujeitos, sejam individuais e coletivos”, o que torna essencial para a efetivação da sua participação social e para a construção de redes sociais e territoriais de suporte.

Nesta perspectiva, compreende-se cotidiano como uma construção social e histórica que em suas múltiplas manifestações representa a concretude da vida das pessoas e que pode referir às situações inesperadas ou costumeiras e aos modos de ser, estar, viver e fazer (Galheigo, 2020).

Neste momento, faz-se necessário lembrar que esta dissertação estudou o CAPS IJ que é um serviço de base territorial e que atende crianças e jovens em sofrimento psicossocial. Ainda, que parcela significativa desses jovens em acompanhamento no CAPS IJ encontra-se em situação de ruptura de suas redes sociais de suporte, inclusive podendo estar em acolhimento institucional e/ou em cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Desta forma, torna-se imperativo extrapolar os muros dos serviços destinados à proteção, tratamento e cuidado desses jovens, a fim de encontrar um caminho que torne os espaços, realmente públicos e com possibilidade de circulação social, afirmando a máxima “*nada sobre eles, sem eles*”, pois ao se tornarem parte ativa do processo de cuidado, os jovens tornam a participação social uma experiência social. Sendo assim, um dos desafios instaurados no cuidado de jovens em sofrimento psicossocial, em situação de ruptura das redes sociais de suporte e, temporária ou definitivamente, em acolhimento institucional é o favorecimento de sua circulação, participação e inserção em espaços públicos e comunitários (Gonçalves, 2016).

Certamente, na configuração das políticas sociais atuais, há um posicionamento de recusa à naturalização da reclusão de jovens e de sua exclusão social e uma busca de eliminação das instituições de violência. Aposta-se em propostas onde o encontro com outro em sua complexidade de vida possibilite inventar novos percursos e novas realidades. Contudo, cabe sempre a problematização sobre em que medida para estes jovens é possível transformar seu próprio território de vida e de fato efetivar a participação e a circulação social. Ainda, cabe

refletir se os processos de desenraizamento que vivem tornam estas possibilidades menos palpáveis.

Portanto, as questões e reflexões que permearam e permeiam esta dissertação estão presentes no cotidiano partilhado com os jovens que estão em acolhimento institucional e em acompanhamento no CAPS II. Elas podem contribuir para a reflexão sobre os caminhos percorridos por esses jovens na direção da participação e inclusão social e sobre como compreendem seus territórios de vida. Ao mesmo tempo, problematizar sobre os desafios para a promoção da autonomia quando o imaginário social perpetua o medo em relação aos jovens em situação de vulnerabilidade social.

### *1.3 Política Nacional de Saúde Mental Infanto-juvenil e os Centros de Atenção Infantojuvenil – CAPS II*

O conjunto dos diversos marcos históricos, relacionados à redemocratização do País, como as conquistas sociais dos movimentos sociais nos anos de 1980 e 1990, a reforma sanitária e a luta antimanicomial, a promulgação da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) e da Lei Orgânica da Saúde (Brasil 1990b), ambos em 1990, foram essenciais para as mudanças em relação à atenção à saúde mental em liberdade e à proteção e cuidado de crianças e adolescentes no Brasil. Antes destes marcos legais e políticos, as políticas voltadas para crianças, adolescentes e jovens os identificavam como “menores”, não reconhecendo seus direitos, potências, capacidades participativas e nem sua busca de integração futura à sociedade. Desta forma, propunham ações tutelares, disciplinares e institucionalizantes, que promoviam a separação familiar como condição de disciplinarização e controle da vida das crianças.

Após a reestruturação política pós-constitucional, as ações destinadas à infância e juventude, passaram a ser ancoradas na proteção integral, na ideia das crianças e adolescentes enquanto sujeitos de direitos e no cuidado em liberdade (Couto e Delgado, 2015a). Estas mudanças estavam ancoradas nas diretrizes do ECA que descreviam e ainda descrevem em suas alíneas a garantia aos direitos e ressaltando a responsabilidade do Estado em assegurar a proteção integral, por meio da criação de espaços e vínculos sociais, familiares e afetivos, do fortalecimento do pertencimento a um território e sua rede social, do acesso à educação em instituições formais e da garantia de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde. (Brasil, 1990c)

No artigo 101 do ECA (1990) dispõem-se sobre o acolhimento institucional e o acolhimento familiar enquanto "medidas provisórias e excepcionais, utilizadas como forma de

transição para reintegração familiar ou não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade”. Trata, também, sobre as medidas socioeducativas que, em seu Capítulo II – Dos Direitos Individuais, “assegura que nenhum adolescente será privado de sua liberdade senão em flagrante de ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente” (Brasil, 1990e p. 73). Garante ainda que os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições, opondo-se assim sobre as institucionalizações de caráter corretivo (Brasil, 1990f).

É importante para esta pesquisa, reforçar as diretrizes supracitadas do ECA, uma vez a condição do cuidado em liberdade para a infância e juventude, está a todo momento ameaçada por movimentos neoliberais que culpabilizam os sujeitos, independentemente de sua faixa etária, pelos contextos que estão inseridos, assim como, pelas vulnerabilidades que os atravessam.

Nestes 33 anos após a promulgação do ECA, seus marcos políticos têm sido implementados e gradativamente têm transformado a cultura da menorização para a condição de sujeitos que são reconhecidos como capazes de participar das decisões e dos processos relativos aos seus direitos, contudo, ainda existem desafios para a implementação do ECA.

Juntamente ao ECA e retomando ao período da efervescência dos processos de redemocratização no Brasil, a aprovação da Lei Orgânica da Saúde, que estabelece as diretrizes para a promoção, proteção e recuperação da saúde, além de regulamentar a estrutura e o funcionamento dos serviços de saúde, resultando na criação do Sistema Único de Saúde (SUS), tornou-se um dos principais marcos legais que visam garantir direitos à saúde que até então não eram afirmados (Brasil, 1990g). Com base sólida e pautado em três princípios fundamentais - universalização, equidade e integralidade - o SUS tornou-se um dos maiores e mais complexos sistemas de saúde pública mundial.

A reforma sanitária e a posterior implementação do SUS impulsionaram as discussões em torno da reforma psiquiátrica que se tornou um processo político e social complexo com interface dos cenários nacional e internacional que criticavam o modelo hospitalocêntrico. No Brasil, os anos 1980 foram fundamentais para a mudança nos rumos do cuidado em saúde mental, marcado por fatos, como: nascimento do primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) na cidade de São Paulo em 1987, o início da implantação dos Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS) com atenção integral na cidade de Santos em 1989 e, neste mesmo ano, a entrada do projeto de Lei do Deputado Paulo Delgado no Congresso Nacional sobre a regulamentação dos direitos das pessoas com transtornos mentais e a extinção gradual de todos

os manicômios do País. (Brasil, 2005). O cuidado em liberdade para o público adulto, desenvolveu-se rapidamente com criação de serviços substitutivos de cuidado em todo o território nacional. Contudo, a criação de uma política de atenção à saúde mental específica para a população infantojuvenil caminhou lentamente.

Foi na convergência da implementação do ECA e do SUS com a discussão sobre a reforma psiquiátrica e a promulgação e consolidação da Lei 10.216/01, que nasceram as primeiras discussões sobre o cuidado em saúde mental para crianças e adolescentes durante as Conferências Nacionais de Saúde Mental (CNSM), o que tornou fértil o terreno para a sedimentação do cuidado para este público (Couto e Delgado, 2015b). Cada uma das CNSM tiveram sua importância para a solidificação do cuidado destinado ao público infanto-juvenil. Em síntese, durante a I CNSM, realizada em 1987, houve um alinhamento na discussão crítica sobre o caráter reducionista e discricionário da categoria “menor”. Já na II CNSM, realizada em 1992, não houve discussão sobre o tema infantojuvenil. Contudo, a despeito dos ocorridos anos antes, a III CNSM, realizada em 2001, teve como tema de destaque o cuidado em saúde mental destinados a crianças e adolescentes, sendo reconhecida como a CNSM mais relevante para o cenário do cuidado de saúde mental voltado ao público infantojuvenil.

Anteriormente a sua realização houve, em âmbito nacional, o I Seminário Nacional de Saúde Mental Infantojuvenil a fim de discutir caminhos possíveis para as políticas públicas da saúde mental infantojuvenil. Este Seminário Nacional teve caráter intersetorial, reunindo representantes de diversos setores públicos, como: saúde, educação, assistência social, justiça, promotoria e saúde mental. Assim sendo, este Seminário e seu caráter intersetorial foram as bases para a Política Nacional de Saúde Mental Infantojuvenil (Couto e Delgado, 2015c)

Dois meses após a III CNSM, foi publicada a Portaria 336/2002 que continha um capítulo específico para a criação de Centros de Atenção Psicossocial IJ e, dois anos depois, o Ministério da Saúde criou o Fórum Nacional sobre Saúde Mental de Crianças e Adolescentes. Embora este mecanismo democrático, entre os anos de 2004 e 2012, tenha tido caráter atuante, propositivo, deliberativo, participativo, com composição intersetorial e com representação de usuários e familiares, a fim de uma construção e consolidação do modelo psicossocial infantojuvenil, atualmente tem perdido força e está cada vez mais esquecido nas pautas e agendas políticas (Couto e Delgado, 2015c).

A IV CNSM, realizada em 2010, teve pela primeira vez na história uma composição intersetorial e também teve caráter avaliativo de todo o processo de mudança de cuidados, uma vez que, havendo passado 10 anos da promulgação da Lei 10.216/01 e de todos os avanços

supracitados, era fundamental parar, avaliar e analisar avanços e desafios, para poder seguir a diante (Couto e Delgado, 2015d).

Em 2002 nasceram os primeiros CAPS IJ no Brasil e em suas diretrizes as concepções fundamentais da política nacional de saúde mental infantojuvenil estiveram presentes: garantir a noção de criança e adolescente como sujeito psíquico e de direitos; ser de base comunitária; promover o desenvolvimento do cuidado através do trabalho em rede e no território e; se pautar no fundamento intersetorial da política e das ações de cuidado.

Desde então, uma das características principais do CAPS IJ é ser o ordenador da rede de cuidados em saúde mental da população infantojuvenil e de fazer valer as diretrizes das políticas públicas no âmbito de seu território adscrito, tornando-se um dispositivo estratégico no cuidado psicossocial (Brasil, 2005). Por ser de base comunitária, o CAPS IJ também tem a função de garantir cuidado em meio aberto, evitando as internações de longa permanência. Deve atender crianças e jovens com transtornos mentais graves e persistentes, que fazem uso de crack, álcool e/ou outras drogas e que apresentam agravamento no contexto biopsicossocial pessoal e familiar, ou seja, trajetórias de vidas marcadas pela violência, risco social e inúmeras situações de vulnerabilidade.

Geralmente, os CAPS IJ são compostos por diversos profissionais da saúde que formam uma equipe interdisciplinar e compõem uma complexa rede intersetorial com o compromisso de romper com o modelo hospitalocêntrico que está baseado no tratamento da doença. Estes dispositivos de saúde devem representar uma inovadora e criativa forma de cuidar em saúde mental que foca na subjetividade e na singularidade de seus usuários e mantem o potencial de flexibilidade conforme as realidades locais e territórios adscritos (Brasil, 2014).

Cabe lembrar que a transformação do campo de cuidado em saúde mental infantojuvenil é uma ação recente que precisa superar obstáculos para inscrever-se definitivamente na história brasileira como ação transformadora da sociedade no que tange aos cuidados destinados ao público infantojuvenil (Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes, 2023). Afinal, o número de CAPS IJ ainda é insuficiente em âmbito nacional pelo grande território brasileiro, ainda há diferenciação quanto ao formato de contratação dos serviços e ao cuidado destinado aos trabalhadores no que diz respeito à formação continuada, supervisão clínico-institucional e vínculos de trabalhos fragilizados (Carvalho,2014).

Há também a dificuldade de entendimento dos diversos setores e atores sobre a atuação específica de CAPS IJ, bem como, em compreender a atuação no território e a inserção nas redes inter e intrasetoriais locais. Estas situações, fragilizam a atuação e solidificação dos CAPS

IJ na direção de práticas que devam se opor ao ajustamento de conduta e ao controle de crianças e jovens (Couto e Delgado, 2015e).

#### *1.4 O Contexto da pesquisa – Rede campineira: CAPS IJ Carretel e os serviços de Assistência Social no município*

O município de Campinas, é caracterizado como um grande centro urbano, localizado a sudoeste do Estado de São Paulo e a 100km da capital. Segundo o levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021 o território da cidade era de 794,571km, ocupado por 1.223.237 habitantes e somente 15.454 encontravam-se na zona rural. Desta maneira, Campinas é dividida em cinco regiões geográficas que coincidem com os cinco Distritos Sanitários definidos pela Secretaria Municipal de Saúde, estabelecendo assim uma enorme teia de cuidado em saúde, sobretudo no que tange ao acompanhamento em saúde mental.

A Rede de Atenção Psicossocial campineira, RAPS, é composta por diversos pontos de atenção, dentre eles os CAPS IJ. Totalizam quatro CAPS IJ, de tipologia II, que são referências dos seis Distritos Sanitários, sendo dois de administração direta da Prefeitura Municipal de Saúde e dois de administração do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Juntos os quatro equipamentos de saúde mental, atendem em média 800 crianças e jovens por mês e estão em constante articulação entre si e, intersetorialmente, com a rede da Assistência Social, Sistema Escolar, Sistema Judiciário, Hospitais e Pronto Atendimentos (Secretaria Municipal de Saúde, 2023).

Cabe ressaltar que as equipes interdisciplinares dos quatro CAPS IJ de Campinas são compostas por médico psiquiatra, médico pediatra, enfermeiro, técnico de enfermagem, fonoaudiólogo, assistente social, psicólogo, terapeuta ocupacional, educador social, farmacêutico, técnico de farmácia, vigia, auxiliar de higiene, auxiliar administrativo, jovem aprendiz, estagiários e residentes de universidades e faculdades no município de Campinas e os coordenadores têm distintas formações universitárias. O número de profissionais de cada área de atuação nos CAPS IJ pode variar em cada um dos quatro equipamentos e de acordo com o momento institucional de cada um deles (Portaria 336/2002).

O CAPS IJ Carretel é um dispositivo de saúde que atende dois distritos de saúde de Campinas, sendo eles Norte e Leste. A faixa territorial de ambos os distritos é cerca de 700 km, com volume populacional de 492.310,00 de habitantes e tem em seu território adscrito 23 Centros de Saúde, que recebem apoio matricial do CAPS IJ. Sua equipe multiprofissional é composta por 23 profissionais que se dividem para a realização dos atendimentos que podem

ser classificados como individuais, grupais, familiares e de referência. A partir da relação entre o profissional, sujeito e cuidador/familiar são elaborados os Projetos Terapêuticos Singulares (PTS) que devem abarcar tanto o tratamento no CAPS quanto os outros espaços que compõem seu cotidiano.

No momento da coleta de dados, o CAPS IJ Carretel atendia cerca de 200 crianças e jovens, sendo que 14 deles, estavam no sistema de acolhimento institucional que compõe a rede da Assistência Social. Esta se divide da mesma forma que a Secretaria de Saúde, ou seja, os serviços estão dispostos em cinco Distritos de Assistência Social (DAS) que são unidades descentralizadas da política de Assistência Social e que possuem função técnica, operacional, administrativa e de gestão.

A Secretaria de Assistência Social está dividida em dois subtipos de departamentos: Básica e Especial. Na Proteção Social Básica existem treze Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) espalhados entre os cinco DAS. São serviços caracterizados por ofertar e executar o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) que através de ações particularizadas ou coletivas atuam para o “fortalecer a função protetiva das famílias, prevenir a ruptura dos vínculos, promover acesso e usufruto de direitos e contribuir na melhoria da qualidade de vida” (Brasil, 2009, p. 5). Nesta complexa teia, a Proteção Social Especial também se subdivide em outros dois departamentos: Média Complexidade e Alta Complexidade. A Média Complexidade é composta por cinco Centros de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), que são responsáveis por ofertar serviços especializados para atendimento de famílias e indivíduos em situação de violações de direitos e vulnerabilidade através do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI) (Arce, 2017a).

O acesso ao serviço do CREAS pode ser realizado por busca espontânea ou encaminhamento de outros pontos de atenção da rede de cuidados inter e intrasetoriais, tais como: Conselho Tutelar, Órgãos Jurídicos e rede socioassistencial e de Saúde da cidade de Campinas. Os demais serviços que compõem a Média Complexidade são: o serviço especializado em abordagem social; o serviço de proteção social a adolescentes nos programas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade; o serviço de proteção para pessoas com deficiência, idosos e familiares e; o serviço especializado para pessoas em situação de rua (Arce, 2017b). O departamento de Alta Complexidade coordena os programas de acolhimento em república, o acolhimento em família acolhedora, o serviço de proteção em situações de calamidades públicas e de emergência e o serviço de acolhimento institucional (Arce, 2017c)

O Serviço de Acolhimento Institucional (SAI) consiste, de modo geral, em espaços de acolhimento com características residenciais, destinados a famílias e indivíduos que tiveram seus vínculos familiares rompidos ou enfraquecidos, visando assegurar proteção integral e a possibilidade de convivência familiar e comunitária. (MDS, 2014). Existem três modalidades de acolhimentos institucionais para crianças e adolescentes no município de Campinas: (i) Casa de Passagem: serviço de acolhimento emergencial e imediato, destinado a famílias ou indivíduos do mesmo sexo, com atendimento disponível 24 horas por profissionais capacitados.

Sua função é acolher temporariamente, avaliar a situação do usuário e realizar os encaminhamentos necessários, considerando que a pessoa ou família encontra-se em trânsito. (ii) Casas Lar: unidades residenciais onde um indivíduo ou casal, conhecidos como “mãe social” e “pai social”, atuam como cuidadores residentes, prestando assistência a até oito crianças e/ou adolescentes. Esse modelo busca proporcionar um ambiente semelhante ao familiar, promovendo autonomia e interação social. As casas devem possuir estrutura similar à de uma residência comum, estar inseridas em áreas residenciais e contar com supervisão técnica. (iii) Abrigos Institucionais: espaços de acolhimento localizados em áreas residenciais, com capacidade para até 20 pessoas por unidade, inseridos na comunidade e voltados à proteção e desenvolvimento dos acolhidos. “Deve ofertar atendimento personalizado e em pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário das crianças e adolescentes atendidos, bem como a utilização dos equipamentos e serviços disponíveis na comunidade local.” (Governo do Estado do Paraná, 2019, pg 8).

Cabe ressaltar que estes serviços estão em locais diferentes cidade de Campinas e são executados em sua maioria pelo terceiro setor, através das OSC, que podem ter concessão, permissão, parcerias, alocação de mão- de-obra e/ou sublocação para o desenvolvimento do cuidado de acordo com a modalidade faturada (Brasil, 2007). De acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social, no mês de março de 2023, 380 crianças e adolescentes estavam assistidos em serviços de acolhimento institucional.

### *1.5 Pesquisa com Jovens*

Investigar a prática pode ser considerado um exercício para refletir sobre as ações e acontecimentos no cotidiano do trabalho, ampliando o campo de visão dos trabalhadores e usuários de um serviço de saúde. Pode ser ainda uma atividade de construção de conhecimento com o objetivo de compreender a natureza dos problemas que surgem e assim modificar as

estruturas que estão em análise, produzindo novos conhecimentos e tornando público os seus resultados.

As linguagens juvenis são locais de encontro; são conexões, resistências e, modos de saída do isolamento em que às vezes se encontram. É necessário que identidades e palavras se relacionem a fim de se poder compreender e até agir e interferir em situações de não reconhecimento, opressão, discriminação e violência. Neste sentido, se faz necessário e relevante fazer pesquisas com jovens e não sobre os jovens.

Vale lembrar que estes jovens ocupam categorias juvenis que estão em constante movimento e interlocução com os marcadores sociais das diferenças. Desta forma, nem todos os jovens vivem no mesmo contexto, ou seja, um mesmo acontecimento é interpretado e sentido de acordo com o tempo-espaço de cada sujeito, suas histórias e realidades específicas, não havendo neutralidade nem generalidade possíveis ao se realizar uma pesquisa (Kilomba, 2008).

Assim, a pesquisa com jovens envolve, sob uma perspectiva ontológica, entender como os indivíduos e os grupos percebem e interpretam as experiências e situações que enfrentam em suas vidas (Prodanov e Freitas, 2013). Portanto, mesmo que para jovens participantes de uma mesma pesquisa haja um ponto de partida em comum, a colaboração de cada um é singular. Mesmo que ao longo da pesquisa algumas situações possam se convergir e se interconectar, a expressão das experiências traz a marca da história de cada participante.

Grada Kilomba (2008) convida, dentre tantas outras coisas, a sair de uma postura colonizadora do conhecimento científico. A partir de sua própria história conta sobre os impactos das relações de raça, gênero e poder. Ao transpor estes impactos à perspectiva sobre os jovens e os motivos de fazer pesquisa com os mesmos, questionamentos comuns veem à tona: quem pode falar?

Há uma hierarquia silenciosa e violenta quando os jovens falam sobre seus cotidianos e os impactos vividos. São frequentemente desacreditados e julgados por suas ações, consideradas imaturas. As denúncias que fazem podem ser relevantes, mas não são legitimadas, reconhecidas como fatos e saberes (Kilomba, 2008b).

Contudo, há um contraponto interessante: escutar a voz dos jovens ao decidir fazer pesquisas científicas com eles, é afirmar que corpos subordinados e marginais podem revelar acontecimentos não vistos. É ainda, “lançar uma chance de produção de conhecimento emancipatório alternativo”, como nos diz Irmimgard Staeuble (2007, p. 90).

A pesquisa realizada com jovens é um lugar de possibilidades, sobretudo, na constituição deles enquanto sujeitos e não objetos. Estes jovens que estão sujeitados a inúmeras vulnerabilidades são convidados, através de pesquisa feita com eles, a ocupar o campo da

produção de conhecimento com sua linguagem própria e a não se adequarem àquilo que o grupo dominante, ou seja, as instituições que os atravessam, querem ouvir quando lhes “dão à voz”.

Oportunizar que este grupo participe de produções acadêmicas cria um espaço de resistência, fortalecendo suas perspectivas e permitindo que, com base em seus próprios saberes, imaginem e construam novas possibilidades para o mundo.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 *Objetivo Geral*

Estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso a direitos de jovens em acolhimento institucional que fazem acompanhamento em CAPS II.

### 2.2 *Objetivos Específicos*

- Descrever a compreensão destes jovens acerca de seu cotidiano e possibilidades de participação, circulação e inclusão social.
- Descrever como se constituem os territórios de vida destes jovens;
- Descrever os desafios para a autonomia, participação e circulação social destes jovens e
- Desenvolver um catálogo com as imagens produzidas pelos jovens.

## 3 METODOLOGIA

### 3.1 *Metodologias participativas e o método fotovoz*

Esta investigação se inseriu no campo da pesquisa qualitativa, pois a partir do olhar e da descrição dos recursos imagéticos criados pelos jovens entrevistados e a identificação de aspectos relativos à suas vidas, tratou conhecer de forma aprofundada, os desafios encontrados no cotidiano dos mesmos. Cabe ressaltar que as metodologias participativas consideram que é fundamental a participação dos sujeitos de pesquisa tornando-os também pesquisadores, visando uma relação verdadeira de trocas e afetos. Portanto, essas metodologias podem ser entendidas como pesquisas feitas *com* as pessoas e não *para* elas. Desta forma, deve haver um movimento dialógico entre pesquisador e entrevistados, privilegiando uma visão poliocular das situações investigadas e certa flexibilidade na coleta de dados (Gatto, 2018).

Para que as metodologias participativas aconteçam de forma ética e crítica alguns princípios foram levados em consideração antes da realização da pesquisa, tomando alguns dos pontos sugeridos por Pontes (2022): (i) por ser entendida como pesquisa realizada *com* as pessoas, não é possível realizar a pesquisa sem a participação efetiva delas e a máxima “nada sobre nós, sem nós” é imprescindível; (ii) sujeitos e coletivos constroem conhecimentos acerca da própria experiência singular e comunitária e estes saberes tem valor acadêmico e científico; (iii) a participação na pesquisa é um processo de tempo/espaço capaz de construir e provocar transformação e para que estes processos ocorram é importante construir capacidade de comunicação e de percepção da realidade a ser estudada, oportunizando deslocamento entre os pesquisadores com eles próprios, com a realidade local e com a própria pesquisa e (iv) é garantida a liberdade de expressão e facilitação da comunicação entre os sujeitos, respeitando a cultura local para que haja uma real troca de saberes.

Dentre inúmeras possibilidades de coleta de dados que as metodologias participativas permitem, o uso de recursos fotográficos foi a escolhida para a realização desta pesquisa. A primeira vez que este recurso foi utilizado foi em 1930 pelos pesquisadores Margaret Mead e Gregory Batenson com o intuito de estudar o comportamento dos nativos de Bali em uma pesquisa no campo das Ciências Sociais (Jackins, 1988a). Na década de 70 este recurso foi amplamente utilizado com o objetivo de ser um registro de material cultural de interação social e, ainda, um estímulo para a realização das entrevistas. Assim, a utilização do recurso da foto e da descrição dela pôde ser também compreendida como método visual, qualitativo e criativo (Jackins, 1988b).

Em 1990 foi criado e desenvolvido, pelas pesquisadoras Carolina Wang e Mary Ann Burris (1997), o método do fotovoz (*photovoice*), cujo objetivo é o de estudar pessoas e comunidades através de sua participação. O método visa facilitar a documentação e reflexão sobre suas próprias comunidades, promovendo os participantes a agentes de políticas públicas e possibilitando a ampliação do repertório pessoal e coletivo sobre os temas retratados na pesquisa através das fotos (Wang, 1999). Geralmente no fotovoz entrega-se uma câmera para o participante e o pesquisador não está ao lado durante a coleta das fotos. Em momento posterior, fotos são escolhidas e descritas em interação pesquisador-participante.

Esta pesquisa com jovens usou o fotovoz, agregando a ele um outro dispositivo de pesquisa que foi a entrevista em movimento com os participantes por seus territórios de vida, sob inspiração do trabalho de Gardner (2018). Assim, a pesquisadora e o jovem entrevistado caminharam lado a lado durante a captura das fotos podendo dialogar sobre o significado dos

lugares escolhidos e de suas experiências, aspirações e interações sociais que tal caminhada<sup>4</sup> reverberava.

A combinação do caminhar-fotografar em diálogo possibilitou aos participantes um ambiente mais informal, mas ao mesmo tempo mais significativo, interativo e participativo. Afinal, eram eles que escolhiam o rumo que queriam seguir.

Para a pesquisadora, conhecer suas experiências de vida, através da voz e do olhar do outro, a ajudou a questionar-se sobre a própria investigação e se beneficiar do rico conteúdo produzido sobre trajetórias e histórias juvenis, nuances e complexidades das experiências humanas. Exigiu, ainda, da pesquisadora uma postura ativa de preparação, flexibilidade e alinhamento que foram fundamentais para garantir a profundidade e a riqueza das interações, tornando-se cruciais ao longo de todo o processo investigativo. A natureza dinâmica do trabalho de campo exigiu uma abertura a mudanças e adaptações da abordagem conforme as circunstâncias.

Durante a associação realizada pelos jovens das imagens coletadas com suas experiências de vida, foi possível que novas compreensões surgissem, tornando vivo o ciclo de produção de conhecimentos pesquisador-participante, que desembocaram em um fazer pesquisa coletivo.

### *3.2 População e local do estudo*

A pesquisa contou com a participação de quatro jovens entre 14 e 18 anos que fazem acompanhamento no CAPS II Carretel e que estiveram ou que estejam em acolhimento institucional em instituições do município de Campinas-SP.

### *3.3 Fases da Pesquisa*

- *Fase 1 – Identificação dos participantes e obtenção dos consentimentos e assentimentos*

Os participantes foram selecionados por amostra de conveniência a partir dos prontuários do serviço. Após a identificação de possíveis participantes, foi realizada conversa com os jovens para saber de seu interesse de participar da pesquisa e quando houve interesse

---

<sup>4</sup>Optou-se por substituir o termo "entrevista em movimento" por "caminhada (s)" durante as entrevistas com os jovens, para enfatizar a dimensão relacional e processual desta atividade, destacando não apenas a obtenção de narrativas, mas também a experiência compartilhada durante o deslocamento. A escolha busca ressaltar a corporeidade, o território e a interação que emergem nesse percurso, alinhando-se a espacialidade e a construção conjunta do conhecimento. Ambos os termos são utilizados no corpo do texto.

foi realizado contato com seus responsáveis legais para obtenção dos consentimentos e assentimentos.

- *Fase 2 – Tiragem, seleção e narração das Fotos*

Após o assentimento do jovem e após o consentimento de seu responsável legal foram realizados até dois encontros para a tiragem de fotos. Em cada encontro a pesquisadora entregou um celular de uso exclusivo da pesquisa e lançou uma pergunta disparadora “*Você pode me mostrar e fotografar os locais da cidade que você costuma frequentar?*”. Assim, pesquisadora e o jovem saíram pelos locais da cidade estabelecidos pelo próprio jovem. Durante a entrevista em movimento, o diálogo entre pesquisadora-participante possibilitou explorar temas sobre seus cotidianos e suas possibilidades de participação, circulação e inclusão social. A narração das fotos foi realizada individualmente, durante ou após a coleta de cada foto. As narrações e os diálogos não foram gravados, tendo a pesquisadora realizado anotações em seu diário de campo, imediatamente após os encontros, de modo a registrar as caminhadas, os processos de escolha e tomada das fotos, os diálogos e as narrativas de modo fidedigno bem como descrever impressões e reflexões da pesquisadora.

- *Fase 3 – Análise Temática Reflexiva*

Vários são os métodos para realizar estudos e análises quantitativas, uma delas é a Análise Temática (AT). Na presente dissertação foi utilizada a *análise temática reflexiva*, proposta por Braun e Clarke (2006) que utiliza uma codificação fluída e flexível. O objetivo principal desta tipologia é buscar uma imersão e um profundo engajamento com o material coletado, oferecendo flexibilidade na análise interpretativa. Sendo assim, a mesma pode ser aplicada tanto de forma indutiva, ou seja, baseada no material empírico produzido, quanto dedutiva, baseada em categorias predefinidas. A análise interpretativa utilizada nesta pesquisa foi de caráter indutivo.

Sendo a AT reflexiva um método de identificação e análise de padrões, o seu processo inicia-se no processo de coleta e segue até o relatório final. Assim, é fundamental registrar ideias e insights durante todo o processo. A AT reflexiva envolve várias decisões analíticas sobre a transcrição, codificação, prevalência dos temas e a interpretação dos dados. Não há uma regra clara sobre o tamanho ideal de um tema, pois para suas proponentes, na análise qualitativa não há proporções fixas. (Souza, 2019).

Este método é dividido em seis fases, sendo elas, Fase 1: familiarização com os dados, através de leitura ativa e repetida; Fase 2: geração de códigos iniciais, que são

elementos significativos dos dados; Fase 3: busca de temas, onde os códigos são organizados e agrupados; Fase 4: refinamento dos temas, com ajustes necessários para garantir consistência interna e distinções claras entre os temas; Fase 5: definir e nomear os temas, identificando sua essência e assegurando que capturam aspectos relevantes dos dados e Fase 6: redação do relatório final contendo a história dos dados de forma coerente e atraente (Souza, 2019b).

A pesquisadora inicialmente realizou leitura ativa e reflexiva de seu diário de campo e familiarização com as fotos selecionadas, tal como descrito par a fase 1. Na Fase 2, foram elaborados 13 códigos iniciais. Na Fase 3, estes 13 códigos iniciais forma agrupados em 5 temas. Conforme a tabela 1:

Tabela 1 – Códigos Iniciais

<b>Temas</b>	<b>Subcatemas</b>	<b>Descrição</b>
A	Subsistir	Aspectos financeiros e materiais. Gerenciamento das necessidades básicas. Considera-se aspectos como renda, acesso a recursos e estratégias para lidar com dificuldades econômicas.
	Morar Habitar	Condições de Habitação e condições das moradias, incluindo aspectos como tamanho, qualidade, localização e adequação. Sentimento de segurança e conforto.
	Ter/construir rede social de suporte	Principais componentes da rede social dos participantes e como essas relações funcionam, quais os tipos de apoio recebido e a frequência com que é utilizado, assim como a importância das redes sociais no enfrentamento de desafios.
B	Ser	Identidade pessoal, autoimagem e autoestima. Considera-se como percebem a si mesmos, como isso influencia suas vidas e como as experiências e valores dos participantes moldam sua percepção de quem eles são.
	Fazer	As atividades que os participantes realizam e como as mesmas contribuem para seu sentido de realização e propósito. Desafios enfrentados e sucessos alcançados nas atividades cotidianas.
	Pertencer	Sentido de comunidade e sentimento de pertencimento a grupos, comunidades ou redes sociais. Influência Social: como o pertencimento afeta o comportamento e o bem-estar dos participantes.

C	Afetar-se	Como os participantes experimentam e expressam suas emoções e como as emoções afetam a tomada de decisões e a interação com o ambiente.
	Relacionar-se	Análise da natureza das relações interpessoais dos participantes e a qualidade dessas interações. Como as relações afetam a vida e o bem-estar dos participantes.
D	Aprender	Aquisição de novos conhecimentos e habilidades, com métodos de aprendizado formal e informal. Como o aprendizado afeta a vidas. Aplicação prática do conhecimento adquirido.
	Ter valor social	Como os participantes percebem seu valor social e as formas como contribuem para a sociedade. Como o valor social é reconhecido e recompensado pelo participante.
E	Pensar na vida	Reflexão sobre suas vidas e planejamento para o futuro, considerando questões de propósito e metas de vida. Questões que os participantes consideram importantes ao pensar sobre sua vida.
	Esperançar	Perspectivas futuras, como e quais são as expectativas e esperanças dos participantes em relação ao futuro. Considerando, fontes de esperança e o impacto disso em atitudes. Como a esperança influencia as decisões e o comportamento dos participantes.

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Na Fase 4 foi realizado o refinamento dos temas que resultou em 3 categorias que garantiram a consistência interna com distinções claras entre eles. Conforme a tabela 2:

Tabela 2: Temas

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Descrição</b>
Vivências familiares, moradia e acolhimento institucional: impactos transversais na vida dos jovens.	Subsistir	Aspectos financeiros e materiais. Gerenciamento das necessidades básicas. Considera-se aspectos como renda, acesso a recursos e estratégias para lidar com dificuldades econômicas.
	Morar Habitar	Condições de Habitação e condições das moradias, incluindo aspectos como tamanho, qualidade, localização e adequação. Sentimento de segurança e conforto.
	Ter/construir rede social de suporte	Principais componentes da rede social dos participantes e como essas relações funcionam, quais os tipos de apoio recebido e a frequência com que é utilizado, assim como a importância das redes sociais no enfrentamento de desafios.

Ser Jovem: fazeres com sentido, circulação social e a construção da existência.	Ser	Identidade pessoal, autoimagem e autoestima. Considera-se como percebem a si mesmos, como isso influencia suas vidas e como as experiências e valores dos participantes moldam sua percepção de quem eles são.
	Fazer	As atividades que os participantes realizam e como as mesmas contribuem para seu sentido de realização e propósito. Desafios enfrentados e sucessos alcançados nas atividades cotidianas.
	Pertencer	Sentido de comunidade e sentimento de pertencimento a grupos, comunidades ou redes sociais. Influência Social: como o pertencimento afeta o comportamento e o bem-estar dos participantes.
	Afetar-se	Como os participantes experimentam e expressam suas emoções e como as emoções afetam a tomada de decisões e a interação com o ambiente.
	Relacionar-se	Análise da natureza das relações interpessoais dos participantes e a qualidade dessas interações. Como as relações afetam a vida e o bem-estar dos participantes.
Construindo o amanhã	Aprender	Aquisição de novos conhecimentos e habilidades, com métodos de aprendizado formal e informal. Como o aprendizado afeta a vidas. Aplicação prática do conhecimento adquirido.
	Ter valor social	Como os participantes percebem seu valor social e as formas como contribuem para a sociedade. Como o valor social é reconhecido e recompensado pelo participante.
	Pensar na vida	Reflexão sobre suas vidas e planejamento para o futuro, considerando questões de propósito e metas de vida. Questões que os participantes consideram importantes ao pensar sobre sua vida.
	Esperançar	Perspectivas futuras, como e quais são as expectativas e esperanças dos participantes em relação ao futuro. Considerando, fontes de esperança e o impacto disso em atitudes. Como a esperança influencia as decisões e o comportamento dos participantes.

Fonte: Elaboração da pesquisadora

É importante reconhecer que os temas não emergiram passivamente dos dados, mas foram fruto do trabalho analítico. Por fim, a flexibilidade sugerida pelo método possibilitou à

pesquisadora desenvolver habilidades analíticas mais adaptáveis, de modo a realizá-la em um contínuo vai e vem entre as fases que pudesse garantir uma análise rigorosa e significativa.

### *3.4 Procedimentos de Caráter Ético*

A pesquisa foi iniciada somente após a anuência do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, através do setor Cândido Escola e aprovação do Comitê de Ética do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde está sediado o programa em que esta pesquisa foi desenvolvida. A pesquisa foi aprovada sob o CAAE nº 65141022.0.0000.0068.

Como critérios de inclusão continha: (a) realizar tratamento no CAPS IJ Carretel; (b) estar abrigado em algum serviço de acolhimento institucional; (c) ter de 14 a 18 anos de idade; (d) haver concordância de seu responsável legal para sua participação através da compreensão e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e (e) haver a concordância do participante através da compreensão do Termo de Assentimento Informado (TAI).

Como critérios de exclusão continha: (a) não cumprir os critérios de inclusão expostos acima; (b) desistir da participação na pesquisa e (c) ter deficiência visual.

Os participantes e seus responsáveis legais foram informados: (a) dos objetivos da pesquisa; (b) de que a privacidade dos jovens seria preservada na análise dados e na apresentação dos resultados da pesquisa e que sua imagem e dignidade não seriam comprometidas sob nenhum aspecto; (c) que o material imagético e verbal produzido pelo jovem seriam, posteriormente, analisado em sua temática sem qualquer juízo de valor ou exposição pessoal; (d) que as fotografias selecionadas pelo jovem poderiam ser apresentadas em eventos, artigos, na dissertação de mestrado da pesquisadora; (e) que sua recusa em participar não traria qualquer repercussão a sua pessoa e a seu atendimento no serviço e (f) que poderia desistir a qualquer momento da pesquisa.

A pesquisa foi iniciada, somente, após os jovens e seus representantes legais terem assinado, respectivamente, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e Termo de Consentimento Informado (TAI) (Anexo I e Anexo II).

As imagens captadas pelos jovens foram realizadas de forma que não fosse possível a identificação de sua autoria, garantindo assim o sigilo e direito de privacidade. Os jovens foram orientados a não tirar fotos que identificassem as pessoas e nos casos de fotos que descumprissem estes critérios, as mesmas foram descartadas.

## 4 RESULTADOS

A ideia central desta dissertação é mostrar a compreensão que os jovens têm de si e de sua vida cotidiana, seus interesses e oportunidades de participação, circulação e inclusão social. As caminhadas pelo território possibilitaram conhecer a perspectiva que trazem de si mesmos, de suas escolhas e interesses, do que gostam de fazer, de onde gostam de ir e de como se veem no mundo. Embora suas experiências estejam enraizadas em suas condições concretas de existência, a exposição de seus percursos aqui realizada evitou trazer como foco os sofrimentos e vulnerabilidades a que estão expostos e, tampouco, apresentá-los a partir de sua condição de usuários de CAPS IJ e de jovens em acolhimento institucional. Buscou-se evitar assim que se criasse uma leitura preconcebida destas juventudes enquanto faz-se a defesa de que sejam reconhecidos como jovens com suas singularidades, desejos, experiências e histórias.

### *4.1 Apresentando os participantes*

A pesquisa foi realizada com quatro jovens que estão inseridos no CAPS IJ Carretel e que por um período de suas vidas estiveram em acolhimento institucional. No momento da coleta, o(a)s participantes tinham de 15 a 17 anos, sendo que dois se identificaram como homens cis e duas como mulheres, sendo uma cis e outra bissexual. Dois jovens se identificaram como pardos e dois como brancos.

O acompanhamento em saúde mental, dos jovens entrevistados, no CAPS IJ Carretel, variou de quatro anos a um ano e três meses. Três deles frequentam diferentes escolas públicas e estão no Ensino Médio e um deles frequenta um Escola Técnica local em que também cursa o Ensino Médio.

Em relação ao mercado de trabalho, uma das entrevistadas é Jovem Aprendiz e trabalha no comércio informal aos fins de semana; outros 2 jovens não estão inseridos no mercado de trabalho, mas realizam cursos profissionalizantes disponibilizados pelos serviços de acolhimento Institucional e um dos jovens foi internado em comunidade terapêutica após a participação na pesquisa.

Cada jovem teve a possibilidade de escolher o nome que gostaria de utilizar na dissertação. Lorraine é o nome que a jovem utiliza em jogos virtuais e quando vai a festas com suas amigas. Rodrigo gosta deste nome que também é o nome de um de seus primos com quem já treinou futebol. Candy Bee sorri ao fazer a tradução livre, “abelha doce” e Lipe homenageia um de seus cantores favoritos e que ouvia enquanto fazíamos a caminhada.

#### *4.1.1 Lorraine*

Lorraine tem 16 anos, se autodeclara mulher bissexual e parda. Atualmente, trabalha em uma universidade como jovem aprendiz durante o horário comercial e aos sábados trabalha em um restaurante no centro da cidade; à noite vai à escola onde cursa o Ensino Médio. Frequenta o CAPS IJ Carretel há 4 anos. Esteve em acolhimento institucional por 3 anos e 9 meses e recentemente passou por processo de restituição familiar. Após encerrado o trabalho de campo, Lorraine passou a morar com a mãe e duas irmãs. Gosta de sair com seus amigos e ir para bailes funks.

#### *4.1.2 Rodrigo*

Rodrigo tem 15 anos, se autodeclara homem cis e branco. Após realizada a primeira caminhada, foi internado em comunidade terapêutica por decisão tomada entre ele e sua mãe. Contudo, no momento da realização da pesquisa estava frequentando o Ensino Médio de uma Escola Técnica. Frequenta o CAPS IJ Carretel há 3 anos e durante a entrevista estava há 2 meses no sistema de acolhimento institucional. Porém, posteriormente no ato da mudança da instituição provisória para outra instituição de acolhimento, Rodrigo ficou apenas uma noite na nova instituição e passou a dormir nas ruas próximas da casa da mãe, que um tempo depois propôs que ele ficasse em uma comunidade terapêutica como condição para que voltasse para sua casa, após o período de internação. Rodrigo gosta de jogar futebol na posição de goleiro, tocar violão, namorar e sair com seus amigos.

#### *4.1.3 Candy Bee*

Candy Bee tem 17 anos, se autodeclara mulher cis e branca. Estuda no período da manhã em escola estadual e não está fazendo nenhum curso complementar, mas frequenta alguns projetos parceiros da instituição de acolhimento institucional onde mora que são oferecidos por organizações não governamentais (ONG's). Frequenta o CAPS IJ Carretel há 1 ano e 2 meses, contudo, já frequentava outro CAPS IJ antes do encaminhamento ao serviço supracitado. Está em acolhimento institucional há 3 anos junto com seu irmão que é dois anos mais novo. Aos finais de semana visita a genitora que mora em outro município e em breve, por determinação judicial, Candy Bee e seu irmão retornarão ao acolhimento institucional na cidade da genitora, embora sem com ela residir. Candy Bee gosta de passear, ir a shows, gosta de fazer terapia, de conversar e passar um tempo com seu irmão.

#### *4.1.4 Lipe*

Lipe tem 15 anos, se autodeclara homem cis e pardo. Estuda no período da manhã em escola estadual e não está fazendo nenhum curso complementar. Frequenta o CAPS há 5 anos e está inserido no CAPS IJ Carretel há 3 anos. Está em acolhimento institucional há 6 anos. Não tem qualquer vínculo com os genitores e, tampouco, com seus pais adotivos, embora estes continuem a depositar um valor mensal em sua conta bancária que mantém alguns de seus gastos, inclusive o pagamento de acompanhamento terapêutico privado. Lipe gosta de ficar no celular nas redes sociais e adora jogos online e em vídeo game. Demonstra interesse em andar de ônibus pela cidade de Campinas e fazer amizade com os motoristas, considerando-os como verdadeiros amigos.

#### *4.2 As caminhadas*

As caminhadas ocorreram de maneira diferente para cada um dos participantes da pesquisa, respeitando o momento de cada um dos jovens e, também, as condições e demandas administrativas relativas ao CAPS IJ e à instituição de acolhimento institucional.

Desta forma, Lorraine realizou mais do que um dia de caminhada com cerca de 60 minutos em cada uma delas. O ponto de partida e de finalização para as caminhadas foi o CAPS IJ Carretel. Rodrigo, Candy Bee e Lipe utilizaram um dia de caminhada com cerca de 120 minutos para cada um deles. Candy Bee teve como ponto de partida da caminhada a sede administrativa da instituição de acolhimento e o ponto de finalização a casa da instituição em que reside; e para Rodrigo e Lipe o CAPS IJ Carretel foi ponto de partida e ponto final das caminhadas.

A seguir serão apresentadas as caminhadas de cada jovem, com uma contextualização inicial a partir do convite para participar da pesquisa, seguidas das descrições dos percursos, ilustradas por meio das fotos. Para cada foto, foi usado um tom vital, recurso inspirado pelo método da história oral (Meihy, 2005), que se baseia na memória individual e coletiva, reconhecendo que a subjetividade das narrativas é parte do processo de construção do conhecimento.

O conceito de tom vital na história oral refere-se à energia, intensidade e dinâmica presente nas narrativas orais. Ele pode ser perceptível na forma como os jovens contam suas histórias, revelando aspectos emocionais e subjetivos que ultrapassam o conteúdo literal das palavras. (Meihy, 2005). O tom vital evidencia como memórias são carregadas de vida e emoções, oferecendo uma camada adicional de significado que transcende a objetividade dos fatos, permitindo uma análise mais rica das vivências e experiências de cada um dos jovens.

Portanto, o tom vital foi escolhido a partir de palavras dos jovens ou de sensações experimentadas pela pesquisadora.

#### *4.2.1 Lorraine*

##### *Primeiro dia de caminhada:*

Lorraine aceitou o convite para participar da pesquisa imediatamente, com alegria e humor ácido, que são características de sua personalidade. Disse que ia fotografar apenas o CAPS, pois lá “aprendeu a ser gente”. Combinamos para a semana seguinte às 16h00.

Apareceu pontualmente ao encontro que teve como ponto de partida o CAPS II Carretel; ao chegar comeu torta de chocolate que a convivência havia feito. Estava bem arrumada: cabelo preso num coque, calça jeans, exibindo seu uniforme com o bordado do nome do local onde faz o curso de jovem aprendiz.

Animada relatou que lava à mão sua camisa do uniforme para que esteja sempre asseada. Disse também que pretende comprar um *iphone* com o dinheiro que está juntando em seus dois empregos. Neste momento descreveu seu segundo emprego aos sábados no restaurante e que tinha por meta abordar as pessoas na rua e convidá-las para almoçar. Deveria levar 25 pessoas, mas no sábado que antecedeu a entrevista, conseguiu levar apenas 3, pois havia brigado com sua mãe e sentia-se triste. Contou que, por coincidência, uma profissional do CAPS II estava passeando e a encontrou, oferecendo o acolhimento de que precisava.

Após este primeiro momento, lemos o TAI e ela levou o TCLE para a mãe assinar em casa. Eu já havia realizado contato telefônico prévio com a genitora para a autorização. Lorraine acreditava que sua mãe não se importava com o que ela faz ou fazia. Enquanto assinava o TAI, disse:

“Parece quando entrei no abrigo<sup>5</sup>, tem que assinar também. Tem um monte de punições, tipo: não pode tirar foto das crianças e adolescentes, senão tem castigo; não pode usar o celular sem autorização, senão tem castigo; não pode comer fora de hora, senão tem castigo; nossa tem um monte de castigo”.

Antes de sairmos do CAPS, Lorraine disse que ficou pensando desde que recebeu o convite e decidiu tirar três fotos: a cozinha do CAPS; a carteira de identificação da universidade onde trabalha como jovem aprendiz e a Lagoa do Taquaral.

---

<sup>5</sup> O termo abrigo para se referir à instituição de acolhimento institucional é ainda o principal nome de referência na cidade de Campinas, utilizado coloquialmente por usuários e trabalhadores da saúde e assistência social. Será utilizado, portanto, todas as vezes que descrever as narrativas dos jovens e aspectos do trabalho de campo.

### Cheiro de afeto:

Quando chegamos na cozinha Lorraine andou pelas duas portas que o cômodo possui, parecia tentar captar algum sentimento que ficou por lá em algum momento do passado. Em seguida, me contou histórias e reencenou acontecimentos já vividos naquele espaço. Disse que havia experimentado abobrinha refogada no abrigo e amou. Gostaria de reproduzir a receita para os profissionais do CAPS IJ. Lembrou do momento que estava abrigada e encontrava sua mãe no CAPS IJ, naquela cozinha, para cozinhareem juntas. Revivendo aqueles momentos ficou apontando a câmera do celular para diversos ângulos, até achar o que mais gostasse e disse que foram os momentos mais bonitos que teve com a mãe e que se sentia muito feliz durante aqueles atendimentos.

Foto 1: Cheiro de Afeto



Fonte: Elaboração de Lorraine

### Primeira carteirinha universitária:

Ao sairmos da cozinha, Lorraine tirou do bolso sua carteira de identificação da universidade onde exerce o cargo de jovem aprendiz e disse: minha primeira carteirinha universitária. Ela optou por tirar uma *selfie* de nós três: ela, eu e a carteirinha. Para preservar sua identidade, a imagem foi recortada.

Foto 2: Primeira carteirinha universitária



Fonte: Elaboração de Lorraine

### Correr para não explodir:

Quando saímos do espaço físico do CAPS, fomos na direção da Lagoa do Taquaral. Lorraine conta que, sempre que queria sair do abrigo para espairecer, ia para a Lagoa correr. “Corria, corria, corria para resolver o problema e não explodir”. Contou também que as vezes só ia e fumava um cigarro. Nestes momentos gostava de ficar sozinha. Não queria confusão com nenhum adulto e muito menos com os adolescentes que ficavam pela Lagoa. Conversamos sobre o quanto correr a acalmava e Lorraine tomou uma postura mais reflexiva dizendo que nunca havia pensado nesta associação entre corrida e sentimento. Respirou fundo e mirou a câmera do celular para o local que representava esse momento.

Foto 3: Correr para não explodir



Fonte: Elaboração de Lorraine

Passeamos pelo parque traçando pequenas metas de caminhada que foram aumentando a medida em que conversávamos, o assunto estava interessante e o sol estava ameno, um típico entardecer.

Lorraine lembrou de outros jovens que já haviam passado pelo CAPS IJ e que estiveram no mesmo abrigo que esteve. Segundo ela, estes jovens não aproveitaram a oportunidade do abrigamento, já que durante o período de acolhimento institucional são disponibilizados diversos cursos de formação e que caso, o jovem aceite, os profissionais têm o compromisso de levá-los. Reflete que ela aproveitou o tempo em que esteve acolhida na

instituição para fazer cursos de inglês e informática, mesmo que não gostasse muito destes cursos e do compromisso de concluí-los, pensou em seu futuro.

Contou sobre a gratidão que sentia pelos trabalhadores do abrigo ao mesmo tempo em que sentia ter se decepcionado após sua chegada ao acolhimento institucional, mas teve dificuldade em me explicar este conflito de emoções. Apenas disse que quando chegou no abrigo, se “jogou de cabeça e não tinha fundo”. Disse que no abrigo tudo era muito público e superficial, exemplificando: “Quando saia para fumar, todo mundo ficava sabendo e falando na minha cabeça”.

Lorraine afirmou que ela sabe a parte boa e ruim do que é morar em abrigo ou na casa da família. Falou que no abrigo havia uma “liberdade monitorada” e que com sua mãe era totalmente livre. Disse que preferia a rotina da mãe, pois fazia o que queria: comer, tomar banho, dormir, estudar, fumar maconha etc. Por outro lado, falou que morando com sua mãe e irmãs precisava manter o desejo de “fazer as coisas e conquistar meu dinheiro e crescimento”, já que sentia que não tem o estímulo de ninguém.

Perguntei sobre o primeiro acolhimento institucional em que estive e me diz que foi o lugar que ela mais gostou porque “tem muita regra e tudo é certinho” e que “tem cinco refeições”.

#### *Dia de caminhada desmarcado:*

Lorraine ligou para desmarcar o encontro, pois tinha prova na escola e não conseguiria ir ao CAPS II. Assim, remarcamos o encontro que aconteceu em uma praça pública no centro da cidade. Conversamos sobre nossos desencontros: Lorraine disse estava muito ocupada e sentia-se acelerada fazendo “todas as coisas da vida”. Enquanto conversamos na praça ela me disse que estava procurando por sua mãe, pois também havia combinado de encontrá-la na mesma praça em que estávamos. É importante dizer que naquele momento acontecia um encontro municipal da Luta Antimanicomial. Após breve conversa, nos despedimos.

#### *Segundo dia de caminhada:*

##### Firmeza nas escolhas

Combinamos ao telefone um encontro no CAPS para continuarmos a conversa sobre as caminhadas e futuras etapas. Lorraine chegou pontualmente, disse que ficou muito reflexiva com as fotos e conversas que tivemos e que estava muito indignada com uma situação em sua escola. Contou que a Diretora estava afastada porque roubou verbas escolares.

Disse mais de uma vez: “Como ela quer que a gente cresça se dá um exemplo ruim?”. Refletiu que ela precisaria ter firmeza em suas escolhas, pois na escola encontrava todos os tipos de pessoas. Descreveu seus planos para o futuro: queria se formar no colegial, fazer faculdade e que precisava se concentrar nestes planos para “não desviar, faltar na aula, não usar drogas”.

Lorraine saiu de nossa conversa com a ideia de tirar uma foto da escola naquele dia à noite, já que havia falado da história que viveu. Pediu, também, que o CAPS a ajudasse no processo de transferência para outra escola. Posteriormente, me enviou a fotografia por *Whatsapp*.

Foto 4: Firmeza nas escolhas



Fonte: Elaboração de Lorraine

Foto 5: Caminhada de Lorraine na Lagoa do Taquaral (ver anexo 1)



Fonte: Elaboração da pesquisadora

#### *4.2.2 Rodrigo*

##### *Antes da caminhada*

Após o convite para participar da pesquisa e refletir brevemente, Rodrigo disse: “Não sei se entendi direito, mas gostei. Pode pá!”. Contou que ficou feliz porque gosta de participar de eventos que envolvam o tema da juventude e que já participou de um *podcast* sobre este tema.

No encontro seguinte, depois de assinado o TCLE pela instituição que o acolhia, lemos o TAI para que pudesse assiná-lo após tiara as dúvidas sobre a pesquisa. Depois desse momento, saímos para fotografar.

##### *Durante a caminhada*

Enquanto caminhávamos, Rodrigo me contou algumas histórias sobre: um banco, um gol e uma vista bonita. Algumas fotos foram tiradas e apenas uma não foi escolhida, pois não apresentava qualidade para representar o momento. Outros encontros foram impossibilitados porque Rodrigo foi internado em uma comunidade terapêutica.

Banco da reflexão:

Rodrigo contou sobre um banco na Praça Carlos Gomes que intitula de “banco de reflexão”. Ele diz que atrás do banco tem uma árvore e que quem olha de trás não consegue ver se há alguém sentado ali. Essa é uma das razões pelas quais ele gosta do banco, isto é, porque pode fumar seu “baseado” sem medo de ser abordado pela polícia, precisando vigiar apenas a frente do banco e as laterais.

Relatou que tomou algumas decisões importantes para sua vida neste banco, como se deveria ou não evadir do abrigo, dizendo que após pensar, decidiu evadir. Conta que a praça em que o banco fica também é um ponto de encontro para ele e outros colegas que estudam na escola que fica vizinha à praça e que, sempre que vai ao centro da cidade, dá uma passada na praça e no seu banco.

Tirou uma foto representativa do banco e disse “Pensando bem eu gosto muito de sentar em bancos, pensar na vida e fumar um baseado”.

Foto 6: Banco da reflexão



Fonte: Elaboração de Rodrigo

### A vida através do gol:

Rodrigo é goleiro, treina desde pequeno e é uma atividade que conseguiu sustentar por todos os lares que passou, seja com o pai, a mãe ou os tios. Contou que o período que mais treinou futebol foi quando morava com seu pai, pois eles jogavam bola juntos e o pai pagava escola de goleiros. Relatou que adora esporte porque tem de ser disciplinado, “acordar cedo, comer bem e treinar todos os dias”. Enquanto caminhávamos na quadra em direção ao gol, Rodrigo me contou que no domingo anterior a caminhada, veio com os adolescentes e monitores da instituição em que estava acolhido para a Lagoa do Taquaral e que “trombou” com vários conhecidos e, apesar da vontade de sair com esses conhecidos e de fumar cigarro e maconha, conseguiu ficar tranquilo. Disse que jogou futebol com uma criança que estava na mesma casa que ele e que com “nove anos o menino pula alto e que será um ótimo goleiro, se levar a sério”.

Rodrigo me levou até um ponto da quadra em que treinava com os outros jovens na época da escola de goleiros e disse “eu vejo a vida através do gol”.

Foto 7: A vida através do gol



Fonte: Elaboração de Rodrigo

### Uma vista bonita:

Durante a caminhada Rodrigo contou que gosta muito de adrenalina e que gosta de dirigir carros fazendo *drift*, refere que são atividades que fazia com seu pai e que quando estava dormindo na rua encontrou três amigos que o chamaram para dar um “rolê”. Rodrigo contou, muito animado, essa história relatando detalhes como a marca do carro, o que estava vestindo, o caminho que fizeram e todas as drogas lícitas e ilícitas que usaram nesta noite. Porém, a parte que mais concentrou-se para contar foi em dado momento do “rolê” em que ele e seus amigos foram até o Pico das Cabras, que fica localizado no bairro de Joaquim Egídio, área rural de Campinas, e que no alto da montanha fizeram uma fogueira, fumaram maconha e beberam cerveja e que, de repente, ao olhar para o horizonte, observou uma das mais lindas vistas que havia visto na vida. Disse: “Tava tão bonito, tudo é tão pequeno lá de cima”. Contou ainda que naquela noite pensou muito e se sentia “meio hipnotizado” pela vista e pelo fogo. Refletiu sobre toda sua vida, suas escolhas e se sentiu sozinho. Dada a impossibilidade de irmos até o Pico das Cabras, Rodrigo tirou uma foto representativa.

Foto 8: Uma vista bonita (foto representativa)

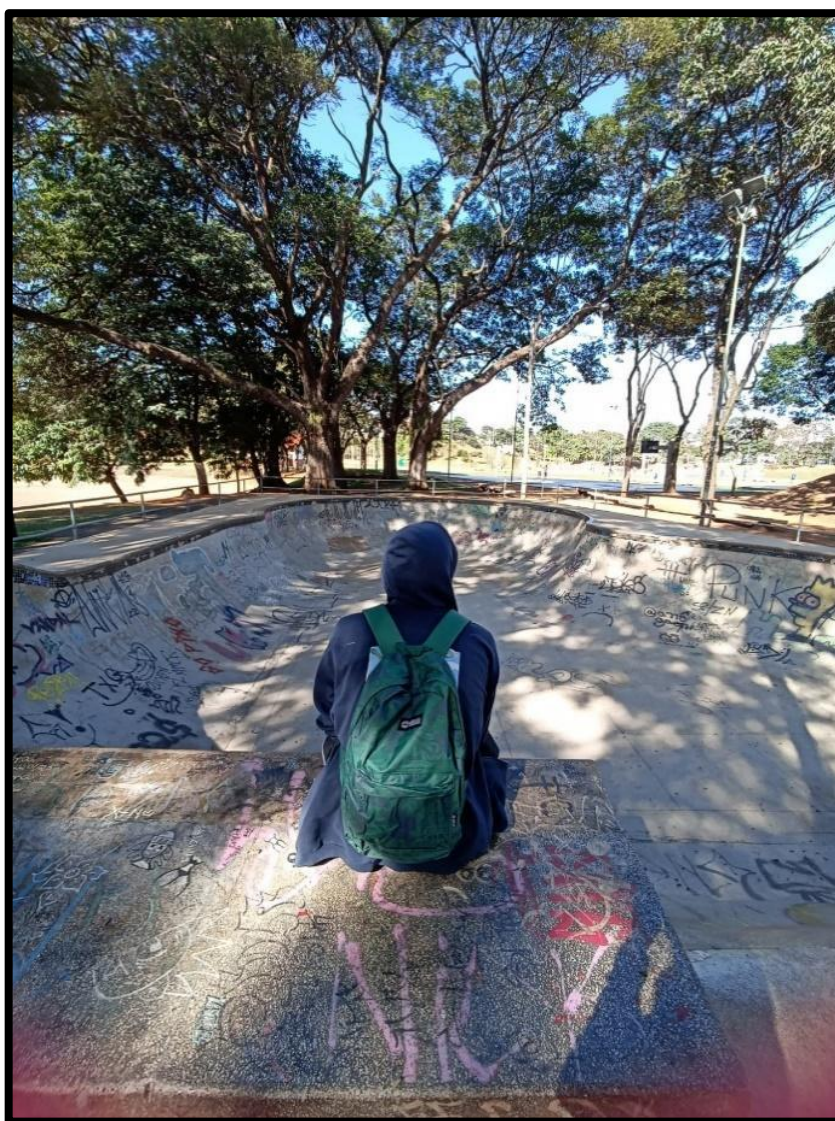


Fonte: Elaboração de Rodrigo

### A minha vista bonita

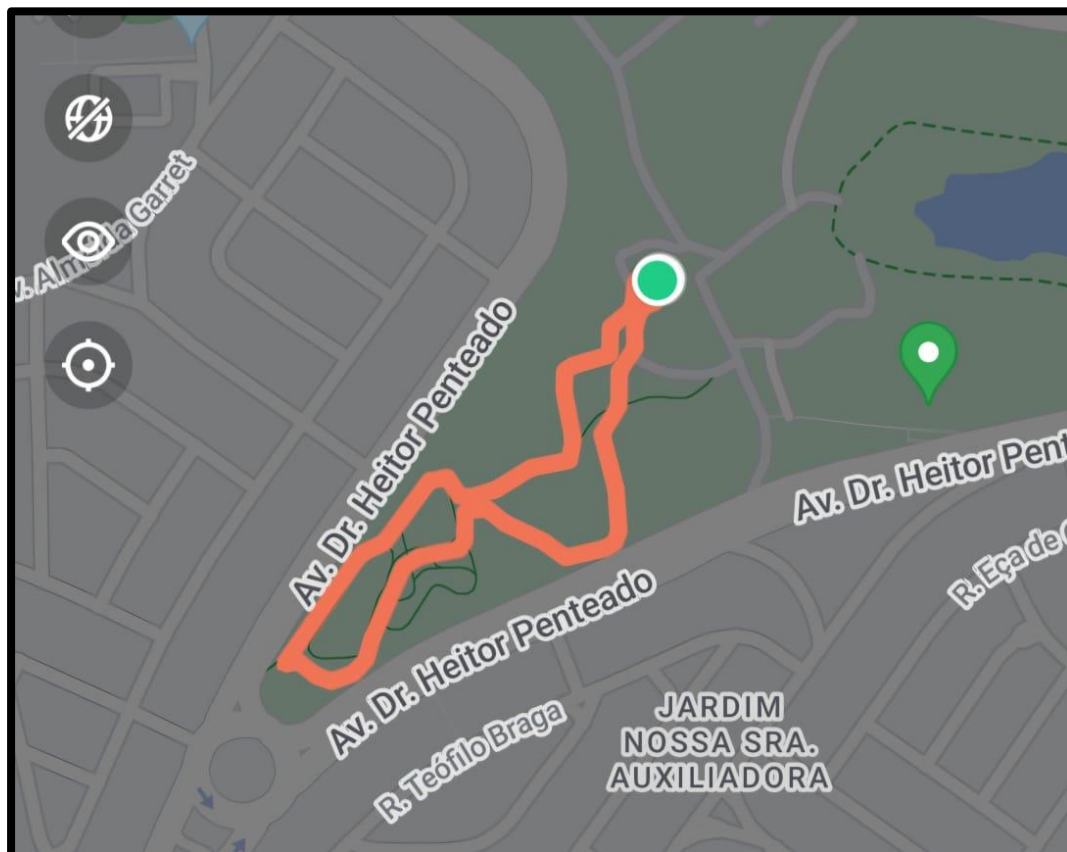
Durante nosso caminho, paramos em diversos pontos e um deles foi a pista de skate e observamos as pessoas andando de patins, skate e conversando. Rodrigo contou que seu pai anda muito bem de patins, mas que ele não sabe. Perguntei se tem vontade de aprender e ele não respondeu. Andamos mais um pouco e tinha outro *bowl* que estava com aspecto de estar abandonado e neste ponto ele decidiu tirar um autorretrato representando, em suas palavras, “a minha vista bonita”.

Foto 9: “A minha vista bonita”



Fonte: Elaboração de Rodrigo

Foto 10: Caminhada de Rodrigo na Lagoa do Taquaral (ver anexo 1)



Fonte: Elaboração da pesquisadora

#### 4.2.3 Candy Bee

##### *Antes da caminhada*

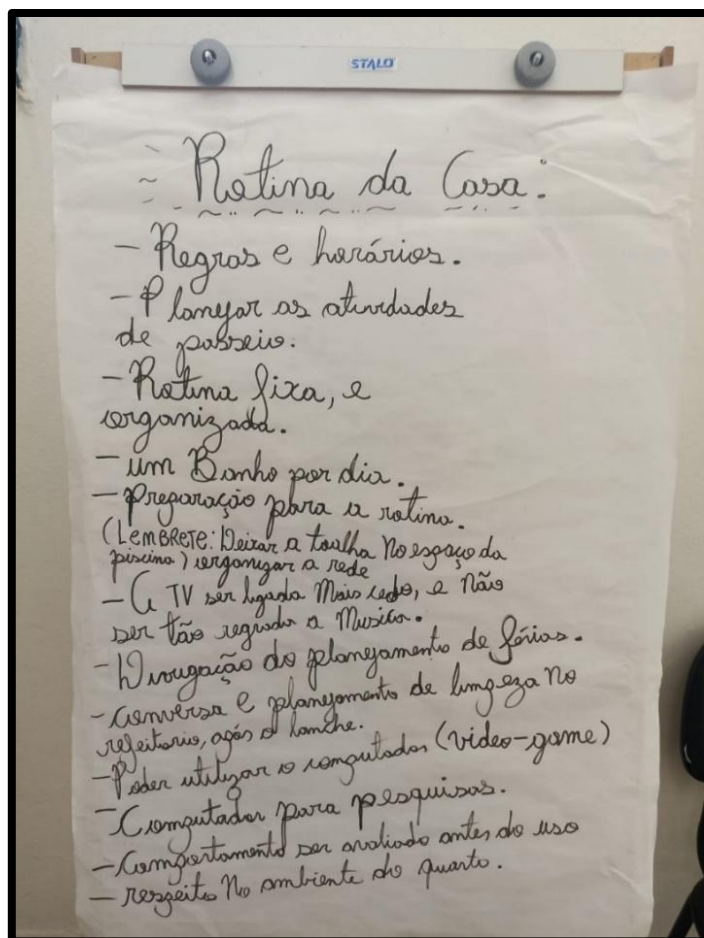
Enfim, chegou o dia do encontro com Candy Bee, nome que a jovem escolheu para chamar de seu: “Abelha doce” disse, alegre, ao traduzir para mim sua escolha.

Foi combinado com a gestora do abrigo que o encontro para a caminhada com Candy Bee seria no escritório do abrigo, local em que ficam os profissionais de nível superior. A assistente social e técnica de referência do CAPS IJ de Candy Bee aguardava para que os últimos detalhes fossem pactuados e o TCLE fosse assinado.

Candy Bee chegou do abrigo acompanhada de uma monitora. Ao me ver, exclamou, “Eu te conheço lá do CAPS!”. Fomos encaminhadas para uma sala de reuniões onde a assistente social nos acomodou, ligou o ventilador e ela e Candy Bee mostraram um cavalete com *flip chart* onde estava descrito a rotina da casa. Rapidamente, Candy Bee contou que aquela letra era dela e que ela havia ajudado no planejamento das novas rotinas.

### O cotidiano do abrigo:

Foto 11: O cotidiano do abrigo

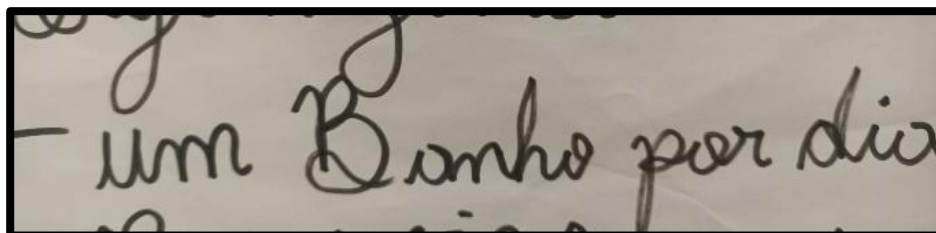


Fonte: Elaboração de Candy Bee

### Regra que mais gosta:

Candy Bee contou que a regra que mais gosta é “um banho por dia”, riu bastante ao contar que tem outras crianças e adolescentes que não seguem essa rotina e que ela, geralmente, sente muito calor então toma dois ou mais banhos por dia.

Foto 12: Regra que mais gosta



Fonte: Elaboração de Candy Bee

Regra que menos gosta:

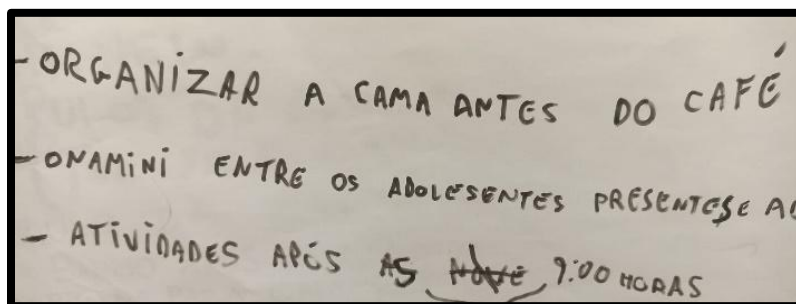
Tomar banho antes do café-da-manhã é a rotina menos querida de Candy Bee, pois tem de arrumar a cama e tomar banho antes de comer e ela se sente numa correria já que tem preguiça de acordar mais cedo para arrumar a cama e tomar banho, então ou se vê sem tomar café ou em uma enorme fila para o banho.

Diante da rotina e das regras, a jovem rememorou cenas que já viveu no abrigo. Relembrou de uma certa rotina que antes era obrigatória e que agora na revisão, todos puderam opinar e, desta forma, conseguiram mudá-la que era “obrigatório o banho antes do almoço”. Candy Bee contou que geralmente sente muita fome e que sentia raiva em ter que tomar banho antes de comer.

Assim, certa vez chegou da escola e se recusou a tomar banho já que queria muito comer. Ao receber a negativa dos monitores, Candy Bee pulou o muro do abrigo e foi para a Lagoa do Taquaral. Ao chegar lá, encontrou uma mulher com seu filho e, ambas, conversaram e a jovem desabafou sobre o ocorrido. Ao final da conversa, comeram um cachorro-quente juntas, pago pela mulher que a acolheu.

Candy Bee riu novamente e disse “Não era mais fácil ter tomado banho? O que é mais difícil: tomar banho ou pular o muro?”. Respondo dizendo que às vezes quando estamos com raiva não pensamos direito e agimos por impulso. Ela concorda.

Foto 13: Regra que menos gosta



Fonte: Elaboração de Candy Bee

Após essas memórias, continuamos a leitura do TAI e Candy Bee foi tirando as dúvidas sobre as palavras que não sabia o significado. Aceitou participar, assinou os papéis e disse que já estava pensando nas fotos que queria tirar: um gato porque gosta de felinos e que tem um gato na casa da mãe. Conta que quando vai visitá-la, gosta de cuidar e brincar com o gato. Quer tirar também foto de uma árvore porque é essencial para vida, uma flor porque

representa a beleza e o Lagoa do Taquaral enquanto crítica social, pois a associa a Lagoa como seu único local de lazer.

Percebi que Candy Bee estava muito focada em fazer um planejamento prévio das fotos que queria tirar. Assim, disse a ela sobre a possibilidade de tirar fotos espontaneamente durante a caminhada.

#### *Durante a caminhada*

##### Encantadora de gatos:

A principal preocupação de Candy Bee era onde encontraria um gato e como faria para não o assustar, já que gatos são ariscos por natureza, segundo ela. Após 20 metros da portaria da sede do abrigo encontramos um gato preto de olhos verdes que estava esparramado na sombra de uma árvore.

Nos aproximamos do gato com muita cautela. Candy Bee, caminhou em sua direção em silêncio. Fez algumas tentativas de tirar foto: posicionou a câmera para cima e para baixo, aproximou e distanciou a câmera do gato. Para nossa surpresa o gato era manso e continuava deitado no concreto da calçada nas sombras das árvores. Candy Bee disse que gostaria de tirar uma foto dos olhos do gato. O gato se levantou e andou, vagorosamente, na direção da jovem, se esfregou nas pernas dela e voltou ao lugar onde estava deitado.

Candy Bee disse que é “uma encantadora de gatos” e que o gato que cuidava na casa da mãe também gostava dela, mas que, recentemente, fugiu. Para ela o gato saiu para namorar e não encontrou o caminho de volta. Não aprofundou sobre a relação entre ela, a mãe e o gato. Entretanto, contou que a mãe gosta de gatos assim como ela.

Encerrou falando que ela e seu irmão têm visitado a mãe todos os sábados e que fazem uma pequena viagem, pois ela mora em outra cidade que fica, aproximadamente, a 52 km de Campinas.

Foto 14: Encantadora de gatos



Fonte: Elaboração de Candy Bee

#### Pluralidade e diferença:

No outro lado da rua e na direção da calçada em que o gato estava esparramado, havia uma casa com os muros recobertos de plantas trepadeiras com folhas bem verdes e flores roxas e com um bonito canteiro cheio de flores pequenas de diversas cores.

Candy Bee apontou e disse para atravessarmos a rua, ficamos paradas em frente ao muro olhando as flores e folhas. Candy Bee pareceu não notar que havia abelhas sugando o néctar das flores roxas e colocou as mãos nelas sem nenhuma reação. Disse que gostou daquela flor e pareceu disse refletindo “Eu sei que é cruel, mas eu quero arrancar uma flor para tirar foto dela junto com as outras flores”.

Desta maneira, Candy Bee colheu uma flor roxa e outras flores do canteiro, nos sentamos no chão e ela tentou montar um cenário. Porém, teve dificuldade em colocar as flores na posição que desejava, pois apresentava tremor nas mãos. Assim, me convidou a ajudá-la e foi guiando a montagem do cenário conforme seu desejo.

Candy Bee pareceu não ver um senhor idoso que saiu da casa enquanto montávamos o cenário. Desta forma, justifiquei o motivo pelo qual estávamos sentadas no chão em frente à

sua residência. O senhor sorriu e pareceu não se importar, respondeu que a casa não era dele e retornou para o interior da mesma.

Candy Bee tirou diversas fotos do cenário de flores e explicou que quis montar uma cena porque elas se parecem com as pessoas, isto é, “cada um é de um jeito e tem sua beleza”. Continua dizendo que apesar das coisas boas que pensa sobre as pessoas e sobre aceitar as diferenças que todos os seres humanos possuem, conta que ela já foi vítima de *bullying* na escola. Não se aprofundou sobre o que viveu e finalizou dizendo que ela era diferente dos outros adolescentes e achava que por isso sofreu e ainda sofria *bullying*.

Foto 15: Pluralidade e diferença



Fonte: Elaboração de Candy Bee

#### O que não se vê:

A rua em que estávamos era tranquila e arborizada e não havia nenhum pedestre ou carro passando. Ao lado direito do canteiro tinha uma imponente árvore cheia de flores e Candy Bee disse “Eu quero essa árvore! Gostei dela e faz uma sombra bem grande no chão que parece um pulmão.” Notou também que a casa em frente a árvore estava à venda e que gostaria de ajudar o proprietário a vendê-la já que a foto irá aparecer na pesquisa. Rapidamente tirou a foto e ao olhar a mesma no aparelho celular disse que a sombra não precisaria aparecer na imagem capturada porque é “igual ao oxigênio que a gente não vê”.

Foto 16: O que não se vê



Fonte: Elaboração de Candy Bee

As fotos acima foram tiradas nas proximidades da sede do abrigo, há um minuto ou menos de caminhada. Seguimos a caminhada no sentido a Lagoa do Taquaral. Candy Bee falou que estava cansada de ir para a Lagoa, pois é o único lugar que ela e as outras pessoas do abrigo tem como lazer. Explicou melhor, dizendo que não é que não goste da Lagoa, mas que é o único lugar que vai e que tem poucos eventos acontecendo. Contou ainda que ela pode andar no pedalinho e no bondinho de graça porque é do abrigo. Justificou seu pensamento de crítica social, pois acredita que deveria ter mais coisas “rolando” e que achava que a Lagoa é “subutilizada”.

#### Rock, funk e *bullying*:

A Lagoa do Taquaral tem diversas entradas e Candy Bee decidiu entrar por aquela que era a mais próxima do abrigo e por isso era a que mais usava por ela. Na entrada havia uma barraca de pastel e ao vê-la lembrou que veio, recentemente, comer pastel com seu irmão e que ela pagou para os dois com o dinheiro que recebe de um projeto social. Disse que se sentia importante em poder comprar as coisas que tinha vontade e que foi também com este dinheiro

comprou alguns itens de papelaria no centro da cidade durante um atendimento externo que teve com a sua terapeuta ocupacional do CAPS IJ Carretel.

Esta específica entrada da Lagoa do Taquaral fica numa descida que dá direto para a concha acústica. Assim que avistou a edificação contou que o último show que ela veio foi de rock e que ela acredita ter perdido duzentos reais, pois os músicos fizeram um desafio em que escolhiam alguém da plateia para subir no palco e tocar uma música e explicou que queria ir, mas que não gosta de rock e achou que não saberia nenhuma música e por isso não se voluntariou. A banda escolheu duas crianças e as desafiaram a tocar guitarra imaginária. Candy Bee começou a rir dizendo que se ela soubesse eu era só para fingir que tocava guitarra ela tinha ido e ganhado o dinheiro.

Ficamos debruçadas na grade da concha acústica enquanto a jovem dizia que queria que tivesse um show de Funk e que se tivesse, iria se divertir porque gosta muito deste estilo musical. Neste momento, voltou ao assunto do *bullying* que sofreu na escola e disse que estava gostando de um garoto da sala dela e que conversavam muito e que depois descobriu que ele não estava interessado nela e que os demais alunos ficaram “zoando e rindo”. Contou ainda que também ela fez outra coisa que foi ruim e que sabia que estava errada, mas que quando se deu conta já tinha feito. Disse que não queria contar o que aconteceu ficando com o rosto corado.

Foto 17: Rock, funk e *bullying*



Fonte: Elaboração de Candy Bee

Mesmo caindo continue subindo:

Enquanto retornávamos para o portão de saída, Candy Bee avistou um carro parado dentro do parque. Perguntou se poderia tirar uma foto do carro tomando cuidado em não mostrar a placa do veículo. Do local que estávamos dava para ver perfeitamente o carro, contudo na tentativa da foto, ficou muito distante. A jovem foi se aproximando devagar e olhando para os lados para não ser vista por ninguém, como se estivesse fazendo algo ilegal e tirou algumas fotos.

Na galeria de fotos ela escolheu a que mais gostou dizendo: “Parece ilusão de ótica, as vezes parece que tá subindo e as vezes parece que tá descendo.” E finaliza “Mesmo que você estiver caindo, continue subindo.”

Foto 18: Mesmo caindo continue subindo



Fonte: Elaboração de Candy Bee

Literalmente, continuamos subindo o morro para sair da Lagoa. Candy Bee ficou repetindo a frase sobre cair e subir e disse que na vida dela tem poucas pessoas com quem podia contar e foi listando: meu irmão, a Luma\* (terapeuta ocupacional (TO) do CAPS IJ Carretel) e uma monitora que ela achava que não a julgava quando fazia coisas estranhas e que era “muito legal e bonita.”

Emendou o assunto dizendo que tem uma outra monitora que ela odeia, que ela a chama pelo apelido de “Lady Crente” porque é a junção do nome da mulher com a religião dela. Contou que esta mulher esfregou uma peça de roupa no seu rosto quando Candy se recusou a arrumar o quarto. Disse ainda que não contou sobre o ocorrido, pois “ninguém acredita” e também não sabia se o acontecido era ou não uma agressão.

Sáímos da Lagoa e fomos tomar sorvete para finalizar nosso encontro. Na sorveteria Candy Bee escolheu as fotos que mais gostou e editou as mesmas. Agradeceu pela tarde, disse que havia gostado muito de participar e que esperava ter ajudado na pesquisa.

Foto 19: Caminhada de Candy Bee na Lagoa do Taquaral (ver anexo 1)



Fonte: Elaboração da pesquisadora

#### *4.2.4 Lipe*

##### *Antes da caminhada*

Foi combinado com a gestora do abrigo que o encontro com Lipe seria no CAPS IJ Carretel e, também foi combinado com as técnicas de referência do CAPS de realizar a caminhada durante algum atendimento de Lipe e que, se fosse possível, uma delas acompanhasse, visto que a participação contribuiria para a caminhada e para o manejo de possíveis situações e para facilitar o processo criativo do jovem.

Lipe chegou um pouco depois do horário combinado para a caminhada, durante a espera, eu e Célia, técnica de referência de Lipe no CAPS IJ Carretel, conversamos sobre a pesquisa e caminhada. Nós duas já havíamos conversado com o jovem sobre a pesquisa e ele havia aceitado, contudo, devido seu atraso, imaginávamos que ele poderia ter mudado de ideia ou, até mesmo, não fosse comparecer. Enfim chegando com dez minutos de atraso, disse que era culpa do motorista do abrigo, chamando-o de “aquele mané”.

No início, Lipe não queria falar comigo, ficou andando pelo CAPS, quando finalmente chegou perto disse “Eu senti sua falta” e um pequeno empurrão carinhoso em resposta ao abraço que ganhou.

Sentamos lado a lado e ele ficou sem olhar para mim enquanto, novamente, explicava sobre a pesquisa e ele me respondeu que não entendeu nada. Levantou, passou as mãos nos cabelos, pareceu agitado e sentou novamente. Contou que Candy Bee falou para ele que havia saído comigo no dia anterior.

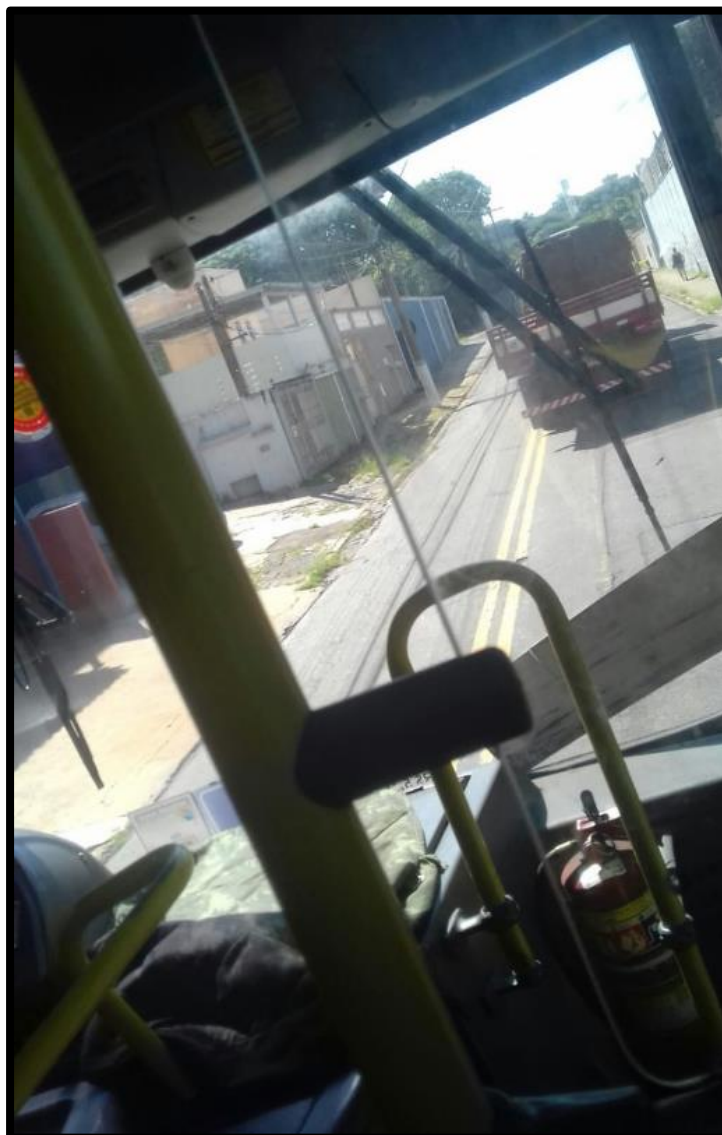
##### Os parças, os motô:

Lipe aos poucos foi contando, com os olhos e mãos colados no seu aparelho celular, que tinha algumas fotos na sua galeria. Mostrou fotos do ônibus que ele “dá rolê para cima e para baixo com seus parças, os motô”. Contou que se sente muito bem e que gosta conhecer Campinas andando de ônibus. Os motoristas são seus amigos, o tratam bem e com respeito e que se sente feliz perto deles.

Enviou uma foto de sua preferência que, ao seu ver, representava suas circulações de ônibus pela cidade e a amizade que nutria com os motoristas.

Neste momento, inúmeras mensagens chegaram no celular de Lipe e pareceu que ele foi levado diretamente para o interior do celular e foi difícil daquela situação. Ao chamar sua atenção, respondia de maneira monossilábica: “Pera” e seguia respondendo suas mensagens por áudio. Havia um enorme contrataste na entonação e na quantidade de palavras que dispensava para mim e para seus amigos motoristas.

Foto 20: Os parças, os motô



Fonte: Elaboração de Lipe

Lipe, o desenhista:

Em certa mensagem ele falou: “Ei (nome do motorista), aqui é o Lipe desenhista, beleza cara? Como você tá? Firmão? Manda um salve pá nós!” Neste momento, apontei que me lembrava que ele desenha muito bem. Ele me olhou brevemente e apontou para Célia e me disse que ela tinha uma foto legal dele desenhando.

Ambos procuraram a foto no celular dela e me mostraram. Ele contou que fez esta arte numa atividade grupal e que representava bons momentos que havia passado com alguns profissionais que confiava, porque sentia-se ouvido verdadeiramente.

Foto 21: Lipe, o desenhista



Fonte: Elaboração de Lipe

Após este momento, Lipe ainda estava muito animado com o celular e combinamos que assim que acabasse de responder as mensagens para seus amigos, iríamos desligar a internet e sair. Ele concordou com um aceno de cabeça. Ainda não havia assinado o TAI, demonstrando que sua estruturação de tempo-espço é singular e, portanto, diferente dos outros jovens.

#### *Durante a caminhada*

Lipe disse que gostaria de ir ao shopping para tirar foto do lugar onde gosta de ir com seu acompanhante terapêutico (AT) particular para jogar. Combinamos que a melhor forma de irmos até o shopping era de carro e com a autorização do abrigo e do CAPS saímos.

Lipe estava muito animado em andar comigo e Célia no carro, fez várias perguntas sobre o veículo, após entrar colocou o cinto e tentou conectar o *bluetooth* do celular no carro,

como não conseguiu. Ele ficou chateado, conversando pouco no trajeto de dez minutos até o shopping.

#### Os “pipoca” de shopping:

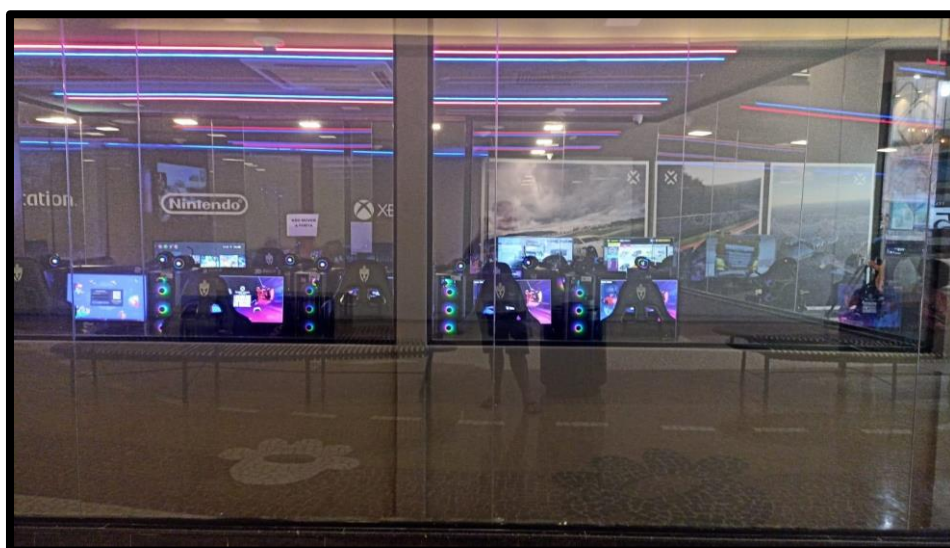
Assim que estacionamos, Lipe começou a andar rápido, acelerava e desacelerava os passos. Ao entrar no shopping acelerou e disse que estava com vergonha de ser visto comigo e Célia.

Desta forma, demos espaço para ele que de repente chamou nossa atenção dizendo que havíamos passado a loja. Retornamos alguns metros e ficamos sentados em um banco em frente à loja de jogos e o jovem não conversou muito. Finalmente, Lipe perguntou se podíamos tirar foto da loja e se “os pipoca” não iriam pegar a gente. Explicou que “os pipoca” eram os guardas do shopping e que sempre era parado por eles.

Após alguns segundos, Lipe tirou a foto da loja com seu celular próprio e a foto não fica boa, tirou outra que ele também não gostou e, por fim, aceitou o celular que estava disponível para a tiragem de fotos da caminhada. Anteriormente, havia dito de forma mais incisiva que não pegava o celular dos outros.

Olhou para mim e disse “Tá satisfeita? Vamos embora que depois do CAPS vou pro outro shopping que tem *wi-fi* de graça e eu vou lá todo dia com o motô do busão 111”. Afirmou dizendo que pode caminhar tranquilo no outro shopping, ficar no celular e ainda “trocava ideia” com seus amigos motoristas durante o trajeto. Entre esses dois shoppings há uma distância de 22 minutos de carro e cerca de 1 hora de ônibus.

Foto 22: Os “pipoca” de shopping

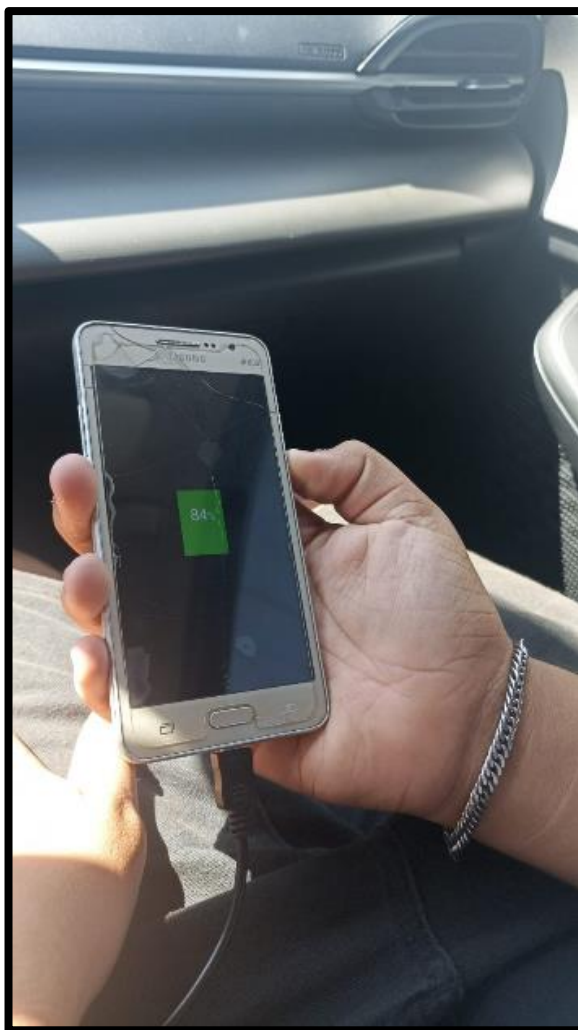


Fonte: Elaboração de Lipe

Tudo que tenho na vida:

Ao entrarmos no carro, Lipe aceitou ajuda para conectar seu celular no carro e colocou as músicas que gosta. O gênero musical é *trap*. Ficou muito feliz e pareceu relaxar. Queria escutar a música no volume mais alto do carro, andar de vidros abertos e nessa hora pediu para assinar o TAI. Ele pediu para eu tirar uma foto dele segurando seu celular, diz que é tudo que tem e que antes o aparelho pertencia a uma criança, justificando assim o nome estranho que apareceu na conexão do *bluetooth*.

Foto 23: Tudo que tenho na vida



Fonte: Elaboração de Lipe

Retornamos ao CAPS IJ Carretel com a música alta e com Lipe fazendo vários vídeos, demonstrava felicidade e pediu para dar uma volta na Lagoa do Taquaral escutando as suas músicas e escolheu o nome para ser usado na pesquisa em homenagem a um cantor que ouvíamos naquele momento.

### Brincando de dirigir:

Ao estacionarmos em frente ao CAPS perguntou se podia sentar no banco de motorista. Lipe ficou cerca de meia hora brincando de dirigir, fingia que trocava as marchas, mexia nos espelhos, penteava o cabelo olhando no retrovisor, buzinou algumas vezes e perguntou outras coisas sobre o veículo, como: marca, modelo, ano, valor, se foi difícil conseguir comprar o carro, se algum dia ele conseguiria ter um carro e assim por diante.

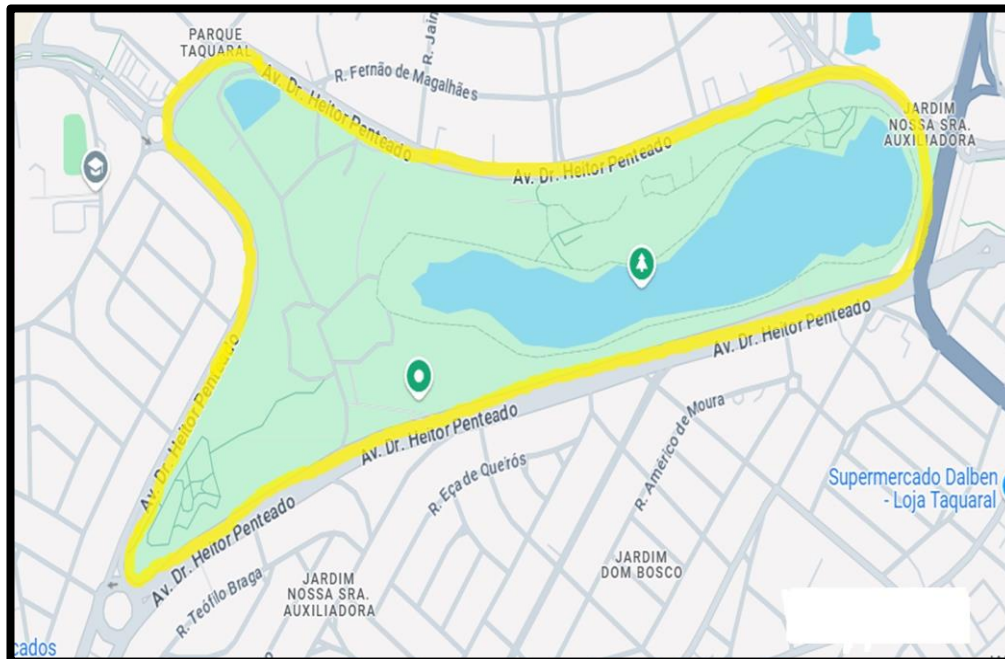
Foto 24: Brincando de dirigir



Fonte: Elaboração de Lipe

Decidiu que sua última foto seria dele no volante e disse que gostou do nosso encontro, mas que precisava ir embora. Saiu do carro, deu um abraço e entrou no CAPS para esperar o motorista do abrigo ir buscá-lo.

Foto 25: Caminhada de Lipe na Lagoa do Taquaral (ver anexo 1)



Fonte: Elaboração da pesquisadora

### 4.3 Refletindo sobre as caminhadas

Esta dissertação buscou ampliar a ideia da caminhada como ato físico, que traz prazer e bem-estar, abordando-a também como um processo existencial e contemplativo. Caminhar é uma atividade simples, democrática e rica em significados, que remonta à própria história da experiência humana.

Pode ser vista como uma prática de liberdade, onde o indivíduo se desloca fisicamente e, ao mesmo tempo, encontra espaço para explorar suas ideias, pensamentos e emoções. Nesse sentido, caminhar é mais do que apenas mover-se de um lugar para outro; é uma forma de meditação ativa, em que o caminhante se desliga das pressões e distrações da vida moderna e mergulha em um estado de reflexão.

Além disso, a caminhada pode também estar associada à criatividade. O ato de caminhar pode ajudar a organizar os pensamentos, proporcionando novas perspectivas e insights. Caminhar pode ser entendido como uma prática que une corpo e mente, permitindo ao indivíduo experimentar o mundo de maneira mais autêntica e profunda.

O caminhar-fotografar-dialogado, usado como recurso metodológico da presente pesquisa, mostrou também sua potencialidade de: escuta e acolhimento; de bem-estar e criação; de experimentação de si e ludicidade; e de convivência e ocupação dos espaços comunitários.

As caminhadas com os quatro jovens revelaram pontos divergentes e convergentes em relação a suas concepções de mundo. Foi essencial durante todas as caminhadas respeitar as

singularidades dos jovens e, principalmente, o momento de vida que estavam passando. Na história singular trazida por cada um deles, a Lagoa do Taquaral (anexo 1) apareceu como ponto de convergência, ou seja, em algum momento das caminhadas este parque foi percorrido ou citado. Revelou-se como uma espécie de quintal, onde é possível praticar atividade física, como corrida ou futebol, paquerar, andar de skate ou pedalinho, apreciar shows, entre outros. Mas, apareceu também enquanto local de acolhimento e atalho usado por usuários entre o CAPS II Carretel e algumas das instituições de acolhimento institucional da cidade de Campinas.

Desse modo, caminhar com estes jovens foi um convite ao inesperado que questiona os modos de cuidados destinados aos mesmos. A forma como veem e se enxergam no mundo através das fotografias tiradas, somado a narrativa dos acontecimentos das suas vidas e dos locais que estão inseridos, oferecem uma ampla discussão e reflexão, sobretudo, no significado da simples ação de caminhar versus a complexidade de ir e vir.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

### *5.1 Vivências familiares, moradia e acolhimento institucional: impactos transversais na vida dos jovens*

As histórias de Lorraine, Rodrigo, Candy Bee e Lipe refletem as experiências de amplo conjunto de famílias brasileiras (ref) que vivem em situação de extrema pobreza e vulnerabilidade social, o que resulta na precariedade de seus modos de vida e na fragilização dos vínculos afetivos e relacionais dos seus membros. Para os jovens participantes da pesquisa, o acolhimento institucional foi uma alternativa necessária para garantir sua segurança e proteção. As instituições de acolhimento em que estiveram, como abrigos, casas lares ou casas de acolhimento transitório, tiveram por objetivo oferecer um ambiente seguro e acolhedor enquanto soluções de retorno ao convívio familiar eram buscadas. Contudo, apesar de sua relevância social e protetiva, o processo do acolhimento institucional apresentou também desafios.

A trajetória desses jovens que estiveram em acolhimento institucional foi permeada por transições de locais de acolhimento e tentativas de reintegração familiar. Lorraine, após permanecer 3 anos e 9 meses em um abrigo, foi restituída ao convívio com a mãe e suas duas irmãs. Esse processo de retorno ao lar familiar, no entanto, não foi isento de conflitos e desafios. Neste caso, segundo ela, foi necessário que pudesse trabalhar em mais de um local para prover sua subsistência. Candy Bee, embora ainda em acolhimento institucional deveria, por decisão

judicial, ser transferida para instituição acolhedora na na cidade da genitora, o que implicaria em rompimento de laços afetivos dos colegas da escola e do abrigo em que morava. Já para Rodrigo, a internação em comunidade terapêutica foi a alternativa imposta pela mãe enquanto condição para que ele voltasse a morar com ela quando de lá saísse, o que resultou em sua evasão do abrigo e uma vida em situação de rua.

Portanto, suas histórias apontam como um dos principais desafios a manutenção dos laços familiares e comunitários. Embora as instituições oferecessem proteção física, muitas vezes elas falharam em proporcionar a continuidade de vínculos afetivos, essenciais para o relacionamento dos jovens. Por outro lado, suas narrativas apontam as dificuldades da vida nas instituições de acolhimento, dada a alta rotatividade de cuidadores, o uso excessivo de regras, a falta de individualidade e a convivência com outros jovens em situação de vulnerabilidade, que em algumas situações agravaram seus sentimentos de isolamento, abandono e insegurança.

A vida em acolhimento institucional muitas vezes é caracterizada por um conjunto de regras e rotinas que impactam diretamente a autonomia dos jovens, como exemplificado pelos relatos dos jovens sobre o controle sobre o uso de celulares, a obrigatoriedade de cumprir horários para tomar banho e realizar refeições. Candy Bee expressou seu apreço pela rotina das alimentações, embora se sentisse incomodada pela obrigatoriedade de tomar banho antes das mesmas e Lorraine compartilhou sua percepção ao comparar a liberdade monitorada vivida no abrigo com a liberdade que tinha na casa da mãe.

Essas regras, contudo, não são interpretadas sempre de forma negativa por todos. Alguns jovens apontaram como aspectos positivos a organização e a regularidade das refeições, o que sugere a precariedade e irregularidade da oferta alimentar em sua pregressa vida familiar ou na rua. Para eles, o acolhimento proporcionava uma sensação de estabilidade, mesmo que permeada por um sentimento de perda de privacidade. O relato de Lorraine expressa esse conflito quando diz que ao chegar no abrigo, se jogou de cabeça, mas não havia fundo, expressando a sensação de vulnerabilidade ao ingressar nesse ambiente e relata se sentir vigiada todo tempo, tanto pelos funcionários quanto pelos demais jovens.

Outro ponto trazido pelos jovens foi a relação com os profissionais dos abrigos, descritos ora como figuras de apoio ora como agressivos, como o exemplo de Candy Bee, por ter tido uma peça de roupa esfregada em seu rosto como resposta a sua recusa em arrumar o quarto.

Apesar do acolhimento institucional proporcionar proteção e garantia de direitos, os jovens apontam limitações em relação às oportunidades de lazer e atividades sociais. Candy

Bee mencionou que a Lagoa do Taquaral é praticamente a única opção de lazer disponível para ela e para as demais crianças e jovens que estão em seu abrigo.

Além disso, a preocupação com a transição para a vida adulta também se apresentou como um desafio significativo, já que ao atingirem a maioridade civil, muitos desses jovens serão desligados das instituições sem suporte adequado para enfrentar os desafios da vida adulta, como a inserção no mercado de trabalho, a estabilidade de moradia e a construção de uma rede social de apoio. A ausência de uma transição planejada e o desligamento abrupto das instituições podem levar a uma situação de vulnerabilidade ainda maior, resultando em exclusão social, desemprego e exposição a situações de risco. (Mendes, 2011).

Desta forma, as vivências familiares, as condições de moradia e o acolhimento institucional estão interligados e essas experiências, muitas vezes sobrepostas, contribuem para o aumento das vulnerabilidades sociais e emocionais dos jovens. Essas interações podem ser agravadas por questões socioeconômicas e pela falta de políticas públicas adequadas que serviriam de garantia de suporte às famílias e aos jovens em situação de risco.

A precariedade no atendimento às famílias em vulnerabilidade, a escassez de programas habitacionais e a ausência de acompanhamento adequado para jovens em acolhimento institucional perpetuam ciclos de exclusão, influenciando o futuro de muitos desses indivíduos (Ayres, 2003)

Sendo assim, o acolhimento institucional, embora necessário em casos de proteção, deve ser complementado por políticas de reintegração social e familiar, bem como por programas de apoio à transição para a autonomia juvenil (Brasil, 2005).

Portanto, é fundamental que políticas públicas sejam formuladas e implementadas de maneira integrada, considerando a interconexão entre esses aspectos. A promoção de suporte familiar, o acesso a moradia digna e a criação de programas que garantam o acompanhamento de jovens egressos de instituições são passos cruciais para mitigar os efeitos das vulnerabilidades sociais e promover uma inserção mais equitativa desses jovens na sociedade. A construção de um futuro mais justo para a juventude requer um olhar atento às suas vivências e necessidades, assegurando que todos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente e de construir uma existência digna (Rio Grande do Sul, 2006).

Para além do cuidado e proteção do Estado, os jovens buscam construir e manter suas redes sociais de suporte que desempenham papel crucial no desenvolvimento e bem-estar, já que se refere ao conjunto de relações interpessoais que os jovens mantêm com familiares, amigos, colegas e até instituições, como escolas, abrigos, CAPS e comunidades. Essa rede

exerce influência direta sobre a saúde mental, o desenvolvimento social e emocional, bem como na capacidade de enfrentar desafios comuns durante essa fase de vida. (Dessen, 2000)

Para os jovens desta pesquisa o CAPS IJ Carretel exercia um papel crucial no suporte emocional e psicossocial desses adolescentes, apresentando-se como um espaço seguro para a construção de vínculos e desenvolvimento pessoal. Para eles o espaço era visto como um lugar onde conseguem se reestruturar emocionalmente. Lorraine destacou que foi no CAPS IJ que aprendeu a ser gente, sublinhando a importância desse ambiente para seu autoconhecimento e autoestima. Manifesta ser este um local em que consegue ser ouvida, inclusive ao pedir que os profissionais a ajudassem a ser transferida de escola. Ainda para Lorraine o CAPS IJ é descrito como um local de reencontro familiar, onde momentos significativos de convívio com a mãe puderam ser revividos, como a experiência de cozinhareem juntas. Essas memórias e atividades realizadas no CAPS IJ a ajudaram a fortalecer o vínculo afetivo com sua mãe e contribuíram para o processo de ressignificação das relações familiares.

Sendo assim, O CAPS IJ pode compor e colaborar na construção de redes sociais de suporte atuando como um fator protetor ao proporcionar segurança e ajuda para os jovens poderem lidar com as dificuldades e desafios vividos em suas condições de vida. Na cartilha, Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial (2004) definem as práticas do CAPS, como:

As práticas realizadas nos CAPS se caracterizam por ocorrerem em ambiente aberto, acolhedor e inserido na cidade, no bairro. Os projetos desses serviços, muitas vezes, ultrapassam a própria estrutura física, em busca da rede de suporte social, potencializadora de suas ações, preocupando-se com o sujeito e sua singularidade, sua história, sua cultura e sua vida cotidiana (Brasil, 2004, pg 14).

O apoio oferecido pelo CAPS IJ, e por outras redes de suporte, cria lugar para o jovem expressar suas angústias, incertezas e frustrações sem o medo do julgamento. Isso facilita o desenvolvimento de resiliência, a capacidade de enfrentar adversidades e aprender com as experiências. (Ribeiro e Bezerra, 2015). Além disso, a interação com pessoas que consideram confiáveis, promove o desenvolvimento de habilidades sociais que são essenciais para a construção de relacionamentos na vida. Outro aspecto relevante da rede social de suporte é sua função mediadora em momentos desafiadores. Nesse sentido, a presença de figuras de apoio facilita a resolução de conflitos, promove o diálogo e a compreensão mútua (Juliano e Yunes, 2014).

Candy Bee exemplificou a importância das relações ao contar que certa vez chegou da escola, evadiu do abrigo e foi a Lagoa do Taquaral onde encontrou uma mulher com seu filho e teve a oportunidade de com ela desabafar e refletir sobre sua atitude. Ainda conta que em sua vida há pessoas com quem pode contar, como o irmão, uma profissional do CAPS IJ e uma monitora. Já para Lipe sua rede social de suporte é composta pelos motoristas de ônibus que o escutam, conversam e preocupam-se com ele.

Portanto, as trajetórias dos jovens em acolhimento institucional e em acompanhamento no CAPS IJ são transversalizadas por experiências de fragilidades e potências. Embora enfrentem rupturas familiares, vulnerabilidades e lacunas de políticas públicas, eles mostram-se capazes de resistir e de se reconstruir em meio às adversidades. O papel da construção das redes de suporte e das relações, formais e informais, contribuem para a sustentação emocional e social desses jovens. A partir das narrativas orais e visuais evidenciou-se que estes jovens, mesmo em meio a contextos de instabilidade, encontram no vínculo com o outro e no fortalecimento de suas próprias histórias, a base para ressignificar suas vivências e projetar novos futuros.

### *5.2 Ser jovem: fazeres com sentido, circulação social e a construção da existência*

As vivências de ser jovem de Lorraine, Rodrigo, Candy Bee e Lipe, descritas na pesquisa, se alinham a de muitos jovens pobres e periféricos brasileiros que buscam, mesmo sob a falta de oportunidades e violações de direitos, produzir existências com sentido, de modo a sustentar uma vida cotidiana permeada por fazeres, relacionamentos e circulação social. A singularidade de suas trajetórias e, ao mesmo tempo, suas vivências comuns de acolhimento institucional e acompanhamento em um CAPS IJ, evidenciam que embora existam características compartilhadas, as diferentes formas de ser jovem refletem múltiplas vivências, identidades e trajetórias sociais. Nesta pesquisa, dois se declararam pretos e dois brancos, três se declararam cis e uma se declarou bissexual; todos eram provenientes dos extratos sociais mais pobres. Seus interesses, desejos e esperanças atravessam e marcam sua vida cotidiana em uma pluralidade de modos de ser que se expressa nas maneiras como que circulam socialmente e constroem suas existências em distintos contextos.

Nesta direção é que se pode afirmar que as juventudes, no plural, emergem como um conceito que abarca a diversidade cultural, econômica, geográfica e de gênero, entre outros aspectos (Pais, 1990b; Dayrell, 2005). Compreender o que significa ser jovem envolve também conhecer os "fazer com sentido", ou seja, as atividades, interações e práticas que estes jovens consideram em como percebem a si mesmos e como esta percepção influencia suas vidas

através de suas ações e dão significado às suas existências. Essas atividades podem variar amplamente, desde a participação em grupos culturais, esportivos e religiosos, até a inserção em espaços de lazer, festas e movimentos políticos.

Além disso, a forma como os jovens transitam por diferentes contextos sociais é um fator central na construção de sua existência e subjetividade. Para Dayrell (2005), a construção da existência para os jovens se fundamenta em duas dimensões principais. A primeira é a identidade, que, por meio do autoconhecimento, permite aos jovens explorar suas potencialidades, identificar suas preferências e descobrir aquilo que lhes proporciona prazer e satisfação. Nesse sentido, o grupo social ao qual pertencem, os contextos culturais, as atividades de lazer e as experiências escolares desempenham um papel importante na promoção de vivências positivas, contribuindo para a elaboração de seus projetos de vida, sejam eles de natureza individual ou coletiva. A segunda dimensão é o conhecimento da realidade, o que implica que, quanto maior for a compreensão do jovem sobre o contexto em que está inserido, mais ele será capaz de discernir os mecanismos de inclusão e exclusão presentes na estrutura social. Esse entendimento facilita o reconhecimento das oportunidades disponíveis, bem como dos limites impostos por essa realidade (Amorin, 2024).

Cada uma dessas práticas permite aos jovens se conectarem com seus pares e se expressarem em diferentes níveis, sejam eles artísticos, sociais ou ideológicos. A busca por sentido é uma característica intrínseca à juventude; exploram o mundo e a si mesmos em busca de se constituir como sujeitos de sua vida com valores, desejos e aspirações. Nesse processo, as atividades realizadas assumem um importante papel em seu desenvolvimento que sejam coerentes com seus desejos e resultante dos enfrentamentos para acessar oportunidades e sustentar suas escolhas (Pais, 1990c)

Ao longo das caminhadas e narrativas, os jovens revelavam aspectos significativos de suas rotinas, prazeres, interesses e desafios que ofereceram uma amostra dos modos como se conectavam com o mundo ao seu redor. Os relatos deles revelavam não apenas suas preferências pessoais, mas também as maneiras com que construía suas existências em meio aos contextos de vulnerabilidade social de suas vidas.

Todos os jovens expressaram, de alguma forma, a importância das atividades, das relações sociais em suas vidas e suas preocupações sociais. Rodrigo, por exemplo, destacou sua paixão pelo futebol e por jogar como goleiro, atividade que manteve em diferentes fases de sua vida, apesar das mudanças constantes entre lares de familiares e o abrigo. O futebol representava para ele um espaço de disciplina e continuidade em meio às instabilidades, descrevendo este esporte como um organizador de sua rotina, o ajudando a acordar cedo, comer

bem e treinar todos os dias. Seu interesse em participar de movimentos que envolvam o tema da juventude, como em um podcast e na pesquisa desta dissertação, mostram sua preocupação com questões sociais, inerente ao ser jovem.

Candy Bee revelou suas preferências por atividades que envolviam a interação social e familiar, principalmente com seu irmão, além de gostar de passear, ir a shows e fazer terapia no CAPS IJ. Destacou também o valor de suas relações no abrigo, e seu empenho em participar ativamente nas discussões sobre as regras e rotinas da casa e a convivência com os trabalhadores. Lipe demonstrou uma relação particular com a cidade de Campinas já que era nas suas interações com os motoristas de ônibus que ele encontrava um sentido mais profundo de pertencimento. Para Lipe, os motoristas eram considerados, em suas palavras, “seus parças” e para quem demonstrava afeto em seus encontros diários e, em troca podia estabelecer conexões e sentir-se tratado com respeito. Lorraine pontuou como a atividade física, especialmente correr na Lagoa do Taquaral, funcionava como um mecanismo de enfrentamento emocional, pois sempre que se sentia sobrecarregada no abrigo, ela corria como uma forma de “resolver o problema e não explodir”.

Nestes contextos, a circulação social refere-se à forma como os jovens transitam entre diferentes espaços e redes de relações. O jovem, em sua jornada de construção da existência, experimenta múltiplos ambientes: a escola, a família, o abrigo, o CAPS IJ, o bairro, os grupos de amigos, os espaços virtuais, entre outros. Essas interações com diversos grupos possibilitam que o jovem experencie diversos papéis sociais e experimente novos contextos de vida. Nesse sentido, o trânsito entre estes diferentes espaços sociais é uma forma de acessar novas informações, conhecer diferentes contextos socioculturais e de estabelecer novas redes de apoio (Santos, 1998). Para Silva, Oliveira e Malfitano (2019, pg 443) “(...)estar de formas distintas nos locais já conhecidos e/ou estar em espaços diferentes/novos, parece trazer outras possibilidades aos sujeitos, como, por exemplo, o sentimento de estar apto a novas experiências”.

Em contrapartida, a circulação pode ser marcada por desigualdades e diferenças de acesso a oportunidades já que alguns jovens podem enfrentar barreiras significativas ligadas a fatores como classe social, cor, gênero ou localização geográfica de moradia. Esses elementos influenciam não apenas os espaços por onde os jovens transitam, mas também os significados atribuídos a esses percursos e a quem pode frequentar determinados locais. Para Pierre Bourdieu (1990) as práticas juvenis estão profundamente conectadas às estruturas de poder e ao capital cultural disponível para cada jovem que podem ampliar ou restringir suas possibilidades de mobilidade e de construção de identidades plurais.

Para os jovens participantes desta pesquisa, a circulação social está, muitas vezes, ligada a condição de pobreza e limitada pela localização socioespacial e o acesso a determinados espaços culturais, educativos ou de lazer pode ser restrito, o que faz com que muitas vezes criem suas próprias formas de pertencimento e de fazeres com sentido dentro de suas comunidades. Estas vivências impactam diretamente a maneira como eles utilizam, circulam e se apropriam dos espaços urbanos. Nesse contexto, a discussão sobre o acesso aos territórios, sejam eles restritos ao bairro de origem ou abrangendo a cidade como um todo, torna-se de fundamental importância (Mendes e Torres, 2011).

Os quatro jovens faziam uso de espaços públicos como forma de pertencimento e expressão. Rodrigo usava a Praça Carlos Gomes como um local de encontro e reflexão, Lipe utilizava os ônibus e a cidade de Campinas como territórios de convivência com motoristas, Lorraine corria na Lagoa do Taquaral como forma de lidar com seus problemas e trabalhava em dois locais para garantir sua subsistência e Candy Bee mencionava a vontade de se divertir em um show de funk na concha acústica. Desta forma, os bailes funks, as pistas de skate, os coletivos culturais, e as práticas esportivas, como a corrida e o futebol, são exemplos de atividades que não só compõem o cotidiano de jovens, mas também constituem territórios de existência, resistência e de pertencimento.

Neste contexto, ser jovem passa em grande medida pela luta contra a marginalização e o estigma social. Assim, a circulação social se dá na busca por romper as barreiras impostas pelo espaço urbano circunscrito em torno dos abrigos. O desafio está no “(...) alargamento do seu espaço na esfera pública, da ampliação da igualdade e do reconhecimento das diferenças, para que se produzam mais participação com mais liberdade, e mais autonomia com mais solidariedade” (Lopes et al., 2014, p. 600).

Somando-se a isto, a busca por uma narrativa própria, que resista aos estereótipos e afirme uma identidade autônoma e criativa, torna-se central para esses jovens, para que assim passem a reconfigurar a cidade ao ocuparem espaços tradicionalmente negados, como o centro urbano, os parques da cidade ou instituições de ensino, a fim de buscar lugares de pertencimento que possam fornecer validação e reconhecimento (Viero, Barbosa Filho, 2009).

Refletir sobre a vida e a maneira como os participantes experimentam e expressam suas emoções foram importantes para a construção da existência de cada um deles. Para Rodrigo, por exemplo, foi importante pensar sobre a vida no banco da praça e na fogueira com seus amigos; para Lipe foi significativo andar de carro em torno da Lagoa do Taquaral ouvindo uma música de seu cantor preferido e questionar-se sobre as possibilidades e estratégias de comprar seu próprio carro no futuro.

A construção da existência afeta o modo como o jovem interage com o mundo, com as pessoas ao seu redor e consigo mesmos. A noção de pertencimento valida suas escolhas, crenças e práticas e um dos desafios da construção da existência juvenil está na intersecção entre ser aceito pelos outros e de afirmar sua própria autenticidade. Nesse sentido, a construção da identidade juvenil é marcada por uma constante negociação entre o desejo de pertencer e a necessidade de se destacar. Para Giddens (1991) esta construção envolve uma "narrativa de si", na qual o jovem busca criar coerência entre suas experiências passadas, presentes e suas projeções de futuro. A construção identitária é influenciada por múltiplos fatores, como por exemplo: as expectativas familiares e/ou expectativas dos acolhimentos institucionais, expectativas do CAPS II, as normas sociais, as pressões de grupos e os meios de comunicação, que desempenham um papel significativo na formação de imaginários e representações de juventudes.

As experiências de Lorraine no CAPS II podem exemplificar a importância de espaços de convivência nos processos de cuidado, de pertencimento e de construção de identidade quando relembrou e descreveu momentos em que comeu uma torta de chocolate feita na convivência, reencenou histórias vividas, compartilhou receitas e cozinhou com a mãe; demonstrando seu afeto nesse e por este espaço.

Ademais, a juventude contemporânea é caracterizada pela intensa mediação tecnológica. As redes sociais e plataformas digitais são espaços comuns para a circulação de identidades e para a construção das existências juvenis que tem experimentado uma diversidade de interferências nos modos de pensar, comporta-se e agir socialmente (Fialho e Sousa, 2019). Nesses ambientes virtuais, os jovens experimentam novas formas de socialização, criam e compartilham significados, e constroem suas narrativas em tempo real, participando de uma cultura globalizada e multifacetada. Nas palavras de Sales (2011 pg. 2 “falar de juventude e das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) implica em percorrer um território sempre em fluxo.”

Para Lipe, por exemplo, seu telefone celular era tudo o que tinha na vida e era por meio deste aparelho que se conectava com os motoristas através de mensagens e redes sociais e, ainda, possibilitava seu acesso a jogos virtuais.

Obviamente, adolescentes e jovens descobrem o espaço virtual como campo fértil, com novas formas do social, que passam a fazer parte da vida cotidiana dos indivíduos. Eles desenvolveram novas formas de ver a si mesmos e o mundo, influenciando as práticas, as ideias e as maneiras de lidar com o mundo (Fichtner, 2015, p.56).

As juventudes, sobretudo as que estão institucionalizadas, lidam com desafios específicos em sua busca por pertencimento, para esses jovens a construção de existência muitas vezes envolve não apenas a busca por identidade, mas também uma luta por visibilidade e justiça social. Nesse contexto, compreende-se que é necessário um investimento urgente em áreas como economia, educação, cultura, política e questões sociais. Esse investimento deve levar em conta sua realidade coletiva, sua diversidade moldada pelas condições sociais e buscar a concretização de uma política pública nacional voltada para a juventude (Silva e Silva, 2011).

Dessa forma, elementos trazidos pelos jovens, como o futebol, os ônibus, os gatos e as corridas se entrelaçam às suas histórias, compondo territórios de existência onde constroem suas formas de ser, agir e sentir, mesmo enfrentando adversidades. Esses exemplos destacam a relevância de assegurar espaços e oportunidades que permitam a esses jovens cultivarem seus interesses, fortalecerem suas relações e encontrarem maneiras significativas de existir e resistir.

Vale ressaltar que a juventude, mesmo inserida em cenários de vulnerabilidade, manifesta uma potência coletiva que precisa ser reconhecida como expressão de resistência social e cultural. Esses territórios de existência não apenas revelam a luta por identidade e pertencimento, mas também expõem a força criativa com que os jovens ressignificam contextos de exclusão (Sposito, 2003). Garantir políticas que ampliem suas possibilidades de participação social, cultural e econômica não é apenas um ato de justiça social, mas um passo essencial para o fortalecimento de uma sociedade mais inclusiva, que valorize a pluralidade de experiências e o protagonismo juvenil como motor de transformação social.

### *5.3 Construindo o amanhã*

Para os jovens participantes desta pesquisa, a construção de um futuro, perpassa diversos desafios, contudo, não é delimitado pelas dificuldades, já que a capacidade de sonhar e as possibilidades de realizar os sonhos são ainda maiores. Sendo assim, o aprender para esses jovens transcende o contexto formal da educação escolar. Lorraine, por exemplo, estuda no período noturno e tem dividido seu tempo entre dois empregos: durante o horário comercial trabalha como jovem aprendiz em uma universidade e aos sábados, trabalha em um restaurante no centro da cidade. Divide seu dia a dia desta forma para realizar seu sonho de se formar na faculdade e comprar objetos e seu desejo. Para Candy Bee o dinheiro que ganha de um projeto social, permite que adquira itens de papelaria, além da possibilidade de pagar um pastel para seu irmão caçula, sentindo-se importante. Lipe faz prospecções de vida e reflete sobre maneiras de comprar, futuramente, seu carro. Rodrigo reflete sobre como seguir a vida, se continua estudando em escola técnica e como pode realizar seus sonhos de ser jogador de futebol.

A juventude, além de ser uma fase de transição para a vida adulta, é também uma etapa de desenvolvimento de projetos de vida e formação de expectativas em relação ao futuro. Neste processo, o aprendizado, o reconhecimento de valor social, a capacidade de refletir sobre a vida e a manutenção da esperança se apresentam como dimensões essenciais para o desenvolvimento pessoal e social. A articulação desses elementos permite aos jovens não apenas enfrentar os desafios imediatos, mas também imaginar e construir um futuro possível. Freire (2013) lembra repetidamente que o futuro é aberto à reflexão crítica e que a transformação é alcançável, em suas palavras “a história nunca é, mas está sendo” (Freire, 2013).

Desta forma, a aprendizagem cotidiana, que envolve a interação com diferentes culturas, realidades e modos de pensar, desempenha um papel central na formação de indivíduos capazes de se adaptar a um mundo em constante transformação. Nesse sentido, o aprendizado transforma-se em uma ferramenta de empoderamento, que permite aos jovens apropriarem-se de seu lugar no mundo e de sua capacidade de agir sobre ele, ou seja, é um ato político. (Freire, 1996)

Para jovens em vulnerabilidade social aprender pode significar desenvolver estratégias de resistência, enfrentamento de adversidades e adaptação à realidade que lhes é imposta, num processo de constante reinvenção. A aprendizagem ocorre em práticas culturais, comunitárias e de sobrevivência. Neste sentido, para Pais (2016) a redução da desigualdade ultrapassa o campo educacional, pois, mesmo adquirindo conhecimentos e capitais culturais, o jovem ainda enfrenta disparidades nas oportunidades disponíveis em seu contexto social.

Desta forma, ser reconhecido como uma parte legítima e significativa da comunidade, da sociedade e dos espaços de convivência, corroboram para o sentido de ter valor social. Como afirma Mannhein (1975, p.55), o jovem desempenha um papel fundamental na renovação da sociedade porque “não aceita a ordem social estabelecida como algo dado”, muito embora a valorização juvenil seja medida pelas expectativas da sociedade em relação ao seu comportamento, suas conquistas e sua capacidade de se conformar ou desafiar as normas estabelecidas; também corresponde ao reconhecimento social e à importância em uma sociedade com base em seus atributos, ações, contribuições ou posição social.

Não há projetos de vida que se realizam no mundo metafísico, ou seja, as expectativas futuras dos jovens só podem ser conquistadas no contexto histórico e socioeconômico em que vivem. É nesse cenário que planejam suas ações e realizam suas escolhas na tentativa de conduzir os acontecimentos em suas vidas em direção a uma trajetória esperada. Ser produtor de sua própria história e não produto da história. (Francisco e Lopes, 2025, pg 10)

Lorraine é um exemplo deste argumento ao sentir-se orgulhosa de exibir sua carteira de identificação da universidade, onde exercia o cargo de jovem aprendiz, afirmando-se autora de sua história, o que reforça seus sentimentos de pertencimento e reconhecimento social.

De maneira geral, para a sociedade espera-se que o reconhecimento do valor social dos jovens passe por uma constante reavaliação das expectativas impostas a eles, de forma a garantir que todos tenham a oportunidade de serem vistos e respeitados em suas singularidades. Entretanto, os jovens somente conseguem avançar na construção de um futuro mais promissor ao tomarem consciência de sua posição no mundo. Para que esse movimento ocorra genuinamente é imprescindível que a realidade em que se encontram não seja percebida como definitiva e insuperável, mas como um desafio que, embora limitador, pode ser transformado (Freire, 2019).

Assim, o valor social não deve ser medido apenas pelos padrões de sucesso tradicionais, como a conquista de status econômico ou reconhecimento acadêmico, mas também pela capacidade dos jovens de criar e manter laços comunitários, de exercer empatia e solidariedade e de participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa que ao se reconhecerem como sujeitos, exercem a capacidade de construir e reconstruir o mundo (Freire, 2016). Lorraine, por exemplo, expressou seu posicionamento ao manter uma postura crítica sobre o mundo ao seu redor, como quando relatou sua indignação com situações de corrupção na escola que não condizem com seus valores, Candy Bee manifestou sua indignação ao constatar que sua única opção de lazer tem sinto a Lagoa do Taquaral e como este espaço havia sido subutilizado, já que oferecia poucas opções de cultura e lazer. Lipe afirmou que nunca pegou objetos que não fossem seus, como o celular de outras pessoas e Rodrigo refletiu sobre o bem-estar de outras crianças que vivam acolhidas com ele.

Assim sendo, os jovens acima descritos constroem suas subjetividades e formas de pensar a vida a partir das interações sociais e das experiências que acumulam em suas trajetórias, tornando esta reflexão um exercício de imaginar outras realidades possíveis, ainda que frequentemente permeadas por incertezas e pela sensação de instabilidade. (Pais, 1993). A exemplo de Rodrigo, momentos de reflexão aconteciam em situações cotidianas, como ao sentar-se em um banco e tomar decisões importantes sobre sua vida, incluindo a escolha de evadir do abrigo onde vivia. O processo reflexivo permite aos jovens estabelecerem prioridades, identificarem desafios e explorarem novas oportunidades, tornando-se essencial o desenvolvimento de um senso de propósito que vá além da mera sobrevivência cotidiana (Francisco e Lopes, 2025).

A esperança aparece como elemento central para as juventudes; tê-la significa acreditar na possibilidade de um futuro melhor, mesmo quando as condições presentes são desafiadoras. Nesta dissertação a definição de esperança não é uma expectativa passiva de que as coisas melhorarão por si mesmas, ela está ligada à capacidade de ação, de planejamento e de luta. A esperança é, portanto, um fator que alimenta a motivação e sustenta o esforço contínuo para construir o amanhã.

Não estou falando de otimismo cego — o tipo de esperança que simplesmente ignora a enormidade das tarefas à frente ou os obstáculos que estão em nosso caminho. Não estou falando do idealismo esperançoso que nos permite apenas ficar sentados à margem ou fugir de uma luta. Sempre acreditei que a esperança é aquela coisa teimosa dentro de nós que insiste, apesar de todas as evidências em contrário, que algo melhor nos espera, contanto que tenhamos a coragem de continuar alcançando, de continuar trabalhando, de continuar lutando. (Obama, 2012, s/p, tradução livre)<sup>5</sup>

Os jovens que participaram desta pesquisa enfrentam realidades cotidianas em que o futuro parece incerto ou inalcançável. Desta forma, o fortalecimento da esperança requer intervenções sistêmicas que promovam a justiça social, a igualdade de oportunidades e o acesso a direitos fundamentais, como educação, saúde e segurança. Assim, o esperar surge como um mecanismo essencial para promover a resiliência, envolvendo a criação de uma postura ativa frente aos desafios, ao invés da resignação ou apatia, através da reflexão crítica e ação em direção à transformação pessoal e social (Freire, 2014).

Embora esperar seja uma atitude individual, não ocorre de forma isolada. Ele é sustentado por redes de apoio que desempenham um papel importante na promoção da saúde mental dos jovens, ao fornecer ambientes de escuta, acolhimento e incentivo à ação. Ao participarem de coletivos que compartilham os mesmos ideais de transformação e justiça, os jovens sentem-se empoderados para lutar por mudanças (Leite e Ferigato, 2024). Esta atitude envolve a criação e manutenção de espaços onde os jovens possam expressar suas angústias e desafios, sendo ouvidos e compreendidos. Ambientes educacionais e de promoção de saúde mental que fomentam o diálogo e a troca de experiências são fundamentais para o desenvolvimento de uma postura esperançosa e ativa diante da vida.

---

<sup>5</sup> I'm not talking about blind optimism -- the kind of hope that just ignores the enormity of the tasks ahead or the roadblocks that stand in our path. I'm not talking about the wishful idealism that allows us to just sit on the sidelines or shirk from a fight. I have always believed that hope is that stubborn thing inside us that insists, despite all the evidence to the contrary, that something better awaits us, so long as we have the courage to keep reaching, to keep working, to keep fighting (extracto do Discurso de Victoria de 07 de novembro de 2012, no McCormick Place, Chicago, Illinois)

Espera-se que estes locais promovam o acolhimento emocional, o debate e a resolução conjunta de problemas.

Por fim, Candy Bee destacou a ideia de que, mesmo diante das dificuldades, é crucial continuar buscando um caminho ascendente, em sua afirmação "mesmo que você estiver caindo, continue subindo", na qual é possível traduzir a essência da esperança e da perseverança, sem esquecer que é necessário que a sociedade, as instituições e as políticas públicas criem condições para que esses processos se desenvolvam plenamente, garantindo que todos os jovens tenham a oportunidade de aprender, de serem reconhecidos, de refletirem sobre suas trajetórias, de alimentarem esperanças reais para o futuro, de terem oportunidades de se desenvolverem plenamente, exercerem sua cidadania e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e, de fato, esperançosa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente dissertação buscou compreender o cotidiano e os territórios de vida dos jovens em acolhimento institucional que faziam acompanhamento em um CAPS IJ da cidade de Campinas-SP e que estavam em situação de acolhimento institucional. Procurou-se evidenciar as potencialidades dos jovens e de suas perspectivas de vida e como enxergam-se enquanto sujeitos. Este processo deu-se através das caminhadas, das narrativas orais e visuais dos jovens e anotações em diário de campo da pesquisadora.

A autonomia e a circulação social apareceram como componentes importantes do cotidiano dos jovens. Embora houvesse atravessamentos que não estão sob o controle dos mesmos, como a instabilidade de moradia em acolhimento institucional e as regras e rotinas que compõem estes espaços, constatou-se que os espaços de circulação estão em constante movimento e que apontam para novas possibilidades de participação social.

O estudo mostrou que ações de fortalecimento das redes sociais podem promover espaços de ressignificação, fazendo com que os jovens consigam estabelecer relações de reciprocidade e confiança com profissionais, instituições e entre pares, reforçando a importância dos vínculos para a construção de novas possibilidades de existência. Embora a ruptura dessas redes tenha demonstrado que novos territórios de vulnerabilidade surgissem, também abriu espaço para que os jovens, em sua potência, os transformassem em espaços de resistência e reconstrução de subjetividades individuais e coletivas.

Nesse sentido, afirma-se que a elaboração de projetos de vida é um processo que vai além da sobrevivência e passa a envolver a construção de um futuro com significado. Assim, os serviços de acolhimento institucional ao oferecer um ambiente seguro e estruturado podem promover a ressignificação das experiências de exclusão e desfiliação social, criando condições para que esses jovens reconquistem a capacidade de protagonismo em suas vidas. Eles também funcionam como pontos de articulação entre as políticas públicas e os direitos fundamentais, possibilitando o acesso à educação, saúde e trabalho, que são centrais para a construção de identidades sociais e trajetórias de futuro. Dessa forma, ao fortalecer os vínculos sociais e estimular a elaboração de projetos de vida, os serviços de acolhimento se configuram como ferramentas essenciais para combater desigualdades estruturais e fomentar a emancipação dos jovens.

Os CAPS IJ somam-se aos serviços de acolhimento institucional na construção de projetos de vida para jovens, contribuindo para sua autonomia e inserção social. Ao promover cuidado integral e em liberdade, que ultrapassam o tratamento clínico, promovem um ambiente acolhedor onde os jovens podem ressignificar suas experiências e construir novas perspectivas de futuro. Ao adotarem práticas intersetoriais e territorializadas, os CAPS IJ garantem que o cuidado esteja conectado às realidades dos territórios e das histórias de vida dos jovens. Esta abordagem não apenas alivia o sofrimento psíquico como também favorece a superação de barreiras que dificultam a autonomia e a participação social, tornando-se espaços estratégicos para a construção de trajetórias de vida significativas, respeitando a singularidade de cada jovem e contribuindo para seu protagonismo social.

No contexto das ações do CAPS IJ, o terapeuta ocupacional é um dos profissionais com atuação relevante dentro da equipe interdisciplinar. A prática considera as dimensões sociais, culturais e emocionais dos jovens, utilizando abordagens criativas como oficinas de arte, música, esportes, cultura e atividades que promovem a expressão e a construção de identidades. O terapeuta ocupacional, ao atuar nos CAPS IJ, não apenas oferece suporte para a reconstrução de laços afetivos, mas também pode utilizar a linguagem e as narrativas visuais como ferramentas fundamentais para ajudar esses jovens a expressarem suas histórias e suas visões de mundo. A arte, enquanto dispositivo de cuidado, desempenha um papel crucial ao possibilitar a criação de novos significados e ao proporcionar meios de expressão que transcendem as limitações da linguagem verbal.

A pesquisa mostrou que o uso do método do fotovoz e das entrevistas em movimento nos territórios de existência são ferramentas participativas e emancipatórias que podem ser aplicados em diversos contextos de pesquisa, intervenção social e construção de políticas

públicas. Ao se combinar a fotografia com a narrativa pessoal, permite-se que indivíduos e grupos vulnerabilizados expressem suas experiências, percepções e realidades através de imagens e histórias. Em pesquisas com jovens a metodologia é eficaz para compreender as dinâmicas dos territórios de vida, suas redes de apoio, os desafios enfrentados e fomentar o empoderamento individual e coletivo, na medida em que os jovens experimentam e reconhecem seu papel como agentes ativos de mudança. Tanto para o uso do método em pesquisa ou na prática profissional, este recurso visa romper com a lógica hierárquica transformando os sujeitos em protagonistas. Em projetos de terapia ocupacional, por exemplo, o fotovoz é um dispositivo que alinha criatividade, diálogo e cuidado, potencializando a construção de novas narrativas de vida e a reconstrução de laços afetivos e sociais.

Neste sentido, sendo um mestrado profissional, foi realizado como produto técnico um catálogo de fotos, intitulado de “Trajetórias em movimento: imagens e narrativas de jovens nos territórios de vida”. A finalidade deste catálogo é documentar as produções imagéticas e as narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa. Pode servir como um recurso informativo e educacional acerca das experiências de jovens que vivem processos de vulnerabilidade social, destacando detalhes sobre as imagens, narrativas, produzidas pelos jovens, sobre os temas abordados e o contexto histórico-social no qual se inscrevem.

É uma contribuição destinada a estudantes e profissionais da saúde, da assistência social, da educação, da arte e da cultura bem como a jovens e adultos que desejam ter uma visão poliocular sobre as possibilidades de existir no mundo, a partir do olhar do sujeito. Pode, também, ser ponto de partida para discussões que envolvam propostas de novos dispositivos de arte-saúde no contexto territorial destinados ao cuidado de jovens em acolhimento institucional e que fazem acompanhamento em CAPS II, com vistas ao favorecimento da autonomia, participação, circulação social e de modos de esperançar o futuro.

O catálogo tem ainda a finalidade de uma exaltação ao olhar singular de cada jovem sob a complexidade da própria vida e que no entrelaçamento entre suas identidades, palavras e imagens possibilita analisar, agir e interferir na dimensão das relações de poder e das violências. Busca garantir espaço para as linguagens juvenis que a partir de suas narrativas visuais transformaram-se em locais de encontro, conexões, resistências e, sobretudo, de saída do confinamento em que se encontram. Por fim, o catálogo propõe uma reflexão sobre o pesquisar com jovens e sobre alternativas de desenvolvimento de pesquisas participativas por meio de metodologias visuais.

No decorrer da pesquisa evidenciou-se que os jovens, a partir de suas narrativas mostram a capacidade de resistência e de reinvenção. Por fim, se ressalta a importância de olhar

para as juventudes em suas complexidades, reconhecendo tanto suas vulnerabilidades quanto suas potências. O fortalecimento das redes sociais, a promoção de práticas que incentivem a elaboração de projetos de vida, e o uso da arte como meio de cuidado são fundamentais para criar territórios de existência com significado.

Para garantir a inclusão e a autonomia dos jovens em acolhimento institucional, é necessário fortalecimento das políticas públicas, integrando-as de maneira eficaz, o que envolve não apenas a oferta de cuidados, mas a criação de redes de suporte que promovam espaços de pertencimento e circulação social, permitindo que os jovens construam novos territórios de vida com mais autonomia, independência e, sobretudo, que possam ter validação de seus pontos de vistas e desejos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Lagoa do Taquaral. Mapa: saiba onde ir. A Lagoa do Taquaral [Internet]. [06/06/2011]. 2011 jun 21 [citado em 2025 fev 10]. Disponível em: <https://alagoadotaquaral.blogspot.com/2011/06/mapa-saiba-onde-ir.html>

Amorim GJ de. Juventude, escola unitária e o caminho para a formação de dirigentes. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [Internet]. 2024;32(spe1):e3815. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO393838151>

Abramo, HW. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, 1997. 05(06):25-36. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324781997000200004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324781997000200004&lng=pt&nrm=iso)>.

Arce, PEB. Comparação entre o setor público e o terceiro setor na prestação de serviços sociais: eficiência econômica e qualidade. Apresentado no X Congresso CONSAD do Setor Público. Painel 39/03. Brasília, 2012.

Ayres, JRCM. Vulnerabilidade, direitos humanos e cuidado: aportes conceituais. In: Barros, S. et al. Atenção à saúde de populações vulneráveis. Barueri: Manole; 2015. p. 1-25.

Ayres JRCM, et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2003. 2, 121-144.

Bourdieu J. The logic of practice. California: Stanford University Press; 1990.

Brasil, NCN. O processo de terceirização e seus efeitos sobre os trabalhadores no Brasil. 2007. Disponível em: [dieese.org.br](http://dieese.org.br)

Brasil. Conselho Nacional de Assistência Social. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução n. 109, de 11 de novembro de 2009). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social; 2009.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004: Norma Operacional Básica – NOB/SUAS. Brasília. 2004. (citado em 15 dez. 2024). Disponível em: <https://biblioteca.mds.gov.br/bib/325>

Brasil. Ministério da Saúde. Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos. Brasília. 2014. (citado 30 jul. 2023). Disponível em [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao\\_psicossocial\\_crianças\\_adolescentes\\_sus.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf).

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1990. (citado 28 jul. 2023). Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil. Brasília, DF, 2005. (citado 17 dez. 2022) Disponível em [bvsmms.saude.gov.br](http://bvsmms.saude.gov.br).

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. lei nº 10.216, de 6 de Abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF, 2011. (citado 14 dez. 2022). Disponível em : <https://www.planalto.gov.br>.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Lei 8080 de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. (citado 04 mai. 2022). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>.

Braun, V, Clarke, V. Usando análise temática em psicologia. Pesquisa qualitativa em psicologia [internet], 2006. 3 (2):77-101. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

Castel, RA. Dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. Caderno CRH [internet] Salvador, 2006. 10 (26):19-40. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/1866>.

Carvalho ILN. CAPS i: avanços e desafios após uma década de funcionamento. CBSM [internet], 2014. 6(14):42-60. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68584>.

Carvalho MCB, Szymanski H, Bilac ED, Sarti CA, Mello SL, Gomes JV, et al. A família contemporânea em debate. 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora; 2005.

Charlie Brown Jr. Senhor do Tempo [música]. No álbum: Ritmo, Ritual e Resposta. São Paulo: EMI; 2007

Couto, MCV, Delgado, PGG. Crianças e adolescentes na agenda da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. Psic. Clin.[internet] Rio de Janeiro, 2015. 27 (1):17-40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100002>.

Dayrell J. O jovem como sujeito social. Rev Bras Educ [Internet]. 2003Sep;(24):40–52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Juventude. Rev Onda Jovem. 2005;1(1):34-37

Fialho LMF, Sousa FGA. Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. Rev Exitus. 2019;9(1):202-31. doi:10.24065/2237-9460.2019v9n1id721.

Fichtner B. Tecnologias da informação e comunicação (TIC) como prática cultural de adolescentes e jovens: uma perspectiva filosófica e epistemológica. In: Sousa CAM, organizador. *Juventudes e tecnologias, sociabilidades e aprendizagem*. Brasília: Liber; 2015. p. 43-58.

Francisco AM, Lopes RE. Projeto de vida e juventude: uma reflexão a partir da noção de vocação e destino. *Reveduc* [Internet]. 2024;18(1):e653555. Disponível em: <https://reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6535>

Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2013

\_\_\_\_\_. *Conscientização* (T. J. R. Leme, Trad.). São Paulo: Cortez; 2016

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2019

Galheigo, SM. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. São Carlos [internet] 2020, 28(1):5-25, Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>

Gardner P. [Centre for Critical Qualitative Health Research]. *Entrevista qualitativa: mais do que perguntar e obter respostas* [vídeo]. Montreal: 2018. Disponível em: <http://redequali.unb.br/index.php/pt/recursos/videos>

Gatto JRJ et al. A participação em pesquisas com metodologias participativas: reflexão sobre experiências. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. [internet] 2018. 31: 1-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2018.8643>.

Giddens A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; 1991.

Gonçalves, MV. “Eu nem sabia que podia entrar aqui”: promoção de cidadania cultural como experiência de ressignificação de identidade de jovens em conflito com a lei. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. UFSCar, São Carlos, 2016. 24(1):127-137, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0664>

Gonçalves, MV, Malfitano, APS. O conceito de mobilidade urbana: articulando ações em terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. UFSCar, São Carlos, [internet] 2021. 29, e2523. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF1929>

Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Justiça, Família e Trabalho. *Prestação de contas: relatório das atividades realizadas pela Política da Pessoa Idosa – exercício 2019*. Curitiba: SEJUF; 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. (citado 04 de mai. 2022 ). Disponível em <https://www.ibge.gov.br/>

Jackins, I. Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: their use of photography and film. *Cultural Anthropology*,, 1988. 3(2):160-177. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/656349>.

Juliano MCC, Yunes MAM. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambient soc* [Internet]. 2014Jul;17(3):135–54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>

Kilomba G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. Lisboa: Cobodó; 2008.

Leite PF de A, Ferigato SH. Visão de Maloqueiro: dialogando sobre saúde mental, racismos e a experiência cultural do funk. *Rev Ter Op Univ São Paulo*. 2024;34(1-3):e221779. doi:10.11606/issn.2238-6149.v34i1-3e221779.

Lopes RE, et al. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional: ações com jovens pobres na cidade. *Cad Ter Op UFSCar*. 2014;22(3):591-602. doi:10.4322/cto.2014.081.

Meyer DE, Klein C, Fernandes LP. Noções de família em políticas de 'inclusão social' no Brasil contemporâneo. *Rev Estud Fem* [Internet]. 2012May;20(2):433–49. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200005>

Malfitano, APS. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Etnográfica* [Internet], 2011Out. 15(3): 523-542. Disponível em DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.106>.

Mannheim K. *Diagnóstico de nuestro tiempo*. 5ª ed. México: Fondo de Cultura Económica; 1975.

Meihy JCSB. *Manual de história oral*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola; 2005.

Melo, KMM, Malfitano, APS, Lopes, RE. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* [internet], 2020Out. 28(3):1061-1071. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2452>.

Mendes JTN, Torres CC. Juventude e seus territórios usados: um estudo em Campos dos Goytacazes. In: *Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luís: 2011. p. 5. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/jornada-maranhao.pdf>

Minayo, MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

Museu Virtual Campinas. Lagoa do Taquaral (Parque Portugal). Museu Virtual Campinas [Internet]. [data de publicação desconhecida] [citado em 10 de janeiro de 2025]. Disponível em: <https://museuvirtualcampinas.com.br>

Obama B. 2012 Victory Speech [Internet]. Chicago (IL): 7 nov. 2012 [citado em 15 de janeiro de 2025]. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2012/11/07/remarks-president-election-night>.

Oliveira, RC. O processo de construção da juventude como categoria social: notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos. *Anais do 16º Encontro de Pesquisadores em serviço Social, UFES, Vitória*, 2018.

Pais, JM. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, Portugal [Internet] 1990. 25(15):139-165, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41010794>

\_\_\_\_\_. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda; 1993.

\_\_\_\_\_. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. 4ª ed. Lisboa: GD Publishing / Edições Machado; 2016.

Ponte, JP. Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org). *Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM, 2002. p. 5-28.

Prefeitura de Campinas. *Conheça Campinas* [Internet]. [data de publicação desconhecida] [citado em 2025 fev 10]. Disponível em: <http://conheca.campinas.sp.gov.br/pois/55>

Prodanov CC, Freitas EC. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª ed. Novo Hamburgo (RS): Universidade FEEVALE; 2013

Recomendo na Cidade. Parque Portugal: a famosa Lagoa do Taquaral – Campinas. *Recomendo na Cidade* [Internet]. [12/04/2024] [citado em 2025 Fev 10]. Disponível em: <https://recomendonacidade.com.br/eventos-e-lazer/parque-portugal-a-famosa-lagoa-do-taquaral-campinas/>

Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes/ RedePq-SMCA. *Contribuições para o avanço da Atenção Psicossocial para Crianças e Adolescentes. Documento Técnico apresentado ao Departamento de Saúde Mental e Enfrentamento ao Abuso de Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde*. 2023. Disponível em: [www.nuppsam.org](http://www.nuppsam.org); [www.ciespi.org.br](http://www.ciespi.org.br); [www.latesfip.com.br](http://www.latesfip.com.br).

Ribeiro MC, Bezerra WC. A reabilitação psicossocial como estratégia de cuidado: percepções e práticas desenvolvidas por trabalhadores de um serviço de saúde mental. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo (Online)* [Internet]. 26º de dezembro de 2015 [citado 7º de fevereiro de 2025];26(3):301-8. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/89628>

Sales CMV. *Juventudes, novas experimentações, conexões e interatividade*. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba; 2011.

Santos M. O retorno do território. In: Santos M, Souza MA, Silveira ML, organizadores. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec; 1998. p. 255-261.

Sawaia, BB. *Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade*. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Psicologia social comunitária: dá solidariedade à autonomia*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.35-53 e p.81-99.

Secretaria Municipal de Assistência Social, Prefeitura Municipal de Campinas. Campinas, SP. (citado 04 jun. 2023). Disponível em <http://www.saude.campinas.sp.gov.br/saude/>.

Secretaria Municipal de Saúde, Prefeitura Municipal de Campinas. Campinas, SP. (citado 21 out. 2020). Disponível em <http://www.saude.campinas.sp.gov.br/saude/>.

Silva, ACC, Oliver, FC. Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* [Internet] 2019Out. 27(4): 858-72. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR188>

Silva, DI, Chiesa, AM, Veríssimo MLO. Vulnerabilidade da criança diante de situações adversas ao seu desenvolvimento: proposta de matriz analítica. *Revista da Escola de Enfermagem USP* [Internet], 2013Dez; 46 (6): 1397-402. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0080-623420130000600021>

Silva MJ da, Oliveira ML, Malfitano APS. O uso do espaço público da praça: considerações sobre a atuação do terapeuta ocupacional social. *Cad Bras Ter Ocup* [Internet]. 2019Apr;27(2):438–47. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1746>

Silva RS da, Silva VR da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Cad CRH* [Internet]. 2011Sep;24(63):663–78. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000300013>

Staeuble I. Entangled in the eurocentric order of knowledge – why psychology is difficult to decolonize. In: Deventer VV, Blanche MT, Fourie E, Segalo P, organizadores. *Citizen City: between constructing agent and deconstructed agency*. Canadá; 2007.

Sposati, A. Território e gestão de políticas sociais. *Serviço social em Revista* [Internet] 2013Dez.16 (1): 05-18. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/18423>.

\_\_\_\_\_. A fluidez da inclusão/exclusão social. *Ciência e Cultura*, [Internet] 2006. 58(4): 4-5. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a02v58n4.pdf>

Sutton-Brown, CA. Photovoice: A methodological guide. *Photography and Culture* [Internet] 2014. 7 (2): 169-185, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.2752/17514214X13999922103165>.

UNICEF. (citado em 24 de mai. 2023). Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-na-pobreza-no-brasil-alerta-unicef>.

Viero VC, Filho LCB. Praças públicas: origem, conceitos e funções. In: *Jornada de Pesquisa e Extensão*. Santa Maria; 2009. p. 1-3.

Wang C. Photovoice: a participatory action research strategy applied to women health. *Journal of Women's Health*, 1999 185-92.

Wang C, Burris MA. Photovoice: Conceito, Metodologia e Uso para Avaliação Participativa de Necessidades. *Educação em Saúde e Comportamento* . [Internet] 1997. 24(3):369-387. doi: 10.1177/109019819702400309

## ANEXO I - Lagoa do Taquaral (Parque Portugal)

A área popularmente conhecida como Lagoa do Taquaral, localizada na Av. Dr. Heitor Penteado, constitui-se como um dos mais importantes espaços de lazer da cidade de Campinas, possui 33 alqueires transformados em Parque no ano de 1972. O sítio eletrônico “Conheça Campinas” da Prefeitura Municipal de Campinas (data de publicação desconhecida) descreve o parque como um complexo que reúne atividades recreativas e culturais. Conta com a Lagoa Isaura Telles Alves de Lima, que possui pedalinhos e “águas dançantes” somente aos finais de semana. Existe ainda uma réplica da Caravela Anunciação que abre também aos finais de semana e simula a embarcação que trouxe Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

A Lagoa do Taquaral conta com:

- Área verde em volta da Lagoa principal utilizado para atividades físicas;
- Bosques para piquenique;
- Academia ao ar livre;
- Academia da 3ª idade;
- Playgrounds;
- Bondinho;
- Centro de Vivência dos Idosos;
- Espaços poliesportivos: Ginásio de Esportes “Alberto Jordano Ribeiro”, Balneário Municipal, pista de cooper, pista de aerodelismo, pista de skate e patinação, ciclovia e quadras poliesportivas.
- Espaços culturais: Concha Acústica, Auditório Beethoven, Museu Dinâmico de Ciências, Museu do Esporte de Campinas, Planetário, relógio solar e a Esplanada das Bandeiras

Foto: Lagoa do Taquaral



Fonte: Museu Virtual Campinas

Foto: Mapa legendado da Lagoa do Taquaral



Fonte: [alagoadotaquaral.blogspot.com](http://alagoadotaquaral.blogspot.com)

Legenda:

- 01 - Administração
- 02 - Caravela
- 03 - Parada dos Bondes
- 04 - Área para Alongamento
- 05 - Sanitários
- 06 - Estacionamentos
- 07 - Ginástica e Musculação
- 08 - Cantinho do Raciocínio
- 09 - Guarda Municipal
- 10 - Área para pic-nic
- 11 - Pedalinhos
- 12 - Chafariz
- 13 - Concha Acústica – **CANDY BEE**
- 14 - Escoteiros
- 15 - Ginásio de Esportes
- 16 - Quadras de Tênis / Gate Bol
- 17 - Planetário
- 18 - Balneário
- 19 - Pista de Patinação
- 20 - Pista de Skate - **RODRIGO**

- 21 - Viveiro dos Pássaros
- 22 - Play Ground
- 23 - Museu Dinâmico
- 24 - Biblioteca
- 25 - Centro de Valorização do Idoso
- 26 - Pista de Aerodelismo
- 27 - Esplanada das Nações
- 28 - Campos de Futebol - **RODRIGO**
- 29 - Quadras Poliesportivas
- 30 – Kartódromo - **LORRAINE**
- Entorno da Lagoa - **LIPE**  
(A Lagoa do Taquaral, 2011)

ANEXO II - Termo de Assentimento Informado

**HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA  
UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO-HCFMUSP**

**TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO (GRUPO ETÁRIO)**

---

**DADOS DA PESQUISA**

Título da pesquisa - “Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte”

Pesquisador principal - Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo

Departamento/Instituto - Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (IJ) Carretel/Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira

Olá! Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa que pretende estudar temas sobre a Juventude. A sua participação ajudará na compreensão sobre o cotidiano, os territórios de vida e o acesso à direitos dos jovens que estão em acolhimento institucional e que fazem acompanhamento no CAPS Infantojuvenil (IJ) Carretel.

Para que você possa participar da pesquisa é importante que concorde em fazer parte de um grupo de adolescentes e que entenda os pontos que a pesquisa pretende estudar. Isso se chama assentimento.

Você foi convidado para participar da pesquisa porque reúne as características necessárias para compor o grupo de jovens, ou seja, você tem mais que 14 anos, mora em abrigo e faz acompanhamento no CAPS IJ Carretel. A sua participação é fundamental, pois através dela será possível identificar situações que são vividas exclusivamente por você e pelos outros jovens.

Fique tranquilo, você não é obrigado a participar do estudo, está tudo bem se disser não. Caso, decida participar, mas durante a pesquisa você não queira mais, também não há problema algum. Nesse caso, peça que me avise ou avise eu responsável.

É importante te contar sobre a importância de dar voz para todos os jovens, principalmente neste momento que observamos diversas vulnerabilidades e aumento no adoecimento mental dos jovens que podem impactar diretamente no cotidiano das relações sociais gerando estigma, violências e violação dos direitos. Portanto, o objetivo geral dessa

pesquisa é estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso a direitos de jovens em acolhimento institucional que fazem acompanhamento em CAPS IJ.

Agora vou te explicar como será sua participação caso aceite fazer parte do estudo: após seu responsável e você assentirem em participar da pesquisa eu vou te convidar para sair comigo 2 dias para tirar fotos dos locais da cidade que você escolher. Vamos escolher um total de 10 fotos! A ideia é que você seja o fotógrafo e vá me mostrando os locais da cidade que gosta ou que signifique algo para você.

Depois vamos nos reunir com os outros 3 jovens que também sairão comigo em dias diferentes e então, você vai escolher das 10 fotos, 5 fotos que mais gosta e poderá explicar para o grupo o que aconteceu nesses lugares das fotos que você escolheu. Ah! Nesse dia vamos gravar nosso bate – papo, mas pode ficar tranquilo que somente eu ouvirei a gravação e depois que fizer as anotações vou apagar. Após todas essas etapas eu vou apresentar os resultados da pesquisa para outras pessoas, mas nada do que conversou comigo será falado e você também não terá sua identidade revelada. Este método de pesquisa que utiliza as fotos se chama fotovoz.

Por último pode ser que façamos uma Exposição Cultural no Cândido Ferreira com as suas fotos favoritas!

É possível que não haja riscos graves durante a pesquisa, mas será importante que você e eu sejamos cuidadosos com o equipamento fotográfico, com possíveis acidentes de trânsito e não deveremos tirar fotos de pessoas desconhecidas. Pode ser que passemos por locais que possam te trazer alguma lembrança boa ou ruim. Nesse caso, pode compartilhar comigo, estarei ao seu lado para te apoiar no que precisar.

Apesar de não haver um benefício direto, esta pesquisa deseja contribuir para a visibilidade dos problemas vivenciados pelos jovens com histórico de acolhimento institucional e refletir sobre os processos de participação social, inclusão e exclusão, ou seja, dar voz de forma crítica e libertadora aos jovens e que você e os outros participantes do grupo possam ajudar a construir cuidado, locais da cidade, leis, locais para morar, entre outras coisas que sejam realmente importantes para vocês a partir da compreensão de suas próprias vidas e do contexto que estão inseridos.

Você tem o direito de solicitar indenização caso haja danos decorrentes da pesquisa conforme a resolução 466 de 12/12/2012 do CNS e a legislação vigente.

É importante dizer novamente que a sua participação nessa pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, você tem total liberdade para recusar a participação do estudo e poderá desistir e retirar seu consentimento a qualquer instante. Sua recusa não trará prejuízo em relação aos atendimentos e o seu vínculo com o CAPS IJ Carretel permanecerá garantido. A qualquer

sinal de desconforto, a sua participação poderá ser suspensa. Sua identidade não será revelada garantindo assim todo o sigilo necessário.

Nós faremos este termo de assentimento em duas vias e nós dois vamos rubricar todas as páginas. Uma via ficará com você e a outra via ficará comigo e em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimentos de dúvidas. A principal investigadora é a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Maria Galheigo que pode ser encontrada no endereço Rua Cipotânea, nº 51, Cidade Universitária, SP, telefone (11) 3091-8435, e-mail: sandramg@usp.br. Poderá também procurar a pesquisadora executante, Eduarda Barbosa de Souza, no telefone (19) 99992-9976, e-mail: [eduardab.souza@usp.br](mailto:eduardab.souza@usp.br). Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Ovídio Pires de Campos, 225 – 5º andar – tel: (11) 2661-7585, (11) 2661-1548, (11) 2661-1549, das 7 às 16h de segunda a sexta feira ou por e-mail: [cappesq.adm@hc.fm.usp.br](mailto:cappesq.adm@hc.fm.usp.br)

Agora que conversamos sobre tudo que pode haver na pesquisa, você concorda em participar do estudo? ( ) SIM ( ) NÃO

Declaro que fui suficientemente informado a respeito do estudo “Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte” Eu discuti as informações acima com a Pesquisadora Responsável Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Maria Galheigo e com a pesquisadora Eduarda Barbosa de Souza sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim os objetivos, os procedimentos, os potenciais desconfortos e riscos e as garantias. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, assino este termo de assentimento e recebo uma via rubricada pelo pesquisador.

\_\_\_\_\_

Nome por extenso do participante

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Data

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_\_

Nome do pai/mãe/representante legal

Assinatura do responsável pelo estudo

\_\_\_\_\_

Assinatura

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Data

**ANEXO III** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO-HCFMUSP**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

---

**DADOS DA PESQUISA**

Título da pesquisa – Territórios de vida e os desafios dos jovens com rupturas de redes sociais.

Pesquisador principal - Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo.

Departamento/Instituto – Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil Carretel/Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira

Convidamos o jovem sob sua responsabilidade legal a participar de uma pesquisa intitulada **“Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte”**. Trata-se de um estudo cujo objetivo é estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso a direitos de jovens em acolhimento institucional que fazem acompanhamento em CAPS IJ.

O método a ser utilizado nesta pesquisa será a fotovoz. Pretende-se assim, propor que o jovem seja convidado, a partir de uma pergunta disparadora, a captar imagens que façam parte dos territórios da cidade em que se reconhecem enquanto sujeito de direitos. O contato com o jovem se dará em dois encontros, o primeiro para captação de imagens e o segundo para escolha das imagens e descrição das mesmas. Este encontro será gravado e as gravações serão apagadas após a transcrição e análise. As fotografias selecionadas poderão ser apresentadas em eventos, artigos e na dissertação de mestrado. Poderão ser também utilizadas em exposição a ser realizada no Museu Vivo Cândido Ferreira.

É importante ressaltar que a participação nessa pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, o (a) Sr. (a) tem total liberdade para recusar participar do trabalho, e que, poderá desistir e retirar seu consentimento a qualquer instante. Sua recusa não trará prejuízo em relação aos atendimentos e vínculo do jovem com o CAPS IJ Carretel. A qualquer sinal de desconforto, a participação do jovem poderá ser suspensa. Os riscos de desconforto poderão ser reduzidos por

meio de explicações, orientações e apoio dos pesquisadores. As informações obtidas nos encontros serão tratadas de forma anônima e confidencial para que não haja vazamento de informações, assegurando a sua privacidade e do jovem participante. As informações coletadas serão utilizadas apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Em nenhum momento, seu nome, do jovem ou outra forma de identificação serão divulgados. Qualquer fato que o identifique será retirado do texto de modo que sua imagem e dignidade sejam respeitadas.

Os encontros serão realizados a combinar com as pesquisadoras de forma que não haja custo que exija qualquer compensação financeira pela participação. Não há benefícios diretos pela participação no estudo, mas acreditamos que a participação do jovem contribuirá para a compreensão das experiências vividas pelos jovens que estão em acolhimento institucional e em tratamento no CAPS IJ de forma que poderá haver contribuição para melhor elucidar como os jovens ocupam a cidade e possibilitará análises no âmbito da participação social dos mesmos. Os participantes têm o direito de solicitar indenização em caso de danos decorrentes da pesquisa conforme a resolução 466 de 12/12/2012 do CNS e a legislação vigente.

Esse documento é elaborado em duas vias e o Sr.(a) receberá uma delas para que acesse as informações, onde consta o telefone e o e-mail dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento no decorrer do estudo.

Em qualquer etapa do estudo, o(a) Sr.(a) terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de dúvidas. O pesquisador responsável é a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Maria Galheigo que pode ser encontrada no endereço Rua Cipotânea, nº 51, Cidade Universitária, SP, telefone (11) 3091-8435, e-mail: sandramg@usp.br. Poderá também procurar a pesquisadora executante, Eduarda Barbosa de Souza, no telefone (19) 99992-9976, e-mail: eduardab.souza@usp.br.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Ovídio Pires de Campos, 225 – 5o andar – tel: (11) 2661-7585, (11) 2661-1548, (11) 2661-1549, das 7 às 16h de segunda a sexta feira ou por e-mail: [cappesq.adm@hc.fm.usp.br](mailto:cappesq.adm@hc.fm.usp.br)

Declaro que fui suficientemente informado a respeito do estudo **“Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte”**. Eu discuti as informações acima com o Pesquisador Responsável Dra. Sandra Maria Galheigo e com a pesquisadora Eduarda Barbosa de Souza sobre a minha decisão em autorizar o jovem que sou legalmente responsável a participar desse estudo. Ficaram claros para mim os objetivos, os procedimentos, os potenciais desconfortos, riscos e as garantias. Concordo

voluntariamente em participar deste estudo, assino este termo de consentimento e recebo uma via rubricada pelo pesquisador.

---

Nome do participante

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do responsável pelo estudo

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME: .....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº: ..... SEXO: M  F

DATA NASCIMENTO: ...../...../.....

ENDEREÇO ..... Nº ..... APTO: .....

BAIRRO: ..... CIDADE: .....

CEP: ..... TELEFONE: DDD (.....) .....

2. RESPONSÁVEL LEGAL .....

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.) .....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: ..... SEXO: M  F

DATA NASCIMENTO: ...../...../.....

ENDEREÇO: ..... Nº ..... APTO: .....

BAIRRO: ..... CIDADE: .....

CEP: ..... TELEFONE: DDD (.....) .....

### DADOS SOBRE A PESQUISA

**1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:**

“Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte”.

PESQUISADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria Galheigo

CARGO/FUNÇÃO: docente

UNIDADE DO HCFMUSP: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional”

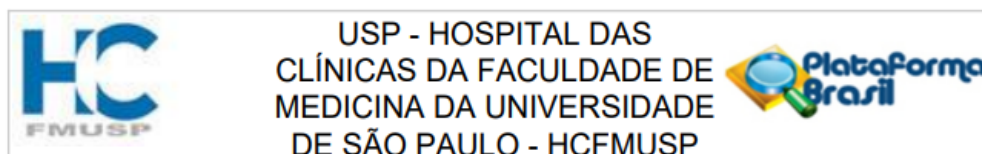
**2. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:**

RISCO MÍNIMO (X)                      RISCO MÉDIO ( )

RISCO BAIXO ( )                         RISCO MAIOR ( )

**3. DURAÇÃO DA PESQUISA:**

## ANEXO IV – Parecer do Comitê de Ética



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura de redes sociais de suporte

**Pesquisador:** Sandra Maria Galheigo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 65141022.0.0000.0068

**Instituição Proponente:** Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.775.871

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um estudo qualitativo que irá estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso à direitos de jovens que estão no sistema de proteção da infância e juventude, mais especificamente, em acolhimento institucional e que estão em acompanhamento de saúde mental em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS IJ) no município de Campinas-SP.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso a direitos de jovens em acolhimento institucional que fazem acompanhamento em CAPS IJ.

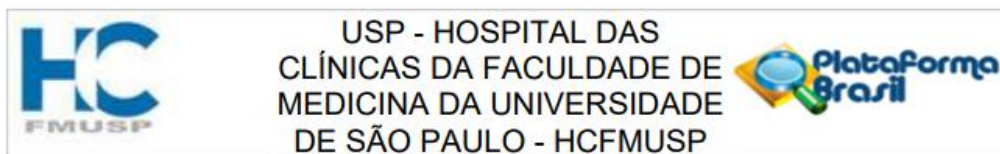
Objetivo Secundário:

- Descrever a compreensão destes jovens acerca de seu cotidiano e possibilidades de participação, circulação e inclusão social.
- Descrever como se constituem os territórios de vida destes jovens;
- Descrever os desafios para a autonomia, protagonismo, participação e circulação social destes jovens.
- Organizar uma exposição cultural das imagens produzidas com os jovens participantes para o Museu Vivo Cândido Ferreira.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios foram apresentados de modo adequado no projeto e no TCLE e no TAI.

**Endereço:** Rua Ovídio Pires de Campos, 225 5º andar  
**Bairro:** Cerqueira Cesar      **CEP:** 05.403-010  
**UF:** SP      **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)2661-7585      **Fax:** (11)2661-7585      **E-mail:** cappesq.adm@hc.fm.usp.br



Continuação do Parecer: 5.775.871

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Os objetivos do estudo são claros e a metodologia foi bem descrita.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos apresentados estão adequados.

**Recomendações:**

Nada a declarar.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em conformidade com a Resolução CNS nº 466/12 – cabe ao pesquisador: a) desenvolver o projeto conforme delineado; b) elaborar e apresentar relatórios parciais e final; c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento; d) manter em arquivo sob sua guarda, por 5 anos da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP; e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto; f) justificar perante ao CEP interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2035312.pdf	08/11/2022 11:14:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI.doc	08/11/2022 11:13:39	Sandra Maria Galheigo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	08/11/2022 11:13:18	Sandra Maria Galheigo	Aceito
Folha de Rosto	FR.pdf	21/10/2022 07:54:51	Sandra Maria Galheigo	Aceito
Outros	Termo_Uso_Registro_Eletronico_Saude.pdf	17/10/2022 10:32:24	Sandra Maria Galheigo	Aceito
Outros	Declaracao_gastos.pdf	17/10/2022 10:27:08	Sandra Maria Galheigo	Aceito

**Endereço:** Rua Ovídio Pires de Campos, 225 5º andar

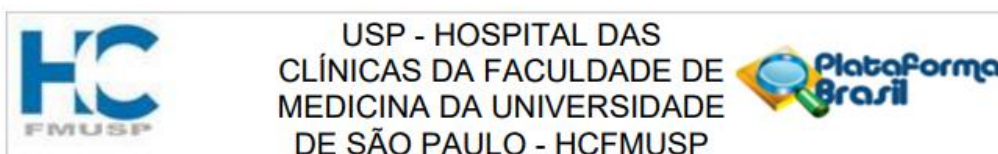
**Bairro:** Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-010

**UF:** SP **Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)2661-7585

**Fax:** (11)2661-7585

**E-mail:** cappesq.adm@hc.fm.usp.br



Continuação do Parecer: 5.775.871

Outros	ENTREVISTA_FOTO_VOICE.docx	17/10/2022 10:23:36	Sandra Maria Galheigo	Aceito
Outros	ANUENCIA_SSCF.pdf	17/10/2022 10:23:08	Sandra Maria Galheigo	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	17/10/2022 10:22:25	Sandra Maria Galheigo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Galheigo_Souza.docx	17/10/2022 10:22:13	Sandra Maria Galheigo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 24 de Novembro de 2022

---

**Assinado por:**  
**Joel Faintuch**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Ovídio Pires de Campos, 225 5º andar  
**Bairro:** Cerqueira Cesar      **CEP:** 05.403-010  
**UF:** SP      **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)2661-7585      **Fax:** (11)2661-7585      **E-mail:** cappesq.adm@hc.fm.usp.br

## ANEXO V – Autorização de Coleta




---

**Serviço de Saúde “Dr. Cândido Ferreira”**


---

Utilidade Pública Federal nº 48991/60, Estadual 561/61 e Municipal 3936/70.  
 CNPJ 46.044.368/0001-52  
 Rua Antônio Prado, 430 – Sousas - Campinas-SP - Brasil - Cep 13106-042.  
 Fone/Fax: 055 - 0XX -19 – 3758.8636 - E-mail: Candido.escola@candido.org.br

---

### Autorização para Coleta de Dados

Eu, Juliana Azevedo Fernandes, responsável pelo Cândido Escola do SERVIÇO DE SAÚDE DR. CÂNDIDO FERREIRA, situado à Rua Conselheiro Antônio Prado, 430, Sousas, Campinas/SP, declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro ter conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos.

Assim, com anuência da Superintendência, autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado: **“TERRITÓRIOS DE VIDA E OS DESAFIOS PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUPTURA DE REDES SOCIAIS DE SUPORTE”**, da pesquisadora **Eduarda Barbosa de Souza**, sob orientação da **Prof. Dra. Sandra Maria Galheigo**, no Capsij Carretel após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de ensino e envio do parecer do CEP ao Cândido Escola, incluindo a aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sem ressalvas.

Campinas, 21 de Setembro de 2022.

Juliana Azevedo Fernandes

CPF 781.209.005-10 - Matrícula 34989-5

Coordenação Cândido Escola/Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira

**APÊNDICE I – Descritivo do Produto**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE MEDICINA

EDUARDA BARBOSA DE SOUZA

Trajetórias em Movimento: imagens e narrativas de jovens nos territórios da vida

São Paulo

2025

EDUARDA BARBOSA DE SOUZA

Trajelórias em Movimento: imagens e narrativas de jovens nos territórios da vida

Produto, processo e/ou ação técnico-social apresentado à  
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Mestre em Ciências

Programa de Mestrado Profissional Terapia Ocupacional  
e Processos de Inclusão Social

Área de concentração: Terapia Ocupacional, Contextos  
Comunitários e Inclusão Social

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sandra Maria Galheigo

São Paulo

2025

## **Apresentação**

O presente produto é fruto da dissertação de mestrado sob o título de “Territórios de vida e os desafios para a inclusão social de jovens em situação de ruptura das redes sociais de suporte”, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A pesquisa teve como objetivo geral estudar o cotidiano, os territórios de vida e o acesso a direitos de jovens em acolhimento institucional que fazem acompanhamento em CAPS IJ.

Para a realização da pesquisa, foi utilizado o fotovoz (Wang; Burris, 1997; Wang, 1999), agregando a este método o dispositivo da entrevista em movimento (Gardner, 2018) com quatro jovens entre 14 e 18 anos por seus territórios de vida. Assim, a pesquisadora e o jovem entrevistado caminharam lado a lado durante a captura das fotos, podendo dialogar sobre o significado dos lugares escolhidos e das vivências, aspirações e interações sociais que tal caminhada<sup>6</sup> reverberava. Através das imagens e das narrativas produzidas, os participantes puderam entrar em contato com suas experiências por modos que transcendem o falar, capturando acontecimentos, histórias e lugares que foram sendo transformados em imagens. Após o encontro, cada jovem foi convidado a elaborar narrativas de cinco fotos dentre aquelas que tirou. A associação das imagens coletadas com suas experiências de vida possibilitou que novas compreensões surgissem, tornando vivo o ciclo de produção de conhecimentos pesquisador-participante, que consistiu em um fazer pesquisa colaborativo.

Este catálogo, portanto, apresenta fotos e narrativas realizadas pelos participantes da pesquisa em suas caminhadas por seus territórios de existência, bem como reflexões elaboradas pela pesquisadora.

## **Conceitos e princípios orientadores**

O presente catálogo se orienta pelos conceitos de juventude que a compreendem como um conjunto social diversificado de pessoas que pertencem a diferentes classes sociais, possuem inúmeros interesses, necessidades, opiniões, manifestam distintos posicionamentos sociopolíticos e tem oportunidades desiguais. (Pais, 1990). Abordar a juventude como grupo

---

<sup>6</sup> Optou-se por substituir o termo "entrevista em movimento" por "caminhada (s)" durante as entrevistas com os jovens, para enfatizar a dimensão relacional e processual desta atividade, destacando não apenas a obtenção de narrativas, mas também a experiência compartilhada durante o deslocamento. A escolha busca ressaltar a corporeidade, o território e a interação que emergem nesse percurso, alinhando-se a espacialidade e a construção conjunta do conhecimento. Ambos os termos são utilizados no corpo do texto.

diversificado composto por diversas experiências requer levar em consideração a coexistência de realidades e diversos contextos de vida que mesmo contendo consonâncias e similaridades, necessitam de formas singulares de compreensão, acompanhamento e cuidado. (Oliveira, 2018) Portanto, ao discutir jovens que estão enfrentando situações de rupturas das redes sociais de suporte, é necessário refletir sobre os processos de inclusão e exclusão sociais e como estes fenômenos incidem em suas vidas no que se refere à participação social, circulação social e acesso a direitos.

A mobilidade urbana é ferramenta indispensável para a efetivação do direito à cidade, sendo uma dimensão fundamental para a compreensão do cotidiano dos sujeitos, sejam individuais ou coletivos, a fim de oportunizar a efetivação da participação social e a construção de redes sociais e territoriais de suporte (Gonçalves e Malfitano, 2021). Nesta perspectiva, o cotidiano dos jovens é neste catálogo compreendido como uma construção social e histórica em suas múltiplas manifestações. Cotidiano este que representa a concretude da vida e pode se referir às situações inesperadas ou costumeiras e aos modos de ser, estar, viver e fazer no mundo (Galheigo, 2020).

Vale relembrar que estes jovens ocupam categorias juvenis que estão em constante movimento e interlocução com os marcadores sociais das diferenças. Os jovens cujas fotos e narrativas compõem o presente catálogo são jovens e mulheres, jovens e homens, jovens pretos, jovens brancos, jovens em medida de proteção de acolhimento institucional. Ao mesmo tempo, todos são jovens pobres periféricos cujas vidas familiares são marcadas pela desproteção social. Desta forma, nem todos os jovens experienciavam o mesmo contexto, ou seja, um mesmo acontecimento pode ser interpretado e sentido de acordo com o tempo-espço de cada sujeito, suas histórias e realidades específicas, não havendo neutralidade nem generalidade possíveis. (Kilomba, 2008).

Para pesquisar a partir da experiência que os jovens têm de si é necessário se afastar da ideia frequente sobre o jovem enquanto um sujeito em preparação para a vida adulta, sem capacidade para discussões sociais e políticas por estarem em processo de desenvolvimento. O princípio central da pesquisa e deste catálogo é apresentar os jovens a partir de suas narrativas visuais na interface arte e saúde, sem incorrer em um olhar estigmatizante e pré-determinando pelo tratamento em saúde mental e pelo acolhimento institucional. Baseia-se no princípio do “*nada sobre eles, sem eles*”, que orientou a parte ativa do processo de produção da pesquisa em que jovens ao manifestarem sua experiência singular, a tornaram em uma experiência social.

Neste sentido, este catálogo afirma o princípio de que é necessário e relevante fazer pesquisas *com* jovens e não *sobre* os jovens de modo a afirmar a voz deste grupo na composição

de produções acadêmicas e artísticas. Almeja-se que práticas emancipatórias de pesquisa venham a produzir novos lugares e modos de resistência à opressão, transformando e criando novas possibilidades de mundos, com discursos elaborados a partir dos saberes de grupos sociais invisibilizados.

### **Finalidade e objetivos**

A finalidade deste catálogo é documentar as produções imagéticas e as narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa desta dissertação de mestrado. Pode servir como um recurso informativo e educacional acerca das experiências de jovens que vivem processos de vulnerabilidade social, destacando detalhes sobre as imagens, narrativas, produzidas pelos jovens/pesquisadores/artistas, sobre os temas abordados e o contexto histórico-social no qual se inscrevem.

É uma contribuição destinada a estudantes e profissionais da saúde, da assistência social, da educação, da arte e da cultura bem como a jovens e adultos que desejam ter uma visão poliocular sobre as possibilidades de existir no mundo, a partir do olhar do sujeito/pesquisador/artista. Pode, também, ser ponto de partida para discussões que envolvam propostas de novos dispositivos de arte-saúde no contexto territorial destinados ao cuidado de jovens em acolhimento institucional e que fazem acompanhamento em CAPS II, com vistas ao favorecimento da autonomia, participação, circulação social e de modos de esperar o futuro.

O catálogo tem ainda a finalidade de uma exaltação ao olhar singular de cada jovem sob a complexidade da própria vida e que no entrelaçamento entre suas identidades, palavras e imagens possibilita analisar, agir e interferir na dimensão das relações de poder e das violências. Busca garantir espaço para as linguagens juvenis que a partir de suas narrativas visuais transformaram-se em locais de encontro, conexões, resistências e, sobretudo, de saída do confinamento em que se encontram.

Por fim, o catálogo propõe uma reflexão sobre o pesquisar com jovens e sobre alternativas de desenvolvimento de pesquisas participativas por meio de metodologias visuais.

### **Procedimentos Metodológicos**

A criação de um catálogo envolve diversos procedimentos metodológicos que combinam aspectos curatoriais, editoriais e gráficos de modo a assegurar que este funcione como um documento estético e acadêmico, neste caso representando a dissertação de mestrado e seu produto, processo e/ou ação técnico-social de forma cuidadosa e abrangente.

Sob inspiração de Osório (2019), foi necessário realizar: (a) a definição da proposta curatorial, ou seja, definir um conceito central que guiou a seleção do conteúdo do catálogo, bem como determinar seus objetivos; (b) o levantamento de informações sobre as fotografias produzidas no contexto da pesquisa, datas, processos criativos de cada foto, biografias dos jovens/pesquisadores/artistas e demais dados relevantes sobre eles e sobre o processo de captura das fotos; (c) a constituição do contexto teórico através de textos teóricos e críticos que abordassem o tema da exposição, baseando-se no conteúdo da dissertação e outras fontes relevantes; (d) a elaboração de textos que explorassem o conceito da exposição, justificando a seleção das fotos, além de conectar o tema com questões históricas, sociais e/ou culturais; (e) a edição e revisão dos textos para garantir clareza, coesão e consistência, respeitando o tom vital e informativo adequado ao catálogo. (f) a criação do design gráfico e diagramação através da elaboração do conceito visual que buscou equilibrar tipografia, cores, layout e organização visual do conteúdo. A diagramação buscou assegurar que as imagens e textos estivessem organizados a fim de mobilizar uma experiência sensível ao leitor e, assim, possibilitar a compreensão sobre o acontecimento registrado em foto pelo jovem, facilitando a leitura e a compreensão do conteúdo. O recurso utilizado para realizar o design gráfico e diagramação foi o Canva. O catálogo será apresentado no modo digital.

### **Descrição**

O presente catálogo apresenta uma coleção de fotografias capturadas por quatro jovens participantes da pesquisa, por meio de suas lentes, cada um revela histórias pessoais e interpretações únicas de seus cotidianos, territórios e afetos. As imagens, acompanhadas de breves narrativas pessoais, refletem temas como identidade, pertencimento e circulação social. Este catálogo é uma celebração da criatividade juvenil e um convite à reflexão sobre as múltiplas realidades vividas por esses jovens.

O catálogo é composto por uma capa com a foto da Lagoa Taquaral, seguido da apresentação com texto introdutório sobre o catálogo e, na sequência é apresentada a finalidade do mesmo. Os conceitos e princípios orientadores estão dispostos por todo o catálogo. Os quatro jovens são apresentados a partir dos nomes fictícios escolhidos por cada um deles. As biografias de cada jovem são apresentadas por meio de poemas escritos pela pesquisadora, destacando as trajetórias e estilos de cada jovem. A última foto de cada jovem demonstra a caminhada realizada por eles dentro do complexo do Parque do Taquaral. Sendo assim, na sequência tem-se um breve descritivo da Lagoa do Taquaral e textos reflexivos sobre o caminha-fotografar dialogado. Por fim, há a seção de aplicabilidade e sugestões de uso.

### **Aplicabilidade e sugestões sobre utilização**

O catálogo pode servir como um recurso informativo, educacional e problematizador acerca das experiências de jovens que vivem processos de vulnerabilidade social, tendo uma aplicabilidade multifacetada. Destina-se a capacitação de estudantes e profissionais da saúde, da assistência social, da educação, da arte e da cultura, bem como a jovens e adultos interessados no tema. Pode ser utilizado em atividades que envolvam a análise de fotos na discussão das experiências juvenis, servindo como suporte para oficinas educativas e programas de mediação cultural.

Cabe ressaltar que o catálogo permite que o processo criativo dos jovens/pesquisadores/artistas seja documentado, fornecendo informações sobre as técnicas, materiais e motivações por trás das obras. Isso é valioso para futuras gerações de jovens, de artistas e pesquisadores.

### **Limites da aplicabilidade**

Este catálogo tem ampla aplicabilidade, mas seu uso e impacto podem se restringir aos grupos de interesse em discussão da temática.

### **Abrangência**

Este catálogo pode ser utilizado em todo o território nacional, considerando a aplicabilidade acima descrita.

### **Disponibilização**

O catálogo estará disponível enquanto material gráfico e disponibilizado no formato PDF no sítio eletrônico do programa <https://sites.usp.br/mestrado-profissional-terapiaocupacional/produtos-tecnicos-tecnologicos/>.

Ficará disponível de modo aberto para interessados, com a prerrogativa de ser citado quando utilizado. Este catálogo é licenciado sob uma licença Creative Commons CC BY-NC-ND que permite a redistribuição desta obra, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo; o crédito seja atribuído ao autor original; não poderá ser utilizado para fins comerciais e o material não pode ser alterado, transformado ou incrementado.

Após a defesa da dissertação, será solicitado o ISBN para este produto.

## Referências Bibliográficas

Galheigo, SM. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. São Carlos [internet] 2020, 28(1):5-25, Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>

Gardner P. [Centre for Critical Qualitative Health Research]. Entrevista qualitativa: mais do que perguntar e obter respostas [vídeo]. Montreal: 2018. Disponível em: <http://redequali.unb.br/index.php/pt/recursos/videos>

Gonçalves, MV, Malfitano, APS. O conceito de mobilidade urbana: articulando ações em terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. UFSCar, São Carlos, [internet] 2021. 29, e2523. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF1929>

Kilomba G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. Lisboa: Cobodó; 2008.

Oliveira, RC. O processo de construção da juventude como categoria social: notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos. *Anais do 16º Encontro de Pesquisadores em serviço Social*, UFES, Vitória, 2018.

Osorio LC. A função-curador: discurso, montagem, composição. *ARS* [Internet]. 30º de dezembro de 2019 [citado 10º de fevereiro de 2025];17(37):29-44. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/164117>

Pais, J.M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, Portugal [Internet] 1990. 25(15):139-165, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41010794>

Quaiatto RD, Lima AC de. Exposição colecionismo: relações entre curadoria e mercado da arte. *POARTE* [Internet]. 30º de julho de 2020 [citado 10º de janeiro de 2025];25(43). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/103662>

Wang C. Photovoice: a participatory action research strategy applied to women health. *Journal of Women's Health*, 1999 185-92.

Wang CB, Burris MA. Photovoice: Conceito, Metodologia e Uso para Avaliação Participativa de Necessidades. *Educação em Saúde e Comportamento*. [Internet] 1997. 24(3):369-387. doi: 10.1177/109019819702400309

Capa Ilustrativa:

## Trajetórias em movimento: imagens e narrativas de jovens nos territórios da vida



  
MEDICINA  
USP

 **TERAPIA OCUPACIONAL**  
E PROCESSOS DE INCLUSÃO SOCIAL  
Mestrado Profissional FMUSP

Eduarda Barbosa de Souza  
Sandra Maria Galheigo